

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA – PROMESTRE

Marilene Sacramento Miranda

**FORMAÇÃO LEITORA DE ESTUDANTES DA EJA  
POR MEIO DA LITERATURA DE CORDEL**

BELO HORIZONTE-MG  
2023

Marilene Sacramento Miranda

**FORMAÇÃO LEITORA DE ESTUDANTES DA EJA  
POR MEIO DA LITERATURA DE CORDEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE), Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial para a obtenção de título de Mestra em Educação e Docência.

Linha de pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades com foco em artes e filosofias e resistências

Orientador: Prof. Dr. Vinícius da Silva Lório

BELO HORIZONTE-MG  
2023

M672  
f

Miranda, Marilene Sacramento, 1970-  
Formação leitora de estudantes da EJA por meio da literatura de cordel[manuscrito] / Marilene Sacramento Miranda. -- Belo Horizonte, 2023.156 f.: enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Vinícius da Silva Lírio.

Bibliografia: f. 127-131.

Anexos: f. 132-156.

1. Educação -- Teses. 2. Educação de adultos -- Teses.  
3. Alfabetização de adultos -- Teses. 4. Leitura -- Estudo e ensino -- Teses.  
5. Leitura -- Métodos de ensino -- Teses. 6. Literatura de cordel -- Teses.  
7. Letramento -- Teses. 8. Literatura brasileira -- Estudo e ensino -- Teses.  
9. Interesses na leitura -- Teses. 10. Bahia -- Educação -- Teses.  
I. Título. II. Lírio, Vinícius da Silva, 1983-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
DOCÊNCIA/MP

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO  
MARILENE SACRAMENTO MIRANDA**

Realizou-se, no dia 16 de agosto de 2023, às 09:00 horas, na sala 1204 da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 430ª defesa de dissertação, intitulada **FORMAÇÃO LEITORA DE ESTUDANTES DA EJA POR MEIO DA LITERATURA DE CORDEL**, apresentada por **MARILENE SACRAMENTO MIRANDA**, número de registro 2021652674, graduada no curso de **LETRAS - PORTUGÊS INGLÊS**, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em **EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA**, à seguinte Comissão Examinadora: Prof. Vinicius da Silva Lirio - Orientador (UFMG), Profa. Conceição Clarete Xavier Travalha (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof. Laureci Ferreira da Silva (Universidade Federal da Bahia).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada.
- Reprovada.
- Aprovada com indicação de correções.

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para:

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 16 de agosto de 2023.

Prof. Vinicius da Silva Lirio (Doutor )  
Profa. Conceição Clarete Xavier Travalha ( Doutora )  
Profa. Laureci Ferreira da Silva ( Doutora )



Documento assinado eletronicamente por **Vinicius da Silva Lirio, Professor do Magistério Superior**, em 22/08/2023, às 12:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---



Documento assinado eletronicamente por **Conceição Clarete Xavier Travalha, Professora do Magistério Superior**, em 23/08/2023, às 16:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---



Documento assinado eletronicamente por **Laureci Ferreira da Silva, Usuária Externa**, em 20/09/2023, às 11:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2485248** e o código CRC **E9C23330**.

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
DOCÊNCIA/MP

FOLHA DE APROVAÇÃO  
FORMAÇÃO LEITORA DE ESTUDANTES DA EJA POR MEIO DA  
LITERATURA DE CORDEL  
MARILENE SACRAMENTO MIRANDA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada, em 16 de agosto de 2023, pela banca constituída pelos membros:  
Prof. Vinicius da Silva Lirio - Universidade Federal de Minas Gerais  
Profa. Conceição Clarete Xavier Travalha - Universidade Federal de Minas Gerais  
Profa. Laureci Ferreira da Silva - Universidade Federal da Bahia

Belo Horizonte, 16 de agosto de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Vinicius da Silva Lirio**,  
**Professor do Magistério Superior**, em 22/08/2023, às 12:17, conforme  
horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de  
13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Conceição Clarete Xavier**  
**Travalha, Professora do Magistério Superior**, em 23/08/2023, às 16:00,  
conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº  
10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Laureci Ferreira da Silva**,  
**Usuária Externa**, em 20/09/2023, às 11:04, conforme horário oficial de  
Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro  
de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site  
[https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_or](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0)  
[gao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2485267** e o código  
CRC **1CA1716B**.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha mãe, Ana (in memoria), que sempre sonhou em me ver formada e mesmo com sua simplicidade me deu tudo o que tinha.

Aos meu filho Adilson Junior Sacramento Miranda e minhas filhas Ana Clara Sacramento Miranda, Andressa Sacramento Miranda e ao meu esposo Adilson Miranda por vivenciarem comigo esta luta para estar aqui.

As minhas queridas irmãs por serem o meu braço direito.

Aos meus sobrinhos que muito contribuíram nesta caminhada

A professora Laureci Ferreira da Silva que sempre me incentivou na busca a minha melhor versão.

## Agradecimentos

Agradeço a:

Deus por ter me concedido vida, saúde e inteligência para trilhar este caminho.

Nossa Senhora das Candeias por iluminar os meus passos e pensamentos.

Banca examinadora por aceitar o convite para participar da defesa desse trabalho.

Meu professor orientador Prof. Vinícius da Silva Lírio, por todo comprometimento, compreensão, incentivo desde o dia da entrevista e durante todo curso e pela paciência e sabedoria.

Grupo de estudo GENTES pelas alegrias compartilhadas, pela socialização do conhecimento e por todo aprendizado.

Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE), Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais (UFMG).

Aos professores do Mestrado Profissional – PROMESTRE, que me acolheram com muito carinho.

A minha mãe Ana e meu pai Júlio (in memória) por terem me gerado e transmitido valores e princípios.

Ao meu esposo Adilson Miranda, que durante esse período me escutou com paciência, incentivou e apoiou.

Aos meus filhos, Ana Clara Sacramento Miranda, Adilson Junior e Andressa Sacramento Miranda por estarem presentes neste percurso e me incentivando diariamente a minha vida.

As minhas irmãs Marlene, Marinalva e Marineide, por nosso elo e companheirismo.

A minha tia Júlia que é uma tia mãe, pessoa que me acolheu e contribuiu com meu processo formação humana.

Aos meus sobrinhos Jacson Sacramento, Ana Jéssica Conceição, Rafael Gomes, Edson Gomes, Pâmela Sacramento e Paloma Sacramento que ouviram várias vezes falar de estudos e pelo incentivo.

Ao meu cunhado, Pablo com sua paciência e incentivo contribuiu na minha caminhada.

A minha filha adotada, Thalita Regina, pela revisão do trabalho e por todo incentivo e carinho.



A dona Maria Ferreira da Silva, matriarca da família Ferreira e toda sua família por me acolherem na sua casa durante as reuniões do grupo estudos.

Professora Laureci Ferreira da Silva por caminhar junto comigo deste de 2005, me apoiando e colaborando nos meus estudos.

As minhas amigas, Joselita da Encarnação, Edinha dos Santos de Jesus, Jaira Cardoso, Terezinha Paim e Rebeca Nairam Martins.

Ao meu amigo Josimar Mota da Silva

A professora Bruna Vasconcelos e o professor Diego Argolo por estarem presente, nesta jornada de idas e vindas para Belo Horizonte e por me incentivarem durante esta caminhada.

As professoras Maria Rita de Cássia Rodrigues, Márcia de Oliveira Sales por sempre acreditarem em mim.

A professora Maria de Fátima Andrade por contribuir nesse percurso de estudo.

A mais nova amiga Juliane Lelis por compartilhar conhecimentos comigo.

Aos alunos, sujeitos da pesquisa, que foram essenciais na minha construção enquanto pessoa e professora.

Ao Colégio Luiz Viana Filho por me acolher.

“Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo do céu [...] tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou.”  
(BÍBLIA, Eclesiastes, 3, 1-2b)

## RESUMO

Este estudo apresenta uma reflexão sobre o processo de formação leitora dos/as estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), durante a realização desta investigação no Colégio Estadual Luiz Viana Filho (CELVF), localizado na cidade de Candeias-BA, por meio da Literatura de Cordel. Este estudo teve como objetivo identificar quais as ações que podem ser desenvolvidas para aumentar a capacidade de leitura dos/das participantes da pesquisa, continuar a ler no seu dia a dia e prosseguir estudando. Para tanto, foi utilizado procedimento metodológico autoetnográfico, porque permitiu que eu observasse como o estudo do meu eu, individual, podia contribuir para as questões relevantes para uma coletividade e vice-versa. Ao mesmo tempo, realizar a experiência de estudar o processo de formação leitora dos estudantes e de (auto) formação da professora-pesquisadora considerando a história pessoal, cultural e social dos/as participantes desta pesquisa e as condições específicas nas quais ocorrem o ensino-aprendizagem de leitura. Foram esses fatores que me levaram a optar pela Literatura de Cordel. Outro fator que contribuiu para a minha escolha foi o fato de ser um gênero textual que apresenta significados, histórias, culturas e potencial para compor uma experiência estética com a qual os/as alunos possam se identificar. Além disso, admitiu a presença das várias vozes dos/das estudantes, que perpassam a criação de textos, atuando também como cordelistas. O propósito deste estudo é discutir a relevância da Literatura de Cordel na escola, uma vez que é considerada uma Arte. Os/as participantes tiveram a oportunidade de ler e criarem e tornaram-se autores/as de textos de cordéis, aprimorando sua habilidade leitora e criativa, por meio de vivências estéticas durante as oficinas de leitura e criação, que gerou o produto pedagógico desta pesquisa.

**Palavras-chave:** EJA; ensino de leitura; formação leitora; letramento literário; literatura de cordel.

## ABSTRACT

This study presents a thoughtfulness on the reading training process of the students from the Andragogical Youth and Adult Education (EJA), during the fulfillment of this investigation at the Public State Education Institution: “Colégio Estadual Luiz Viana Filho (CELVF)”, located at the city of Candeias-BA, through the Cordel Literature. This study aimed to identify which actions can be developed to increase the students who participated of this research reading capacity, so they can continue to read day after day and keep up on their groundwork. For that reason, the autoethnographic methodological procedure was used because it allowed me to observe how the study of my individual self could contribute to relevant questions to a whole collectivity, and vice versa. At the same time, carry the experience of studying the reading training process of students and (self) training of the professor-researcher considering the personal, cultural, and social story of the participants in this scrutiny and specific conditions in which teaching-learning of reading occurs. These were the factors that led me to choose Cordel Literature. Another factor that contributed to my personal choice was the fact that it is a textual genre that presents definition, histories, and cultures and the potential to compose an aesthetic experience in which students can identify themselves with. Moreover, it admitted the presence of many student’s voices, that pervades the texting creating, participating as “Cordealistas” as well. The purpose of this study is to discuss the relevance of Cordel Literature at school, once and since it is considered as Art. The participants have had the opportunity to read and create, and to become authors of Cordel texts, enhancing their reading and creative skills through exquisite livings at reading and creating workshops, which led to the pedagogical product of this research.

**Keywords:** EJA; teaching of reading; reading training; literary literacy; Cordel Literature.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 – Minha segunda experiência com a Literatura de Cordel na EJA, em 2022.

Figura 2 – Minha primeira experiência com a Literatura de Cordel na EJA, em 2010.

Figura 3 – Leitura do cordel no pátio do colégio para toda comunidade escolar.

Figura 4 – Reflexões sobre o EU

Figura 5 – Livros de Cordéis

Figura 6 – Exemplos dos cordéis lidos

Figura 7 – Exposição dos cordéis

Figura 8 – Estudantes observando os cordéis

Figura 9 – Um dos cordéis utilizado na oficina

Figura 10 – Cordel trabalhado na quinta oficina

Figura 11 – Cordéis produzidos pelos/as estudantes da EJA

Figura 12 – Apresentação do Cordel

Figura 13 – Apresentação de Rita Moura

Figura 14 – Apresentação do ex-aluno Rafael dos Anjos

Figura 15 – Relato da aluna Rita Moura

## **LISTA DE SIGLAS**

ACS – Atividade Complementar

CELVF – Colégio Estadual Luiz Viana Filho

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências

IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico Artístico e Nacional

LC – Literatura de Cordel

LDB – Lei de Diretrizes e Base

LP – Língua Portuguesa

MPEJA – Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos

NLPS – Novas Leituras, novas práticas e novos saberes

PCD – Pessoa com Deficiência

PPGLINC – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura

PPP – Projeto Político Pedagógico

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 A COMUNIDADE ESCOLAR: ENTRE O COLÉGIO, OS/AS ESTUDANTES E EU, A PROFESSORA</b> .....	27
1.1 O colégio.....	29
1.2 Os/As estudantes que compõem a turma da EJA.....	34
1.3 Eu, a professora-pesquisadora de Língua Portuguesa.....	42
<b>2 A LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS</b> .....	56
2.1 O Cordel como disparador das práticas de leitura na EJA.....	65
2.2 O processo de formação leitora com estudantes da EJA.....	69
<b>3 ENTRE A LEITURA, O CORDEL E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA</b> .....	74
3.1 Literatura de Cordel e letramento literário na EJA.....	85
<b>4 AS OFICINAS DE LEITURA E CRIAÇÃO: LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E DULTOS</b> .....	94
4.1 Primeira Oficina: Apresentação da proposta.....	95
4.2 Segunda Oficina: Um cordelista da atualidade.....	97
4.3 Terceira oficina: O cordel tem seu lugar na EJA.....	99
4.4 Quarta Oficina: Patativa do Assaré, um renomado cordelista brasileiro.....	103
4.5 Quinta Oficina: Cordel e suas diversidades.....	106
4.6 Sexta Oficina: Palestra O Cordel e suas Histórias.....	109
4.7 Sétima Oficina: Criação de cordéis.....	110
4.8 Oitava Oficina: Organização para apresentação.....	112
4.9 – Nona e última oficina: Senta aqui, que, agora, tem Cordel.....	113
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	122
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	128
<b>ANEXOS</b> .....	133

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, que tem como título *Formação Leitora de Estudantes da EJA através da Literatura de Cordel*, visa compreender o processo de formação leitora dos/as alunos/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ocorrendo a partir do desenvolvimento de práticas de leitura e criação, na sala de aula, com este gênero textual, junto a estudantes de uma turma da EJA em um colégio estadual do município de Candeias-BA, local onde a pesquisadora atua como professora.

O objetivo era identificar as ações coletivas que poderiam ser desenvolvidas com os jovens e adultos, de modo que estes vivenciassem e construíssem um processo de ensino-aprendizagem de leitura que os possibilitasse a reconhecer a função social de textos que circulam na vida social em que estão inseridos: em casa, na rua, na comunidade, na escola e nas mídias impressas de massa e digitais, de modo a reconhecer o propósito, o local de circulação, o autor e o público-alvo. Com isso, esses/essas estudantes poderem se posicionar criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, considerando seus contextos de produção e de circulação.

De acordo Arroyo (2017, p. 114) “os jovens e adultos que frequentam a sala de aula da EJA são sujeitos com histórias de repetência, defasagens idade-série, pertencentes a coletivos de classe, raça, etnia, campo e periferias, são trabalhadores e trabalhadoras”. Condições que exigem uma reconfiguração do ambiente frequentado por esses e essas estudantes, uma vez que a instituição escolar deve ser mais atraente e considerar esse público.

Perante essas demandas, considero a proposição de Sílvia Gomes de Santana Velloso (2017, p.24), ao explicar que “é possível dizer, que essa arte literária revela um modo de ser, de criar e de manter viva a cultura de um povo”. Nesse sentido, reconheci ser relevante levar, para o contexto de sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Literatura de Cordel.

Junto a isso, é raro sua divulgação no espaço escolar no qual atuo e a maioria dos livros didáticos fazem apenas referência, sendo algo bem sucinto. Presumo que a escola deve criar possibilidades para os/as aprendizes expandirem seus horizontes, visto que já apresentam uma leitura de mundo e cabe à escola, com a professora e demais membros da comunidade escolar, criar estratégias que permitam esses jovens e adultos a compartilhar seus saberes.



Desta forma, resolvi trabalhar a Literatura de Cordel, já que, de acordo Velloso (2017, p.148), é um estilo literário que envolve “elementos culturais, históricos e identitários dos sujeitos, referir-se à poesia cordelista como instrumento de leitura e letramento, sobretudo caracterizados por uma potência cultural e identitária, pode ser, de fato, uma proposta coerente”.

É necessário acrescentar que eu: a professora pesquisadora sou oriunda da zona rural, preta, filha de pais *in memorian*, trabalhei e estudei na zona rural, Vila de Bento Simões, comunidade pertencente ao município de Irará-BA. Desde a minha adolescência sonhei em ser professora para poder dar uma condição melhor a minha família. Fui professora leiga, neste momento, meu sonho estava começando a se realizar, pois, tinha meus primeiros alunos. Também lembro que minha mãe dizia que seu sonho era me ver professora da rede estadual e o meu sonho se fortaleceu dentro de mim.

Morei na zona rural da cidade de Pedrão-BA até 1988, nesse mesmo ano fui morar no município de Candeias-BA onde completei meus estudos. Chegando a Candeias-BA, trabalhei com reforço escolar por vários anos para ajudar nas despesas de casa. Sou casada, mãe de três filhos com idade de 25 anos (trigêmeos) e arrimo de minha família.

Minha formação inicial foi o magistério, concluído em 1989. Em 1991, ingressei no serviço público estadual como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental. Atuei durante 17 anos nessas séries iniciais. Em 2005, ingressei no curso superior em Letras Vernáculas com Inglês na Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Ao terminar a graduação, passei a lecionar no Ensino Médio, na EJA e no Ensino Fundamental das séries finais.

Nessa trajetória, há 13 anos leciono nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). No começo foi um choque, pois não tinha ideia de como lidar com essa modalidade de ensino. Nesse momento, fui participante de pesquisa do mestrado de uma aluna da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nesse processo formativo, discutimos como era ser professora da EJA e aprender, junto aos esses jovens e adultos, quais eram suas necessidades, seus desejos e como preparar aulas para esse público tão diverso. Confesso que foi um novo aprender, aprender o novo.

Através desse desafio tive em vista trabalhar de forma diversificada com os/as estudantes da EJA, trazer para o espaço escolar atividades que contemplassem seus anseios e assim fui descobrindo quais as dificuldades enfrentadas por eles e elas.

Em síntese, durante toda minha vida profissional sempre estudei porque acredito que o estudo é uma ferramenta de crescimento que contribui para o desenvolvimento pessoal, intelectual e profissional.

Além disso, outro incentivo ao longo da minha trajetória profissional, foi o meu processo de aprendizagem de leitura, incentivada por minha mãe<sup>1</sup>, que era analfabeta, mas comprava livros de cordel na feira e pedia para eu ler. Enquanto eu lia, os olhos dela brilhavam de felicidade e ela dizia: “*você será professora*”. Inclusive, a escolha pelo gênero textual Cordel foi pelo hábito de ler para minha mãe e minha avó e na adolescência me interessei pela Literatura de Cordel, ainda mais.

Graças a essa experiência, em 2011, ousei elaborar e desenvolvi um projeto didático em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na busca de encontrar alguns caminhos para desenvolver a competência de ler e produzir textos orais e escritos com aqueles/as alunos/as. Na ocasião, trabalhei com Literatura de Cordel porque nesse gênero textual foi viável descobrir uma das possibilidades de associar a leitura, literatura e oralidade. Além disso, esse gênero textual trata de assuntos do cotidiano e problemas sociais presentes nos contextos daquelas turmas.

Durante essa experiência, fiz descobertas que me levaram a ingressar no Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência (PROMESTRE/FAE/UFMG) para desenvolver uma pesquisa e uma ação educativa com a Literatura de Cordel, considerando o enfoque artístico. No meu projeto anterior mencionado anteriormente, percebi faltar algo ao lidar com esse gênero textual.

Vale aditar que, entre 2011 e 2019, trabalhei com outros gêneros textuais, dentre eles: os jornalísticos, literários (contos, romances, letras de músicas, poemas) e de divulgação científica. Sempre a procura de um ensino de leitura que atendesse as demandas dos/as estudantes.

Além disso, a Literatura de Cordel pode compor uma experiência estética, visto que apresenta as dimensões e possibilidades de criação e apreciação, aqui, a leitura, que admite a presença das várias vozes que perpassam a criação de textos pelos/as estudantes que integram essa pesquisa. Assim, nesse processo, serão valorizadas as contribuições

---

<sup>1</sup>*In memoriam.*

dos aprendizes nas construções de seu pensamento relacionando com seu cotidiano e na composição de novos seus saberes.

Assim, trazendo para o campo de estudo seus valores, tradições e o contexto social, a Arte, aqui, por meio da Literatura de Cordel, será compreendida, então, como o belo, incluindo a apreensão da realidade pela sensibilidade. Pois, como propõe Luigi Pareyson (2001, p. 22), “o aspecto essencial da Arte não pode ser somente o expressivo, pois todas as 'operações humanas' possuem natureza expressiva; entender Arte como 'expressão de sentimento' ou como 'linguagem expressiva' não esgota a essência do artístico”.

Cabe, nesse caso, a mim, professora, pensar como, na turma da EJA, é possível desenvolver atividades e criar oportunidades de experiências nas quais os aprendizes possam se expressar, reconhecendo a importância e a potência da arte, no cotidiano escolar, bem como, fora dele.

Isso implica considerar a explicação de Pareyson de que (2001, p. 22), “o que caracteriza a Arte, na sua essência, é uma rede atravessada por três dimensões: fazer, exprimir, conhecer”. Portanto, o aspecto essencial da Arte não pode ser somente o expressivo, mas incluir, na experiência com o artístico, nesse caso, com a Literatura de Cordel, a prática criativa, o exercício expressivo e o conhecimento gerado nesse processo.

Por conseguinte, é relevante salientar que este trabalho apresenta um diferencial, o trabalho com Literatura de cordel, considerando-a como arte. Sendo assim, o letramento literário, através do Cordel, tornou-se possível, ao passo que os/as alunos/as agregaram valores à literatura e procuraram, fora dela, elementos para compreender o texto e outras culturas, aproximando a leitura da realidade social.

Nessa conjuntura, é preciso valorizar e respeitar as várias formas de manifestações culturais, bem como, de expressões presentes no espaço escolar, enquanto ele é reflexo dos múltiplos sujeitos que ali convivem e das culturas que atravessam aquele espaço-tempo pedagógico.

Esse reconhecimento vai ao encontro do pensamento da pesquisadora Milena Guerson (2010, p. 10), que, ao articular os estudos de Ana Mae Barbosa, que sistematizou a Abordagem Triangular do Ensino de Arte, e Luigi Pareyson, filósofo italiano criador da Teoria da Formatividade, compreende que

o processo ensino-aprendizagem em Arte ocorre como “formatividade”, ocorre tanto no ambiente da escola, quanto na preparação das aulas pelos professores. Arte como instância do conhecimento induz a que os alunos aprendam com o professor e o professor se baseie na experiência dos alunos, para ressignificar

constantemente o conteúdo de suas aulas, aperfeiçoando criando novas metodologias, – em acordo com o contexto sociocultural – que podem se embasar na Abordagem Triangular, para viabilizar, com sua tríplice instância (fazer, ler, contextualizar), a educação artística e estética, fomentando o desenvolvimento do pensamento crítico.

Desta forma, os sujeitos envolvidos nesse estudo foram conduzidos para uma busca e construção de um espaço de reflexão, no sentido de compreender as diversas formas de manifestações e expressões artísticas, suas intenções, suas produções culturais, orais e escritas, e, assim, as diferentes formas de pensamento e de apreciação do belo. Aqui, no contato com a Literatura de Cordel.

Nesse sentido é que Guerson (2010, p. 13), compartilha o seguinte pensamento, a partir da leitura da Abordagem Triangular do Ensino de Arte, sistematizada por Ana Mae Barbosa:

[...] do “intercruzamento de padrões estéticos” e do “discernimento de valores”, os quais deveriam ser “o princípio dialético a presidir os conteúdos dos currículos na escola”; daí, sumarizando a Abordagem Triangular, esclarece que essa movimentação dialética se dá “através da magia do fazer, da leitura desse fazer e dos fazeres de artistas populares e eruditos, e da contextualização destes artistas no seu tempo e no seu espaço”.

Considerando essa linha de pensamento, foi necessário eu, a professora-pesquisadora, repensar minha proposta pedagógica, para propor ensino de leitura por meio da Literatura de Cordel que atendesse as demandas de aprendizagem específicas desses/as estudantes. Além disso, refletir sobre as representações construídas pelos/as alunos/as e como exercer o papel de professora mediadora entre os sujeitos e o objeto de conhecimento, considerando o/a aprendiz como protagonistas da construção de conhecimentos.

Nesse sentido, eu, como professora, em minha prática, busquei oportunizar aos estudantes as diversas possibilidades de expressão, sejam elas corporais, verbais e/ou não verbais. Trazendo, assim, a arte para o contexto escolar, dando espaço para as representações, criações e apreciações.

Diante do exposto, é indispensável buscar resposta para a seguinte questão: quais as ações podem ser realizadas para que o ensino de leitura na EJA, no contexto de uma escola estadual em Candeias-BA, de fato forme alunos/as leitores/as autônomos/as dos diferentes gêneros que circulam socialmente? E para responder essa pergunta foram elaboradas outras questões que surgem como desdobramento desta primeira, sendo complementares a ela: quais são as dificuldades apresentadas pelos/os estudantes da EJA,

na instituição supracitada, para ler os textos que circulam socialmente? Como a escola contempla a questão do ensino de leitura no projeto político pedagógico? De que maneira a concepção de língua, literatura e leitura adotada pela professora de LP pode interferir na sua prática pedagógica? De que forma as práticas leitoras as/os estudantes fora da escola podem interferir no processo de aprendizagem de leitura na EJA? Quais as ações a professora de LP podem desenvolver no sentido de contribuir na formação leitora dos/as alunos/as da EJA? Como a Literatura de Cordel, no contexto de experiências estéticas, pode contribuir para a formação leitora dos/as estudantes da EJA?

O objetivo desta pesquisa é analisar como ocorreu o processo de formação leitora dos/as alunos/as da EJA do Colégio Estadual Luiz Viana Filho em Candeias-BA, por meio da Literatura de Cordel, visando identificar as ações que formam desenvolvidas para que os jovens e adultos se tornassem leitores autônomos.

Para tanto, foram considerados os seguintes objetivos específicos: analisar o contexto sociocultural e as práticas de leitura dos/as alunos/as de uma turma da EJA, do Colégio Estadual Luiz Viana, em Candeias-BA; observar, durante o primeiro semestre do ano de 2022, como ocorre o processo de formação leitora, em oficinas de leitura, dos sujeitos participantes; planejar e desenvolver atividades de leitura utilizando recursos externos e internos (celular, computadores, livros de cordéis) por meio de estratégias interacionais, visando a melhor compreensão dos textos pelos/as aprendizes; elaborar e realizar oficinas de leitura com estudantes de uma turma da EJA de um colégio estadual do município de Candeias-BA, com o intuito de identificar quais os fatores que interferem na aprendizagem da leitura; acompanhar o processo de formação leitora dos/as participantes nas oficinas de leitura; analisar quais são as estratégias de leitura adotadas pela professora-pesquisadora para aprendizagem da leitura durante as oficinas; criar condições para que os/as estudantes da EJA vivenciassem experiências de leituras e criação de cordéis, durante as oficinas, que foram realizadas nesse processo de investigação.

Compartilhado o contexto e essas abordagens prévias, cabe ressaltar, que para atingir os objetivos, o estudo foi constituído pela pesquisa autoetnográfica (SILVA, 2017); colaborativa (IBIAPINA, 2008) e etnográfica (ANDRÉ, 1995). Conforme define André (1995), o estudo de tipo etnográfico é aquele cujos dados são de natureza qualitativa, sendo gerados, principalmente, a partir de observação participante e entrevistas intensivas.

Esse tipo de abordagem, para André (1995), possibilita, ao mesmo tempo, realizar a experiência e estudar o contexto escolar onde trabalhamos e, também, considera a história pessoal, cultural e social dos sujeitos que constituem a sala de aula e as condições específicas nas quais ocorre o ensino-aprendizagem.

A etnografia implica uma tentativa de descrição da cultura. Nesse sentido, Geertz (1978, p.17) utiliza o termo “descrição densa”, a partir do pensamento de Gilbert Ryle. Para Geertz (1978, p. 29). “O etnógrafo 'inscreve' o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimentos passados, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente”.

Para tanto, em termos procedimentais, Geertz (1978, p.15) aponta que “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”.

Nesse contexto, o processo autoetnográfico, também é reconhecido como parte da abordagem etnográfica, porque inclui a possibilidade de a pesquisadora usar sua própria experiência pessoal e dos/as alunos/as. Nesta pesquisa, então, a professora-pesquisadora buscará constituir uma relação com os/as estudantes e com a prática educativa desenvolvida no cotidiano escolar, através dos textos escritos e orais, pois eles/as passam a compor a interação entre sujeitos com uma situação comunicativa.

Assim, o trabalho realizado à luz da pesquisa etnográfica e autoetnográfica, por compor a pesquisa durante o processo de formação leitora dos educandos e a prática pedagógica da professora-pesquisadora no desenvolvimento das atividades, suas experiências de vida e o contexto nos quais estão inseridos. Também estão sendo analisados os aspectos culturais e sociais dos sujeitos envolvidos na pesquisa, visto que sala de aula é composta por indivíduos com saberes diversos, vindos de contextos diferentes.

O método utilizado nesta pesquisa foi a cartografia, uma vez que essa técnica permitiu à pesquisadora acompanhar o processo de pesquisa. De acordo com Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup (2009, p.52 – 70), “cartografar é acompanhar processos”. Dessa forma, na pesquisa cartográfica, foram elaborados relatos regulares após as visitas e atividades, que incluem tanto informações objetivas quanto impressões que surgem durante o encontro com o campo. Dialogando com esse pensamento, traço

um caminho de busca, de observação e participação dos/as estudantes envolvidos e acompanho o seu processo de envolvimento e desenvolvimento, durante o estudo.

Ainda, de acordo com Lírio (2020, p. 54-55), quando ao meu lugar também como sujeito da pesquisa, vale sublinhar:

Dentre eles, também estou, como parte desse lugar fronteiriço que vem construindo minhas práticas pedagógicas, enquanto, de um lado, ele é espaço-tempo destas investigações e intervenções, universo desta cartografia, do registro, das reflexões e sistematizações trazidas; e, de outro, entrecruzando-se, ao mesmo tempo que desenvolvo esse investimento, trago minhas autonarrativas, analisando-as, interpretando-as.

A escolha por essa metodologia se deve ao fato de que o fenômeno a ser estudado tem como eixo principal as vivências dos sujeitos da pesquisa e suas histórias de vida. Isso, também, pelo agrupamento, como explica Freire (2011, p. 30), “vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Assim sendo, esse grupo pessoas vêm carregado da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador”. Nesta proposta, a professora visou valorizar e respeitar os saberes que os/as alunos/as já possuem.

Desse modo, no processo de ensino e aprendizagem de leitura e criação implicado nesta pesquisa, está considerando suas histórias de vida, suas culturas, os contextos sociais e a linguagem nas quais os educandos estão inseridos, pois elas determinaram os rumos dos estudos.

Durante a realização da pesquisa, os/as educandos/as do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, do município de Candeias, região metropolitana de Salvador, participantes deste estudo, acessaram diversos de textos e de expandir da sua competência leitora e escritora, mediante atividades elaboradas e desenvolvidas coletivamente, no contexto de oficinas.

Essa compreensão orientou a realização de uma prática pedagógica com o movimento de ação-reflexão-ação, na qual se fez necessário planejar, executar, analisar e refletir sobre o que ensinar, como ensinar e o que foi aprendido e o que ainda é preciso ensinar-aprender. Nesse sentido, é que esta investigação terá como foco a prática leitora e criativa dos/as educandos/as de uma turma da EJA, de uma escola estadual em Candeias-BA, considerando o contexto cultural no qual eles/as estão inseridos.

Nesse contexto, será, então, participativa, enquanto inclui todos os que, de um modo ou de outro, estão envolvidos nela e é colaborativa em seu modo de trabalho (*op. cit.*).

Nessa perspectiva, foi investigado quais habilidades os/as alunos/as já haviam desenvolvidos e quais as suas atuais demandas e perspectivas em relação a sua formação leitora e escritora. A partir do diagnóstico, a professora-pesquisadora planejou, aplicou e avaliou as atividades de leitura e escrita, considerando o envolvimento dos alunos e as demandas individuais apresentadas durante as oficinas, para elaborar atividades que pudessem contribuir para a formação leitora dos alunos da EJA do Colégio Estadual Luiz Viana.

Foi utilizada também nesse processo de investigação a pesquisa colaborativa porque Ibiapina (2008, p. 19) afirma que,

no âmbito da pesquisa colaborativa é comum a compreensão de que os docentes, em interação com o pesquisador, constroem teoria sobre as suas práticas profissionais quando negociam crenças e valores e interpretam reflexiva e dialeticamente com os pares suas compreensões a respeito da questão da investigação proposta pelo pesquisador, que remete ao projeto teórico do estudo também proposto por ele.

Diante do exposto, é necessário ressaltar que, neste estudo, a colaboração foi realizada nas relações estabelecidas, por meio das diversas práticas de interação entre educandos/as e a professora-pesquisadora.

A escolha pelos procedimentos metodológicos que compõem a metodologia deste estudo deve-se ao fato de que o fenômeno a ser estudado tem como eixo principal as vivências dos sujeitos da pesquisa e suas histórias de vida, incluindo a própria docente, autora deste estudo.

Nesta pesquisa, a escola será pensada como um espaço onde o/a aluno/a pode participar de práticas sociais de leitura e criação. O estudo será desenvolvido em uma turma da EJA, do noturno, em um processo pedagógico no qual os/as estudantes envolvidos terão oportunidades de ter acesso a diversos textos da Literatura de Cordel, expandindo sua competência leitora, por meio de experiências estéticas, em oficinas de leitura – produto pedagógico desta pesquisa.

Desta forma, serão consideradas as práticas realizadas pelos sujeitos, dentro e fora do ambiente escolar, a fim de abranger diversos usos da linguagem, por meio dos textos orais e escritos, que circulam na coletividade que compõe aquele agrupamento.



Nesse contexto de aprendizagem, incluindo aquele que irá compor as oficinas de leitura propostas, para atingir os objetivos deste estudo, usei procedimentos e recursos a seguir:

- a) Diário de bordo – um instrumento necessário para registrar os acontecimentos que atravessaram a pesquisa e o processo pedagógico, no contexto das oficinas. Corroborando com a perspectiva de Machado (2002, p. 263), para quem “é a partir dele, que cada pesquisador poderá vislumbrar o futuro, sendo o Diário de Bordo um canteiro em formas, um corpo em movimento”;
- b) Observação da sala de aula – aconteceu nos dias das aulas de Língua Portuguesa, das quais sou professora, com a anuência e autorização dos/as estudantes, onde serão desenvolvidas as oficinas de leitura com Literatura de Cordel;
- c) Entrevista com os/as educandos/as, para ouvi-los sobre suas experiências, histórias e acerca do próprio processo pedagógico desenvolvido, durante esta investigação;
- d) Análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Luiz Viana Filho, por ser um documento que expressa alguns aspectos da identidade desta Unidade Escolar, com medidas que definem pressupostos, finalidades educativas e as diretrizes gerais da proposta pedagógica da instituição. E, ainda, por reconhecer que, como afirma Veiga (1998, p.01).

O projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

e) A elaboração de um projeto de intervenção e a realização de oficinas de leitura e criação, com Literatura de Cordel, a partir do segundo semestre letivo de 2022, com alunos de uma escola estadual do município de Candeias-BA, onde a pesquisadora atua como professora, como parte da metodologia desta pesquisa.

f) Sistematização do estudo, no formato de dissertação.

Nesse cenário de aprendizagens, trânsito nas diversas leituras, buscando construir meus conceitos, embasando-me na minha própria experiência e em diálogo com estudiosos, provocando-me: O que fazer? Como fazer? Questões que surgem no silêncio das minhas indagações no percurso da pesquisa que deu origem a este estudo. Em um movimento de escrita, em ações atravessadas por leituras, transitando por novos espaços,

ampliando meu campo do conhecimento, provocada, diariamente, e alcançando novos horizontes.

## **1 A COMUNIDADE ESCOLAR: ENTRE O COLÉGIO, OS/AS ESTUDANTES E EU, A PROFESSORA**

Neste capítulo, apresento a conjuntura da pesquisa, os/as participantes, a professora pesquisadora, um histórico do contexto em que a pesquisa se realiza, uma descrição da unidade escolar, bem como, a história do bairro no qual a escola se localiza.

A investigação foi realizada em um colégio da rede estadual da cidade de Candeias-BA, no turno noturno, com a pretensão de contribuir para democratização dos saberes e por entender que o acesso ao conhecimento é um direito de todo cidadão. Esse é um dos motivos por optar pela Literatura de Cordel para integrar a formação dos/as estudantes que participaram desta investigação.

A pesquisa de campo iniciou no segundo semestre letivo do ano de 2022, com uma turma da EJA do noturno do CELVF, situado na Rua Desembargador Teixeira de Freitas, s/n, no município de Candeias-BA, região metropolitana de Salvador, BA, com estudantes da EJA. Nesse cenário, desenvolvi oficinas de leitura utilizando a Literatura de Cordel, visando potencializar as habilidades de leitura dos/as participantes. Além disso, trazer para o espaço escolar as múltiplas vozes presentes no cotidiano dos/as aprendizes, valorizando suas culturas e, logo, os contextos em que os/as estudantes estão inseridos/as.

Os/as educandos/as envolvidos/as nessa pesquisa, alguns residem na zona urbana da cidade, em bairros localizados no centro e na periferia da cidade e outros nos distritos. São jovens e adultos pertencentes a uma classe com poucos recursos econômicos e famílias pouco letradas. Apresentam faixa etária entre 18 e 50 anos, são trabalhadores, alguns desejam ingressar no nível superior de ensino e outros preferem fazer cursos técnicos.

Conforme Arroyo (2012, p. 26) explica, trata-se de

atores sociais em cena. Estavam em cena, mas se mostram como atores em público, com maior ou novo destaque. Seu perfil é de trabalhadores, camponeses, mulheres, negros, povos indígenas, jovens, sem teto, sem creche... Sujeitos coletivos históricos se mexendo, incomodando, resistindo. Em movimento. Articulados em lutas comuns ou tão próximas por reforma agrária, urbana, educativa. Por trabalho, salários, carreira.

Diante dessa compreensão, percebi a necessidade de analisar as práticas de leitura dos/as alunos/as da EJA do CELVF, identificando os fatores que estavam interferindo na

aprendizagem da leitura dos textos compartilhados em sala de aula e, assim, verificar quais as habilidades que os/as alunos/as já desenvolveram..

Isso significa que eu, a professora, realizei atividades para que os/as estudantes enfrentassem os desafios e as transformações ocorridas na sociedade. Segundo Charlot (2013, p.100) “O professor deve ainda pensar de modo ao mesmo tempo ‘global’ e ‘local’. Há de preparar os seus alunos para uma sociedade globalizada e, de ‘ligar’ a escola à comunidade”. É preciso efetivar uma prática pedagógica com o movimento de ação-reflexão-ação na qual se fez necessário planejar, executar, analisar e refletir sobre o que ensinar, como ensinar e o que foi aprendido e o que ainda é preciso ensinar.

Decorrente disso, foi importante desenvolver atividades de leituras e criação que valorizassem o âmbito social e cultural do/da estudante da EJA. Trazendo para o espaço escolar seus saberes, suas linguagens, suas vivências, por serem histórias de vida, de conhecimentos e valores já construídos. E a partir da importância do valor de seus conhecimentos que cada jovem e adultos pode se apropriar das aprendizagens escolares de modo crítico na probabilidade de expandir sua compreensão, seus meios de atuação e interação no mundo.

Agora, cabe a apresentação do colégio com intuito de contextualizar os envolvidos nessa pesquisa, de forma que favoreça a interação entre a pesquisadora e os/as participantes. Ao longo desse estudo, constatou a relação de descobertas, pois os envolvidos são de ambientes similares e com histórias de vidas parecidas. Assim, apresento o percurso traçado por mim, enquanto professora-pesquisadora, junto aos/as estudantes, buscando compreender sua trajetória de estudo durante sua vida escolar.

Logo, neste trabalho, de modo geral, discuto sobre a formação leitora dos/as estudantes e da professora pesquisadora, a partir das observações feitas e das escutas desses/as alunos/as e de minhas experiências pessoais e profissionais. Reconheço, dessa maneira, que essas vozes precisam ser ouvidas à luz das suas experiências, em sala de aula e fora dela, e, assim, trazer para o ambiente escolar uma discussão sobre a aprendizagem do ensino da leitura.

Para Sílvia Gomes de Santana Velloso (2017, p. 138), “a leitura é extrapolar os limites do impresso, do gráfico, do expresso pela voz, dando novos sentidos, preenchendo os espaços vazios”. São esses limites que eu, a professora-pesquisadora, extrapolo junto aos/as participantes da pesquisa, por meio de experiências vivenciadas com a turma da EJA.

Nessa perspectiva, apresento informações sobre a circunstância na qual o estudo se realizou, o perfil dos/as estudantes e, também, um relato sobre a minha história de vida, com um enfoque sobre o processo pelo qual me tornei professora.

No decorrer desse processo refleti acerca da minha própria formação leitora e dos/as estudantes. Vale ressaltar, porém, que esse estudo tem um olhar direcionado para a turma da EJA, procurando compreender seu processo de formação enquanto leitores autônomos.

## **1.1 O colégio**

Conforme que já foi apresentado, este estudo se realiza no CELVF, localizado na Rua Desembargador Teixeira de Freitas, no bairro Pitanga, município de Candeias, região metropolitana de Salvador – Bahia.

O bairro, onde o colégio se situa, tem suas origens na construção do Engenho da cana-de-açúcar, pelos portugueses, entre 1563 e 1566. Nessa época a cidade de Candeias surgiu em torno desse engenho. Logo nas primeiras décadas do século XX, esta era habitada por trabalhadores agregados do usineiro Horácio Pinto. Depois disso, bairro passou a ser habitado por funcionários da empresa Petróleo Brasileiro S/A (PETROBRAS), os quais possuíam um alto poder aquisitivo, de acordo com Jair Cardoso Santos (2008).

Em torno desse engenho e da sua igreja uma pequena povoação se desenvolveu, originando o núcleo populacional de Candeias, surgindo as suas primeiras ruas: Largo da Igreja, Rua dos Milagres, Rua Direita, Rua do Barreiro, Rua do Tamarindo, Largo da Feira e Rua da Estação. A Rua Desembargador Teixeira de Freitas, onde o Colégio se localiza, é a principal rua do bairro e, nas primeiras décadas do século XX, era habitada por trabalhadores agregados do Usineiro Horácio Pinto. Nas décadas de 1950 e 1960, tornou-se bairro de petroleiros, com residências bem construídas e espaçosas. (SANTOS, 2008).

Por se tratar de um bairro habitado por petroleiros e funcionários da Petrobrás como, por exemplo: diretores, gerentes e funcionários de cargos altos, foi esboçado um planejamento urbano, onde alguns logradouros teriam nomes de estados brasileiros, a exemplo das ruas Rio de Janeiro e Alagoas.

A localidade, atualmente, possui supermercados, padarias, biblioteca, batalhão da Polícia Militar, posto médico, clínicas, escolas, farmácias, oficinas, entre outros tipos de

comércio e serviços que atendem a população da cidade. A existência deste conjunto de serviços facilita a vida de todos os moradores e da comunidade escolar. Deste modo, o bairro é considerado privilegiado, constituindo um dos motivos da procura por esta comunidade escolar.

Outro fator relevante é o acesso de qualquer tipo de transporte, tanto para os estudantes que residem na sede, quanto para os moradores dos distritos e cidades circunvizinhas, tais como: Salvador (Ilha de Maré), Madre de Deus, São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé, que utilizam transporte escolar disponibilizado pela prefeitura da cidade de Candeias. Além disso, os alunos e alunas da Ilha de Maré/Salvador utilizam um meio de transporte peculiar, o barco. Esses/as discentes pegam esse transporte marítimo no porto da ilha, com destino ao distrito de Caboto ou Passé e, depois, pegam o ônibus escolar para o colégio.

Segundo relatos de funcionários, antes de ser o Colégio Estadual Luiz Viana Filho, a instituição escolar era chamada de Escola Municipal de Candeias, na qual funcionava o antigo “ensino primário”, atual Ensino Fundamental I: primeira à quarta série; tendo, à noite, alfabetização. Em 1981, passou a ser Escola Luiz Viana Filho. Em 2009, a escola implantou o Ensino Médio e passou a ser o Colégio Estadual Luiz Viana Filho.

Essa instituição escolar é composta por cinco salas de aulas, todas com ar-condicionado, janelas de vidro, lousa branca e portas com visor. Esta estrutura possibilita um melhor conforto para os/as alunos/as.

Ademais, possui seis banheiros, sendo um deles para pessoas com deficiências (PcD), uma sala de professores, para socialização dos/as docentes, coordenadores/as e gestores/as, uma secretaria, na qual trabalham as secretárias e as auxiliares, organizando a documentação escolar, uma sala de gestores/as, onde a comunidade escolar é acolhida. Há, ainda, uma biblioteca, utilizada para pesquisa e leitura. No entanto, atualmente, está sendo revitalizada, por ter se tornado um ambiente insalubre para atender as demandas dos/as estudantes, dos/as docentes e de todos/as que frequentam a escola.

A escola possui uma cozinha, na qual são preparados os alimentos oferecidos, diariamente, aos discentes. Vale ressaltar que as cozinheiras e merendeiras têm formação mensal com uma nutricionista da Secretaria do Estado da Bahia – SEC/BA, visando balancear as refeições.

Há, também, um laboratório de informática com oito computadores de mesa, no qual os/as aprendizes elaboram slides, editam vídeos, realizam pesquisas e estudam pelo

dispositivo de jogos interativos digitais, sob orientação dos/as docentes. Ademais, em março de 2022, a escola foi contemplada com 36 *Chromebook's*<sup>2</sup> para os/as professores utilizarem durante as aulas com os/as estudantes do diurno e noturno mediante agendamento prévio com as profissionais da secretaria da escola.

O colégio funciona nos dois turnos: no diurno, com Ensino Médio, no qual atende os/as alunos/as com a faixa etária entre 14 e 17 anos; e no noturno, com a Educação de Jovens e Adultos, EJA (Tempo Formativo II, Segmento III, ETAPAS VI e VII)<sup>3</sup> matriculados/as estudantes a partir dos 18 anos. Esses dados constam na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/96 (BRASIL, 1996)

Esse colégio é considerado, pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), como de grande porte, porque, atualmente, estão matriculados cerca de 810 alunos/as. Essa mudança de médio para grande porte aconteceu devido à vinculação do anexo, situado no distrito de Candeias-BA, chamado de Caroba.

O colégio é bem-conceituado pelas famílias dos estudantes, principalmente pela sua localização. Os pais ou responsáveis são chamados pela direção para conversar sobre a aprendizagem do seu/sua filho/a. Alguns não esperam ser chamados para ir à escola, mas têm que comparecer para informar sobre alguma situação de saúde do seu filho e de sua filha.

Os pais ou responsáveis pelos/as alunos/as acreditam que a escola deve ser harmoniosa, reunir conhecimentos, entretenimentos, saberes e ter o envolvimento de toda a comunidade, promover projetos internos e extraclases para que, deste modo, seja vista como motivadora, dinâmica e participativa.

É importante salientar que há uma parceria entre a Escola e órgãos governamentais, como a Prefeitura local, que envia profissionais da saúde para o colégio para palestrar, cede o ginásio de esportes para jogos interclasses e disponibiliza ônibus para aulas de campo. Além disso, a Escola conta com o apoio do Batalhão da Polícia Militar, que

---

<sup>2</sup> *Chromebook* é um notebook da *Google* adequado para os estudos, tanto para universitários, quanto crianças e adolescentes, em idade escolar, bem como, jovens e adultos.

<sup>3</sup>Tempo Formativo I, que equivale ao 1º segmento do Ensino Fundamental, com duração de três anos (eixos 1, 2 e 3); Tempo Formativo II, equivalente ao 2º segmento do Ensino Fundamental, com duração de dois anos (eixos 4 e 5) 4) Segmento III, equivale Etapa VI e VII, com duração de dois, que corresponde a EJA, ensino médio.

oferece palestras e faz rondas escolares, e da biblioteca municipal, que os estudantes usam para pesquisar.

No bairro onde o colégio se localiza, existem outras escolas, com as quais é mantido um bom relacionamento, isto é, quando é solicitado das escolas vizinhas algumas informações referentes a cursos, professores/as e alunos/as, somos atendidas; ou quando é solicitado algum espaço para reunião e, além disso, há participação nos eventos, como projetos didáticos que acontecem no colégio.

Os professores que lecionam no colégio são, em sua maioria, efetivos, dos quais alguns são especialistas e quatro estão fazendo mestrado; outros quatro atuam sob o regime do REDA<sup>4</sup>, sob contrato temporário com a rede estadual que pode durar dois ou quatro anos. Há dois tipos desse regime especial: o emergencial, indicado pelo/a gestor/a do colégio, e o outro indicado pela Secretaria de Educação do Estado. Esses/as professores/as são submetidos a uma prova.

Os/as educadores/as estão sempre participando de formação continuada oferecida pela rede estadual de ensino ou fazendo cursos de seu interesse para melhor desenvolver suas atividades pedagógicas. São profissionais que fazem especializações, mestrado e cursos voltados para sua área de conhecimento por entenderem que a formação contínua é importante para sua prática educativa e formativa, adquirir novos saberes e, assim, desenvolver sua prática docente.

Cabe acrescentar, também, que contamos com uma coordenadora responsável por orientar os/as professores/as na condução dos trabalhos diários e no diálogo com os estudantes, com projetos interdisciplinares, participando do planejamento, do acompanhamento e avaliação das ações pedagógicas junto à direção, as/os docentes e alunos/as. Além disso, atua no sentido de propiciar momentos de reflexão e ações formativas durante as ACS<sup>5</sup>.

Atualmente, exerço a função de gestora e, em conjunto com um vice-diretor e uma vice-diretora, temos a responsabilidade de gerir as demandas administrativas e pedagógicas e coordenar a participação dos responsáveis e da comunidade escolar. Além disso, administrar os recursos públicos, supervisionar a administração do colégio e

---

<sup>4</sup>Regime Especial de Direito Administrativo. Foi implantado na Bahia pela Lei nº 6., tornando-se o instrumento apto para que a Administração Direta e indireta pudesse contratar agentes públicos em regime temporário e sem a realização de concurso público.

<sup>5</sup> Atividade complementar realizada na unidade escolar estabelecida pela SEC/BA.



participar diretamente de reuniões com diversos setores da Secretaria de Educação do Estado. Como gestora geral eu, também, tenho em vista manter diálogo entre a equipe de trabalho do colégio e em resolver ações de ordem documental e financeira.

No colégio, as pessoas trabalham e se relacionam de acordo com regras e princípios de responsabilidade e solidariedade, conforme as diretrizes da gestão democrática e participativa, respeitando as diferentes culturas. Isso ajuda a reconhecer os profissionais e a desenvolver um relacionamento de confiança, criando condições para um trabalho melhor.

Diante desse cenário, reconheço que o Colégio Luiz Viana Filho tem uma longa história dedicada à educação e de recepcionar com respeito e atenção com todos os que frequentam. O colégio, no noturno, recebe os/as alunas da EJA, um público que considero muito importante, que precisa de mais atenção, pois suas histórias de vida já vêm carregadas de anos de repetência, devido a problemas particulares.

É um público heterogêneo e, hoje, a sua maior parte é composta por jovens que vão estudar à noite devido a diversas situações, entre elas, o trabalho e a relação idade-série. Reconheço o quanto é importante dialogar com esses e essas estudantes, no sentido de estimular a continuar frequentando as aulas. Em seus discursos deixam claro a desmotivação pelos estudos, trazendo, para o espaço escolar, características do meio social no qual vivem.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta um percurso histórico marcado por lutas e desafios, atravessada por uma diversidade de saberes específicos que requer um olhar diferenciado, uma vez que “é composta por sujeitos de coletivos históricos se mexendo, incomodando, resistindo”, como aponta Arroyo (2012, p. 26).

Isso exige do/da docente uma postura investigativa no sentido de conhecer o modo de vida, de ser e de pensar dos/as alunos. Ainda de acordo com esse autor, a EJA é composta por jovens e adultos, que, na sua maioria, vivem uma história de exclusão social, são carentes de afetos, alimentação, moradia e trazem consigo histórias de vida atravessadas pelo sofrimento.

Nesse sentido, “reconhecer os jovens-adultos como passageiros em itinerários do trabalho para EJA nos obriga a interrogar, a nós e a eles, de que trabalhos chegam e a que trabalho voltarão” (ARROYO, 2017, p. 52). Assim são os/as jovens e adultos do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, dentre os quais, uma grande número de discentes vem direto

do trabalho para o colégio, já cansados e preocupados com o dia seguinte, eles lutam por dias melhores e melhores condições de vida.

Convém lembrar que são jovens e adultos que apresentam uma trajetória de vida sofrida, com diversas experiências no campo profissional, são marcados pela desigualdade social. Ao escutá-los/as, observo que querem recuperar o tempo que ficaram sem estudar, conquistar seu espaço de direito.

Esse cenário, me fez repensar e ressignificar minha prática pedagógica a fim contribuir propor um ensino de leitura por meio da Literatura de Cordel que desenvolva a competência de ler dos/as participantes deste estudo. Além disso, refletir sobre as representações construídas pelos/as alunos/as e como posso exercer a função de mediadora entre os/as educandos/as e a construção de conhecimento em um processo dialógico, como sugere Freire (2014)

## **1.2 Os/as estudantes que compõem a turma da EJA**

Os sujeitos que compõem essa pesquisa apresentam faixa etária entre 18 e 50 anos, são trabalhadores/as, residem na zona urbana e na zona rural da cidade, uns/umas em bairros periféricos e outros/as nos distritos da cidade de Candeias-BA. São homens, mulheres, em sua maior parte negros/as, operários/as, desempregados/as, domésticas, cuidadoras, dependentes químicos, são pessoas com valores culturais, políticos e éticos construídos ao longo da vida que se manifestam no espaço em que estão frequentando e assim criando suas convicções e expectativas do mundo que o cerca.

São jovens e adultos que pertencem a uma classe social de baixo poder aquisitivo, famílias com pouca ou quase nenhuma escolaridade e pouco letradas, vivem em condições diferentes e com intencionalidades diversificadas. Vindos/as de várias lutas e marcados/as pela desigualdade social, discriminação e preconceito. Estes sujeitos têm o trabalho como uma forma de melhorar de vida, e por isso trabalham durante o dia e a noite tem o desafio de enfrentar a sala de aula. Expressam o desejo de fazer um curso superior ou técnico, pois em conversas com eles e elas, deixam isso evidente.

Em diálogo com os/as estudantes, percebi o quanto querem mudar de vida, conseguir um trabalho para poder melhorar as suas condições financeiras e de seus familiares. Eles falam das dificuldades encontradas, do preconceito que sofrem, entre outros motivos.

Isto posto, apresento os textos autobiográficos<sup>6</sup> de alguns jovens participantes desta investigação. Estes/as estudantes não informaram o endereço completo onde residem por motivos particulares. Este contato com os/as discentes permitiu a construção de um diálogo entre os pares sobre as experiências vivenciadas por eles/as ao longo de sua vida. E assim respeitar seus saberes adquiridos no seu contexto social e cultural nos quais estão inseridos/as, e assim trazer o contexto da sala de aula estas vivências valorizando cada saber.

### **Texto 1**

“Sou Maria da Conceição, tenho dois filhos, eles estudaram aqui mesmo, os dois me incentivaram a voltar estudar, no início fiquei insegura, com muito medo de não conseguir, mas graças a Deus e a todos vocês estou conseguindo e amando a escola. Nasci em Maragogipe-BA, vim pra Candeias com dois anos, aqui cresci e estou até hoje, casei-me, mas não deu certo. Mais não desistir de meus sonhos, hoje sou divorciada, moro com meu filho e minha nora, minha filha mora em Minas Gerais. Pretendo fazer cursos e seguir em frente.

### **Texto 2**

“Maria José Souza, tenho 43 anos, nasci na data 27 de março de 1980, em Antonio Cardoso-Bahia, estudei até os 13 anos em uma escola do interior, mas ia só duas vezes na semana devido à distância. Aos 14 anos fui trabalhar como babá e minha patroa me colocou pra estudar a noite, estudei, aprendi a escrever e ler. Fiquei nesta escola por dois anos, mas conheci meu marido e vim morar em Candeias aos 16 anos. Com 17 anos, engravidei e fiquei sem estudar. Em 2002 completei a 4ª série em uma escola aqui na Cerâmica chamada Lindaura Carvalho, depois parei os estudos e só voltei em 2005 para a Escola Papa Paulo VI, aí engravidei da terceira fila e parei. Hoje estudo a noite, depois que concluir aqui pretendo trabalhar e continuar a fazer curso e passar para outras pessoas que nunca é tarde pra estudar. Eu vejo o quanto é importante o estudo...”

### **Texto 3**

“Eu me chamo Evely Costa, sou pernambucana, mas atualmente moro em Candeias-BA, há mais ou menos 11 anos. Quando sair de minha cidade para cá estava estudando, mas tive que parar por motivo da viagem, pois estava indo morar em outra cidade. Chegando aqui não quis retornar os estudos onde parei. Logo após a pandemia, quando em meio as dificuldades, as coisas estavam começando a melhorar. Foi aí que me matriculei no Colégio Estadual Luiz Viana Filho, não estou formada ainda, mas pretendo e não vou parar por aqui, sonho em ir além, e sei que posso ir adiante e quem sabe chegar a ingressar na tão sonhada Faculdade. Atualmente sou uma microempresária e tenho uma loja on-line, trabalho com moda evangélica, e pretendo em breve abrir a minha loja física, por isso pretendo me formar e ter uma formação para poder ter condições para investir no meu negócio. Onde já sou bem realizada por trabalhar com aquilo que amo. E para o futuro como já falei pretendo chegar a fazer Faculdade, e me matricular no curso de Assistente

---

<sup>6</sup> O nome dos autores/as do texto autobiográfico são fictícios.

Social, se assim for a vontade de Deus. E se tudo der certo de que eu venha exercer com excelência o meu trabalho, finalizo por aqui, não esquecendo de falar que através da EJA é que vou poder ter outras oportunidades, amei ter vivenciado cada aula, cada professor que tive a oportunidade de conhecer, e que me incentivaram bastante a avançar. A direção da escola que investe bastante em trazer o melhor para nós. Tenho orgulho de ser aluna da EJA.

#### **Texto 4**

“Eu me chamo Ivonice de Jesus os Santos, moro em Candeias há 56 anos, nasci aqui, amo minha cidade, meus pais já são falecidos, hoje sou viúva, moro sozinha, tenho dois filhos e um netinho, que, é especial, tem grau de Autismo, é uma criança amada por todos. Meus dois filhos são casados, graças a Deus, somos de família humilde com muito orgulho, somos três irmãs e que nossos pais sempre ensinaram pra nós fomos ser unidas, e é o que nós estamos seguindo, até hoje é difícil criar um filho, mas nós temos tentado dá o melhor pra eles. O mundo está aí para ensinar o que é bom, e o que é ruim, mas eu sempre fiz minha parte como mãe e pai também. Não tive oportunidade de terminar meu ensino médio, pois tive o meu primeiro filho ainda ia fazer 18 anos, e eu sempre pensando em terminar e nunca dava certo. Foram tantos tempos que passaram que tornou virando sonho de terminar e espero em nome de Jesus, no próximo ano, eu chegue a concluir com chave de ouro. Eu também tenho outro sonho para realizar que é mexer com computador, já tentei mais nunca aprendi e com notebook também. Eu me viro com celular, mas têm algumas coisas que preciso aprender.

#### **Texto 5**

“Sou Valda, desde pequena já tinha uma vida muito sofrida, pedi minha mãe cedo demais, fui criada pelas minhas tias, quando adulta comecei a trabalhar em casa de família, depois me casei, tive uma filha, me saparei depois de 10 anos de casada por traição, ou adultério por parte de meu esposo, tive a guarda de minha filha, tive que deixar os estudos cedo, fiz curso de trabalhar com cabelo, de manutenção de alimentos, trabalhei como ajudante de cozinha. Tive que deixar devido à depressão, hoje estou desempregada fazendo um cabelo quando aparece. O meu objetivo é terminar os meus estudos e não depender de homem, quero conseguir um emprego digno para sobreviver e quero fazer Enfermagem.

#### **Texto 6**

“Eu Orlando José de Santana, nascido em 12 de maio de 1946, região Barro Preto, Distrito de Lomanto Júnior, na Bahia. Filho de Manoel Pureza de Santana e Cecília Maria de Jesus. Cheguei em Candeias em 1963 e em 2108 fui estudar na Escola Municipal Laurentino Nolasco da Cruze na Escola Municipal Papa Paulo VI. Hoje estudo no Colégio Estadual Luiz Viana Filho. Pretendo fazer um curso de Instrutor para ensinar na Autoescola no ensino de motorista. Agradeço a Deus a oportunidade de estudar.

Após ouvir esses relatos é difícil continuar com as mesmas aulas, isso me levou a refletir sobre minha prática pedagógica, como posso fazer para que o/a estudante encontre sentido nas aulas que são realizadas. Assim me fez pensar e reconhecê-los como estudantes e trabalhadores com experiências de vidas e de muitos direitos negados, que

voltam ao espaço escolar em busca de mais conhecimentos com esperança de concluir os estudos.

De acordo Adriana Almeida (2016, p146):

o importante para entendermos a escola como um lugar estratégico para a formação intelectual do homem coletivo, onde os sujeitos podem compartilhar seus modos de pensar e de agir, de percepção e reconhecimento da produção da vida, da compreensão das relações sociais formadas historicamente e do lugar de cada jovem e adulto nessas relações, no processo de “fazer-se” classe social.

Além dos textos autobiográficos das participantes da pesquisa trago essa história de um ex-aluno que participou do processo de descobertas que fiz que me trouxeram ao PROMESTRE

### **Texto 7**

“Sou Rafael dos Anjos, nasci em Candeias, eu era conhecido como a galera da bagunça, mas sempre fui atraído pela arte, a cultura. Quando estava no ginásio a galera me chamava para fazer rimas. Estudei aqui neste colégio, ficava sempre, no fundo da sala, não era de falar muito, sempre atento nas aulas e gostava das artes. Concluí meus estudos Colégio Luiz Viana Filho no noturno, na EJA, gosto das artes:Hep, escrevo Cordel, vivo no mundo artístico. Comecei no curso de Pedagogia, mas tranquei, não me identifiquei. Hoje sou Fotógrafo e já fiz alguns cursos relacionados a fotografia e planejo fazer outros, ou seja, me aperfeiçoar.”

Diante do exposto, foi necessário repensar em práticas pedagógicas inovadoras que oportunizem a vivenciar novas expectativas de aprendizado. Acredito que antes de iniciar qualquer atividade é preciso desenvolver o hábito de ouvi-los, e assim fortalecer uma relação de confiança, um ambiente de (re) construção de saberes. De forma que a escola é o lugar de criar, incentivar e possibilitar novas aprendizagens.

Este estudo possibilitou pensar em uma prática pedagógica nas particularidades dos sujeitos que compõem a classe da EJA, e em temas que possibilite uma educação que não permita nenhuma discriminação. Para tanto, reflito os/as jovens compõem a sala de aula da EJA e percebo o quanto é relevante e essencial uma educação que ressignifique o pensar dos/as discentes, oportunizando uma nova forma de pensar e assim criar histórias no processo formativo.

Isto posto as atividades realizadas durante as aulas puderem proporcionar aprendizados possíveis de estimular a capacidades do/a aprendiz. Foi nessa dinâmica de sala de aula que realizei minha pesquisa, uma vez que, foi desenvolvido em espaço múltiplos de saberes.

Conforme a Declaração de Hamburgo, art.3º,1997;

todo processo de aprendizagem, formal ou informal, em que pessoas consideradas adultas pela sociedade desenvolvem suas capacidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, ou as redirecionam, para atender suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental.

Essas pessoas que constituem a sala de aula da EJA, no Colégio Estadual Viana Filho, em Candeias, possuem identidades diversas, fazem parte de conjunturas e grupos culturais diferentes. Esses estudantes que frequentam as aulas no noturno são, na sua grande maioria, desempregados. Alguns passam por dificuldades financeiras, precisando de cestas básicas para auxiliar na alimentação de seus familiares; outros são dependentes químicos, ex-presidiários e, ainda, alguns deles estão em regime de condicional, usando tornozeleiras eletrônicas e com horário determinado para chegar em suas residências.

Esses/as jovens e adultos que comparecem à sala de aula, são sujeitos com histórias de vida marcadas por alegrias e sofrimentos com experiências diferenciadas. Conforme Arroyo (2012, p.10).

Esses coletivos com suas presenças, seja nos movimentos sociais, seja nas escolas, trazem histórias dos processos formadores em contextos concretos, sociais, econômicos, políticos, culturais. Trazem uma lição de não deixar no esquecimento: todo pensamento social, pedagógico traz esse enraizamento nas relações, nas experiências sociais em que é produzido.

Seguindo essa linha de pensamento, os/as discentes da EJA enfrentam desafios para estudar, obstáculos que precisam atravessar todas as noites para se fazerem presentes no espaço da sala de aula e lá suas ideias são confrontadas, seus direitos na maioria das vezes não respeitados/as. Esses/essas estudantes ecoam suas vozes nos corredores da escola e muitas vezes ninguém escuta, não dá atenção. O que fazer diante dessa situação? Desta maneira é preciso elaborar atividades para que os/as discentes sejam envolvidos/as, com o propósito de sanar as lacunas já existentes.

Essa percepção tem sido fundamental para pensar minha prática pedagógica e a própria abordagem nesse estudo, algo que vai ao encontro do que afirma Carmen Brunel (2004, p. 21), ao sinalizar que “reconhecer que esses jovens possuem capacidades individuais e criativas faz com que eles adquiram novamente um sentimento de pertença ao espaço escolar, perdido, na maioria das vezes, ao ingressarem na EJA”.

Conforme as autoras Cláudia Regina de Paula e Marcia Cristina de Oliveira (2011, p. 60) “as questões mais contundentes que marcam o campo da EJA são aquelas que dizem respeito à organização do trabalho pedagógico, tendo como referência as experiências e as realidades dos/as educandos/as”. Para tanto, é preciso repensar o papel da escola.

Nós, professores/as, deparamo-nos, diariamente, com as dificuldades encontradas entre os/as estudantes da EJA, que apresentam uma história de repetência e/ou de abandono escolar, causando para esses/as, estudantes desmotivações. Nesse sentido, Brunel (2004, p. 21) aponta que “é necessário (re)significarmos o lugar ‘símbolo’ destes alunos/as e superarmos o rótulo de fracassados que frequentemente a comunidade escolar os impõe, e retomar com eles sua posição de sujeitos no processo educativo”.

Além disso, esses estudantes também não permanecem na escola devido a outros fatores, como problemas relacionados às exigências do trabalho, a exemplo do fato de que precisam trabalhar em outros estados ou municípios e, dessa forma, param de estudar. Aquém de muitos estudantes trabalharem em empresas, oficinas, lava-jatos, lojas, supermercados e saem tarde do trabalho, o que dificulta permanecer na escola.

Há, ainda, um currículo que não atende às demandas destes aprendizes. Nesse sentido, Valdo Barcelos (2012, p. 112) propõe “[...] uma conversa as possibilidades de reflexão e de intervenção nas questões curriculares e nas práticas pedagógicas tendo como ponto de partida o cotidiano vivido e a emoção da cooperação, da amorosidade, do acolhimento, enfim da aposta no diálogo como forma de aprendizagem com o outro”.

Isto posto, contribui para construção de uma modalidade de ensino e de práticas pedagógicas adotadas, na instituição escolar que compõe essa pesquisa, que ainda não estão implicadas em uma aprendizagem significativa para os/as estudantes.

Adjunto a essa situação inicial dos/as estudantes participantes da pesquisa, elas/as compreendem o texto curto, mas ainda não conseguem interpretá-lo. Diante desta situação, a maioria dos estudantes apresenta dificuldades para ler textos longos, bem como, em relação a outros aspectos da leitura, tais como: compreensão textual, inferência do sentido de uma palavra, identificação do tema de um texto, localização de informações implícitas no texto, entre outros. Esses são alguns dos fatores que tornam o processo de ensinar e aprender a ler, no sentido de formar alunos leitores autônomos, um desafio para as professoras da EJA.

Dispondo deste, como um dos fatores que torna um grande desafio, para os/as professores/as dessa modalidade de ensino, formar estudantes da EJA, da escola pública brasileira, em leitores dos diferentes gêneros textuais que circulam socialmente, isto é, o “desafio é formar praticantes da leitura e escrita e não apenas sujeitos que possam ‘decifrar’ o sistema de escrita” (LERNER, 2002, p. 27).

É importante ressaltar que foi nesse cenário que repensei a minha prática pedagógica, pensar em um ensino que, de fato, atendesse às demandas de aprendizagem desses estudantes, além de refletir sobre as representações construídas pelos/as alunos/as e como posso exercer o papel de mediadora entre os sujeitos e o conhecimento, colocando o/a aprendiz como protagonista da sua construção de conhecimento em um processo dialógico, como propõe Freire (2014).

Deste modo, foi necessário pensar sobre minha postura pedagógica, escutar os educandos e as educandas, conforme o que propõe Carmen Brunel (2004, p. 22), para quem,

[...] escutar é mais que ouvir, é tentar, pela fala do outro, entendê-lo na sua inteireza, é prestar atenção nos seus gestos, nos momentos em que sorri ao lembrar de algo ou de tristeza pela dor que aquelas palavras causam. É prestar atenção nas emoções que as palavras suscitam, como alterações de vozes, sensação de conforto ao dizê-las. Escutar é construir juntos um diálogo prazeroso, é sem dúvida um ato de amor.

Percorrendo esse pensamento, sinto ser preciso refletir sobre as representações construídas pelos/as alunos/as e, também, como exercer o meu papel de mediadora entre os sujeitos e o universo de conhecimento, criando espaços de aprendizagem para que eles possam desempenhar esse papel em um processo pedagógico que parta da realidade desses alunos e alunas.

Destarte considera o alerta de Paulo Carrano (2007, p.6), ao dizer que

além das dificuldades de acesso e permanência na escola, os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens. Isso implica em dizer que as escolas têm se apresentado como instituições pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extraescolar.

Neste enquadramento é imprescindível pensar em uma prática pedagógica, que transforme, questione e escute, fortalecendo os vínculos dos/das estudantes na instituição



escolar, tendo um olhar voltado para ressignificação da aprendizagem, valorizando os/as estudantes da EJA.

Assim, de acordo Arroyo (2017, p. 47), “[...] vê-los vindo do trabalho para a EJA nos obriga a compreender como se dá essa articulação entre as lutas pelo direito ao trabalho e à educação e à escola. Logo, é imprescindível desenvolver atividades para torná-los visíveis perante a sociedade”.

Diante do exposto, cabe ressaltar que, nessa pesquisa, a colaboração será realizada nas interações estabelecidas entre as diversas capacidades dos/as educandos comigo, a professora-pesquisadora, como explica Freire (2011, p. 30): “vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações e reivindicações, os seus sonhos. Essa ação colaborativa deve vir carregada de significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador”. Isto é, considerar a sua história de vida no processo de ensino e aprendizagem de leitura e da própria criação por ser que determina os rumos dos estudos.

É importante para os/as estudantes da EJA do Colégio Luiz Viana criar relações de pertencimentos no espaço escolar, para isso é necessário, para nós, docentes, reconhecermos quem são esses educandos e educandas, pois acredito que, conforme propõe Jaqueline Moll (2005, p. 140), “o papel da educadora é pensar formas de intervir na realidade, problematizando e dialogando com os/as estudantes. Sendo que o importante não é ‘depositar’ conteúdos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida”.

Ao iniciar minhas atividades na EJA, observei que as/os estudantes apresentavam dificuldades na leitura e na criação de textos orais e escritos, assim como, a sua representação, de maneira que formar leitores se tornou um dos objetivos desta professora, mas não limitada à decodificação e, sim, a/o aluna/o ler, compreender e interpretar, transitar nas várias linguagens que a leitura representa e o poder de apreciar o belo, o ritmo e a força da palavra que existe em um texto e vivenciá-la.

Apoio-me no pensamento de Freire (2011, p. 29), quando ele afirma “que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”, logo, reconheço a demanda, para mim, de observar que estes/as educandos/as já possuem conhecimento de mundo e que é preciso desenvolver habilidades de leitura e criação.

Nesse sentido, é importante trabalhar tais habilidades no âmbito escolar para que, de fato, construam seus saberes e, assim, possam atender as demandas que surgir no dia a dia no início deste estudo. Vale ressaltar que o/a aluno/a é sujeito de sua própria aprendizagem, sendo reconhecido, aqui, como um indivíduo capaz e responsável de compreender e atuar no mundo que o cerca.

Considerando a relevância da leitura e a necessidade de compreensão de um texto, Ângela Kleiman (2009, p. 13) explica que este

[...] é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.

Cabe a escola oportunizar aos/as estudantes vivenciarem experiências no contexto escolar, diversificando o momento da leitura, por meio de diferentes gêneros textuais e, com isso, criar possibilidades da inserção dessas alunas e desses alunos ao mundo da leitura, apresentando as várias faces do ler e criar.

Nessa perspectiva, é que Lírio (2020, p.43) propõe que “é preciso investir em processos pedagógicos nos quais se instaure um transbordamento das fronteiras disciplinares, considerando uma aprendizagem processual, dinâmica e que envolva troca de experiências e saberes/fazer, que provoque outros cruzamentos”.

Para tanto é primordial serem oferecidas oportunidades aos/as estudantes, conhecer os vários mecanismos da leitura e criação. Isso quer dizer, “[...] numa dinâmica que envolve, ao mesmo tempo, executar e inventar, ações implícitas na descoberta do que e como se faz (LÍRIO, 2020, p.86).

### **1.3 Eu, a professora-pesquisadora de Língua Portuguesa**

Sou a professora Marilene Sacramento Miranda, oriunda da zona rural, preta, filha de Ana Sacramento e Júlio Sacramento, ambos falecidos, tenho três irmãs que moram na mesma cidade que moro e um irmão falecido.

Nasci e cresci na zona rural, conhecida como roça ou interior, onde vivi até os 17 anos com minhas três irmãs, meu irmão, minha mãe e avó. Aos 04 anos, fui para a Escola Clodoaldo Campos, que ficava perto de minha casa. Mesmo assim, minha mãe me levava, por ser pequena, pois, naquela época, não havia educação infantil e nem alfabetização.

Lembro que, pela manhã, estudavam os menores, nas séries iniciais, primeira série e segunda série, e, à tarde, os maiores nas séries finais, terceira e quarta séries.

Era costume do local as mães, pais ou responsáveis colocarem os/as filhas/as para estudarem cedo e as crianças ficavam juntos com as maiores. Visto ser classe multisseriada, a professora conseguia desenvolver atividades diferentes para os/as alunos/as. Minha primeira professora se chamava Vanda Rolim de Moura, era muito querida por todos/as.

As aulas aconteciam em sua casa, em um salão grande. Neste salão, havia uma mesa enorme e todos ficávamos sentados em volta da mesa, das oito da manhã até às onze horas e trinta minutos. Durante este período, efetuava as atividades e estudava/dava a lição. Havia o recreio que era a hora de todos/as merendarem e brincar no terreiro de pega-pega, de roda, de bola de gude, entre outras brincadeiras.

Nesse início de estudos, lembro de estudar o ABC, o pequeno tinha o alfabeto, depois, o alfabeto com as iniciais dos desenhos e pelas letras do alfabeto com as iniciais das palavras e os nomes das palavras. Com um mês de aula, já sabia todo alfabeto, já reconhecia algumas letras, quando a professora perguntava, e, assim, foram passando os dias, meses.

Chegando no mês de junho, Mainha comprou um ABC grande, porque a “pró” pediu, pois já havia terminado o outro e começava a ler algumas palavras como: ovo e uva, associando a letra ao desenho, foi assim até o final do ano, e entrei de férias. Comecei a ler as primeiras palavras aos quatro anos e, a partir daí, fui descobrindo coisas novas, novas leituras.

No ano seguinte, ganhei a cartilha da Lili. Eu amava a cartilha da Lili. Foi o mesmo processo do ano anterior. A noite Mainha mandava eu ler para ela ouvir e ia me perguntando, apontando com o dedo: que letra é essa? Que palavra é essa? Ela ficava alegre em ver que eu já estava lendo alguma coisa. E, assim, todo início de ano era um livro novo, mais avançado. Aos sete anos, já sabia ler tudo, mas tive que repetir a primeira série, pois, na época, não podia ir para a segunda série devido à minha idade.

Nesse percurso de idas e vindas para escola, fui crescendo, minhas irmãs e meu irmão começaram a estudar, eu já estava numa série a mais que eles/as, surgiram amizades e parentes, íamos e voltávamos para escola conversando. Aos dez anos, concluí o antigo primário, mas minha mãe não pode me colocar na cidade para continuar os estudos. A

professora aconselhou Mainha a me colocar em outra escola para não ficar parada e, assim, foi feito. Repeti a quarta série em outra escola.

No ano seguinte, estudei na Vila de Bento Simões. Lá, foram oito anos de estudos, conheci professores muito competentes, fiz novas amizades. Para chegar à nova Escola, que se chamava Mário Campos Martins, atravessava o rio cheio, no período da cheia, e pasto de gado. Nessa época, vários/as colegas iam estudar no mesmo lugar que eu, todos/as íamos juntos/as. Na época da cheia, a gente levava a farda e o tênis para trocar na casa da merendeira da escola.

Porque na minha infância, ter repetido dois anos na primeira série devido à idade, e dois na quarta série, porque não tinha como ir para a cidade estudar, além de que questões de ordem financeira, concluí o Ensino Médio aos dezenove anos.

Desde a minha adolescência, sonhei em ser professora para proporcionar uma condição melhor a minha família, pois, naquele momento de minha vida, tudo era difícil, mal tinha o que comer, passava por muitas dificuldades. Sendo criada por minha avó e minha mãe, morava com três irmãs e um irmão, vivíamos do sustento da aposentadoria de minha avó e do trabalho braçal realizados por minha mãe, minhas irmãs e eu que exercíamos na adolescência para ajudar minha mãe. E, naquele momento, ser professora ajudaria muito minha mãe nas despesas em casa.

Enquanto estudava no Ensino Médio, fui professora leiga<sup>7</sup>, mesmo sem formação para exercer a função. “Professora leiga”, no interior do estado da Bahia, onde vivia, era a professora que não possuía formação acadêmica para exercer a profissão. Lembro que a turma era formada por 25 alunos/as da primeira série primária – hoje com a nomenclatura primeiro ano do Ensino Fundamental I.

A sala de aula era na minha casa, os/as estudantes se sentavam nos bancos em volta da mesa e eu me sentava na ponta ou na cabeceira da mesa. Todos/as colocavam seus materiais em cima da mesa e, ali, eram passados os exercícios no caderno, no quadro e, também, eram enviadas atividades para casa. Isso acontecia diariamente e, todos os dias, os/as alunos/as liam para eu ouvir, ou seja, era feita a lição, como se dizia, para saber se o/a estudante já sabia ler ou se já estava começando.

---

<sup>7</sup> De modo geral era termo empregado para designar quem trabalha nas séries iniciais do ensino fundamental, que não tem formação no Magistério.

Nesta época, trabalhava de manhã e, às 11 h, parava para me arrumar e ir estudar em Irará-BA. Eu estava na primeira série do Ensino Médio e assim foi durante um ano, em 1987. Naquele momento, meu sonho começava a se realizar, uma vez que podia dar aulas para os/as primeiros/as alunos/as. Estavam dando início ao primeiro trabalho e, assim, poder ajudar minha mãe.

Ainda lembro que minha mãe dizia que seu sonho era me ver professora da rede estadual, para poder lhe ajudar e diminuir seu sofrimento. Isto quer dizer que as pessoas que trabalham na roça sofrem com as condições que lhes são apresentadas, pois tudo é escasso e cada um/a sonha com dias melhores, com uma vida melhor. E com minha mãe não foi diferente.

Foi um período de muita correria, porque trabalhava na roça, era professora e estudava muito longe de casa. Mas, também, foi um tempo de muito aprendizado e muita felicidade, porque estava com minha mãe, com todos meus irmãos e com minha avó. Resumindo, era feliz, gostava de minha terra, do meu lugar, do meu povo, gostava daquele movimento de ir e vir, de passar pasto com bois, de atravessar rio cheio, de andar muito e chegar à escola, gostava de meus professores e professoras, dos meus e das minhas colegas de escola.

Cresci e vivi na zona rural na cidade de Pedrão-BA, desde minha infância até os 17 anos. No ano de 1988, fui morar no município de Candeias-BA, devido a um trágico acidente ocorrido que tirou a vida de minha mãe. Eu e minhas irmãs tivemos que vir morar naquela cidade, com minhas tias, que trabalhavam como empregadas domésticas. Chegando a Candeias trabalhei em mercadinhos, em feira livre. Nesses locais, trabalhava como vendedora. Além disso, fui professora de reforço escolar por vários anos, para auxiliar nas despesas de casa e, durante esse percurso, completei meus estudos. Hoje, sou casada, mãe de três filhos (trigêmeos), com idade de 25 anos, e provedora de minha família.

Vale destacar, que tenho várias experiências no campo da Educação, adquiridas durante 32 anos dedicados a ensinar e aprender. Minha formação inicial foi o magistério, que concluí em 1989. Em 1991, ingressei no serviço público estadual, como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, onde atuei por 17 anos.

Minha primeira experiência após a conclusão do Magistério foi no antigo primário, hoje, com a nomenclatura de Ensino Fundamental I. Trabalhei nas séries iniciais me possibilitou adquirir uma experiência afortunada, pois aprendi a planejar as aulas, a

elaborar projetos didáticos, a desenvolver atividades na sala de aula, nas quais percebia que os/as estudantes demonstravam ter aprendidos o que foi estudado em sala de aula e as famílias davam retorno desse aprendizado de seus/as filhos/as.

Foi durante minha permanência no Ensino Fundamental I, no qual trabalhei por muitos anos nas séries iniciais, quando, ao iniciar o ano letivo, os/as alunos chegavam sem saber ler e escrever, era uma luta, uma preocupação diária, vendo os dias passarem e eles/as ainda não dominavam a leitura e nem a escrita e eu desesperada, buscando novas maneiras para que os/as estudantes aprendessem a ler e escrevia.

Nessa expectativa, buscava a leitura nos próprios livros que eram encaminhados para o professor/a, nos quais há procedimentos metodológicos. Ali, havia algumas atividades e eu, também, criava outras, inventava, pedia auxílio as colegas de trabalho, enfim, investigava vários recursos para que os/as alunas/os, de fato, aprendessem a ler e escrever.

Na prática, não queria só a decodificação, mas, sim, a construção de sentidos, a leitura e compreensão do mundo que os cerca que os/as estudantes tivessem a oportunidade de se expressar, na escrita e oralmente, e poder fazer, saber, criticar e, assim, construir significados e novas aprendizagens de acordo com suas leituras. Cabe ressaltar, que reconheço ser preciso a inserção do/da aluno/a na cultura letrada, ter contato com diversos gêneros textuais e, nesse passo, expandir seu universo linguístico.

Após as atividades desenvolvidas na sala do primeiro ano do fundamental e, também, da colaboração das famílias nas atividades de seus filhos e filhas, eles chegavam ao final do ano lendo e produzindo textos. Lembro que a diretora da escola só queria que eu ensinasse ao primeiro ano do fundamental, pois, segundo ela, eu sabia conduzir as atividades que seriam desenvolvidas em sala de aula, ou seja, estava preparada para lecionar nas séries iniciais.

Visando que os/as discentes pudessem compreender melhor a discussão em andamento, nas minhas aulas, as atividades eram sempre realizadas para considerar e valorizar o conhecimento prévio dos/as estudantes, de maneira a contribuir com a aprendizagem dos/as alunos/as.

Durante esse período lecionando no Fundamental I, minhas aulas eram criativas, não ficava presa ao livro didático, levava atividades diferentes, oportunizava aos/as alunos/as vivenciarem coisas novas: apresentação de atividades, poemas, músicas, encenação, entre outras possibilidades, na sala de aula e no pátio, dramatização da leitura, declamação de poemas, paródias, entre outras; os/as estudantes também sugeriam o que desejavam

apresentar e como queriam e, assim, fui adquirindo novas experiências e sentindo a necessidade de que era importante pesquisar, planejar e elaborar outras atividades, tendo como referências as anteriores.

É interessante destacar que, desde aquela época, já existia o desejo de estudar e ampliar meus horizontes, de saber mais. Como explica Maurice Tardif (2014, p.35),

todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação; e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez, uma formalização e uma sistematização adequadas.

Durante minha permanência nessa modalidade, participei de várias formações oferecidas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Entre elas, uma formação continuada do Programa de Gestão de Aprendizagem Escolar-GESTAR. Esse curso durou dois anos e ressignificou meus saberes e fazeres pedagógicos. Essa formação, a meu ver, foi muito importante ao abrir novos horizontes, apresentou-me uma maneira diferente de planejar as aulas e elaborar projetos didáticos, ensinou-me a fazer relatórios das aulas, a anotar tudo o que ocorria durante as atividades executadas, por exemplo.

Em 2005, ingressei no curso superior em Letras Vernáculas com Inglês Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Ao terminar a graduação, passei a lecionar no Ensino Médio, na EJA, no Colégio Estadual Luiz Viana Filho e no Colégio da Polícia Militar Francisco Pedro de Oliveira, Ensino Fundamental II.

Este período foi de descobertas, de novos aprendizados, de novos desafios, pois enfrentar um público diferente me fez querer mais, pensar em novas fontes de buscar o conhecimento e buscar formação para atuar na área. Nesse aspecto, concordo com Francisco Imbernóm (2011, p. 58), quando ele reitera que “a formação consiste em descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir a teoria. Se necessário, deve-se ajudar a remover o sentido pedagógico comum, recompor o equilíbrio entre os esquemas práticos predominantes e os esquemas teóricos que os sustentam”.

No decurso da minha trajetória profissional, fiz múltiplos cursos de formação continuada, nos quais aprendi muito, o que contribuiu para minha prática pedagógica, em sala de aula, pois adquiri novos conhecimentos. Nesse quadro de estudos fiz algumas especializações, sendo a primeira delas a Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), pela Fundação Visconde de Cairu, no ano de 2014. Esse curso foi muito relevante para minha atuação nas turmas da EJA, pois compreendi melhor esse público e,

assim, pude pensar e desenvolver as atividades em sala de aula de forma mais dinâmica e criativa.

Ulteriormente fiz a Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2017. Essa formação trouxe um novo olhar para o meu aprendizado e para a construção da minha prática pedagógica na sala de aula. As leituras e discussões, durante o curso, abordaram caminhos que podem ser tomados para que, de fato, possamos alcançar o êxito com o aprendizado dos/as educandos/as. Outro fato importante e muito discutido foi o contexto do ensino e aprendizagem no qual esses cidadãos/cidadãs, que são estudantes, vivem e onde estão permanentes conflitos de identificações.

Na sequência, participei da Especialização em Gênero e Sexualidade na Educação, também, na UFBA em 2019, na qual fui apresentada a uma série de textos, atividades e vídeos voltados para o tema do curso, para serem pensados e discutidos nas aulas presenciais da especialização com a intenção de me preparar para quando estivesse na instituição escolar e pudesse lidar com as situações vividas nesse espaço.

Diante de todo panorama apresentado, fiz diversos cursos, todos voltados para área educacional, os quais reforço que foram de grande importância para minha caminhada profissional, pois, a partir do momento que estou em contato com outras leituras e participando de discussões relacionadas ao tema em questão, ascendo profissionalmente.

Assim, segui minha jornada e, em 2012, fui selecionada para ser supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/FACED/UFBA). Essa experiência foi mais um processo formativo no qual aprendi a supervisionar um grupo de futuros/as professores e professoras.

Nesse momento, foi preciso sair do meu lugar na sala de aula, daquele que conhecia muito bem, e ir para universidade ter contato com jovens estudantes cheios expectativas. Nessa função de supervisora tive que ler e produzir textos, relatórios e orientar os/as bolsistas nas produções e planejamentos das oficinas, estes bolsistas desenvolveram suas atividades na EJA, durante dois anos.

Nesse percurso de vida profissional, um tempo antes disso, em 2010, exerci minha profissão na EJA. Confesso que meu primeiro contato não foi fácil, foi assustador, um choque, pois não sabia como lidar com essa modalidade de ensino, na verdade, não sabia como ensinar. Naquele momento, percebi precisar conhecer, pensar e refletir sobre o contexto dos/as estudantes que constituíam aquela sala de aula, para, em seguida, fazer



os ajustes nos planos de curso ou até elaborar outros, visto que o planejamento anual é elaborado antes de iniciar as aulas. Diante disso, percebi a necessidade de planejar e elaborar projetos e sequências didáticas tendo em vista as demandas desses/as aprendizes.

Em meio ao desespero, fui convidada para ser sujeito de pesquisa do mestrado de uma estudante da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC) e, nesse período, nós discutimos como era ser professora da EJA e visamos entender quais eram as demandas dos/das estudantes, seus desejos e como preparar aulas para esse público tão diverso. Confesso que foi um novo aprender e, ao mesmo tempo, foi um desafio e assim, fui refletindo sobre minha atuação como docente da EJA.

Nessa nova caminhada e descoberta, fui aluna ouvinte e especial de mestrado na UFBA, no PPGLINC, e aluna especial, por duas vezes, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA), nas disciplinas Desenvolvimento *Cognitivo e Aquisição da Leitura e da Escrita na EJA* e da *A Formação do Professor Pesquisador*. Nessas disciplinas foram discutidas a formação do professor e o processo de formação leitora.

Atualmente, participo de um grupo de estudos, intitulado Grupo de Estudo Novas Epistemologias, Temáticas e Saberes-GENTES, composto por cinco professoras de Língua Portuguesa, com ações formativas que ocorrem às margens da universidade. Ele é coordenado por uma docente colega, hoje, Professora Doutora em Educação.

O grupo se reúne quinzenalmente, visando ampliar a nossa competência leitora e produtora de textos que circulam no ambiente acadêmico e ressignificar a nossas práxis. Esse grupo ressurgiu em meados da pandemia, que acometeu o mundo no início de 2020, para continuar com nossos estudos, que iniciou em 2014.

Em decorrência dos estudos realizados nesse grupo, participei de alguns eventos para apresentação da minha prática pedagógica. Também tenho alguns artigos publicados e até um livro, que conta a minha experiência na EJA, intitulado *Experiências na Educação de Jovens e Adultos, Caminhos no ensino a aprendizagem da Língua Portuguesa*<sup>8</sup>.

Nessa esfera de aprendizagem, tive a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e poder compartilhar um pouco dos meus saberes, pois entendo que o aprendizado acontece na reflexão crítica e permanente no processo da educação. É na escola que eu, a

---

<sup>8</sup> Autoria de Marilene Sacramento Miranda; Laureci Ferreira da Silva; Josimar Mota da Silva (2018).

professora de Língua Portuguesa, encontro-me, pois aprendi a ensinar, a refletir sobre minha prática pedagógica e a vivenciar o movimento de ação-reflexão-ação. E, junto a isso, criar autonomia profissional e ser autora das atividades que sala de aula e a teorizar sobre elas.

Em suma, em toda minha vida profissional, sempre estudei, porque acredito que esta é uma ferramenta de crescimento e contribui para o desenvolvimento pessoal, intelectual e profissional. Esse reconhecimento vai ao encontro do pensamento. Freire (1996, p.39), no qual afirma que, “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Durante minha adolescência, li vários cordéis para minha mãe e minha avó, pois elas não sabiam ler. Minha mãe comprava os cordéis nas feiras livres em Pedrão, Coração de Maria e em Irará, municípios baianos aos quais ela ia aos sábados comprar o básico para a nossa sobrevivência. Nessas feiras, os vendedores dos livretos, que ficavam pendurados em um cordão, formando uma espécie de varal, faziam algumas leituras com entonação de voz bem alta para chamar atenção do público.

Figura 1-Minha segunda experiência com a Literatura de Cordel na EJA, em 2022



Fonte: a autora, (2022)

O público parava em volta para escutar as leituras e a maioria se encantava com as histórias e comprava os livros. Lembro que era bem encantador ficar ouvindo aquelas histórias declamadas em praça pública, o que atraía todos que por ali passavam. Minha mãe, geralmente, comprava uns três, pois já tínhamos os dias da semana em que eram

feitas as leituras. Uma coisa que lembro muito bem era que, ao terminar a leitura, minha mãe tecia vários comentários em relação com alguma coisa apresentada pelo texto ou deixava um ensinamento.

Esses eram momentos maravilhosos, pois todos ficávamos atentos a leitura e dávamos muitas gargalhadas. Havia cada história de assombração. Isso me marcou e percebi o quanto a gente se identificava com esse tipo de literatura. Essas histórias me representavam, assim como, à minha família, uma vez traziam marcas das nossas identidades, da cultura e das nossas raízes. Mexia conosco. Ao mesmo tempo, em que ríamos, também, ficávamos tristes com aquele sofrimento que algumas histórias traziam, porque retratava a vida de um povo.

Para demonstrar o quanto esses momentos marcaram minha família apresento a seguir relatos de minhas irmãs: Marlene Sacramento e Marinalva Sacramento sobre o momento das leituras dos cordéis em minha família:

#### Relato 1-Marlene Sacramento

Lembro muito bem de quando nós éramos pequenas e nossa mãe ia à cidade. Ela sempre comprava os livrinhos de Literatura de Cordel para minha irmã mais velha ler depois de um grande dia de trabalho chegando à noite, após o café todos se sentavam para ouvir minha irmã mais velha ler a historinha, ali todos ficavam atentos a ouvir.

Às vezes nos sentávamos todos no terreiro com a lua bonita, vinham os primos e um casal de vizinho e todos se sentavam no chão em esteiras feitas de palhas para ouvir a historinha de Cordel. Minha mãe e minha avó não sabiam ler, mas tinha alegria de comprar vários livros para que nossa irmã lesse para todos. E assim foram vários e vários. Eu gostava muito e ainda me lembro de algumas histórias lidas pela minha irmã Marilene: A história da Sereia, a do Lobisomem. Essas leituras da Literatura de Cordel em nossas noites eram uma rotina que todos nós gostávamos.

Lembro também que minha irmã Ika (Marilene) nos ensinava todos os dias a noite o dever de casa, antes das ler as historinhas de Cordel, pois era a mais velha e sabia ler e por ser muito inteligente, pois Mainha se sentava em um banco e a gente ao redor da mesa onde minha irmã nos ensinava o dever, a lição de casa que a professora passava. Também era cada erro um beliscão e um murrinho nos braços pra variar, momentos esses que foram muitos importantes e bons foi onde aprendemos. (lembrando que a mesa onde a gente estava era de madeira e pés de ferro, que sacudia o tempo todo. Oh, meu Deus, como me lembro, sem falar que a luz era de candinheiro no gás, porque não tinha luz elétrica naquela época.<sup>9</sup> (Marlene Sacramento)

#### Relato 2 - Marinalva Sacramento:

Era um momento de extrema emoção, momento muito esperado por todos nós, aquele momento que ficou eternizado para sempre em nossas memórias e que jamais serão apagados. Algumas vezes mainha contava umas histórias da memória dela, eram magníficas, ela contando fazia com que cada um dos filhos/as viajasse no tempo, nas

---

<sup>9</sup> Este relato escrito por minha irmã em junho de 2023.

emoções, era como se estivéssemos vivendo cada palavra, cada frase falada por nossa mãe, transmissão do conhecimento dela através das histórias era tudo de bom.

Essas coisas que, no nosso futuro auxiliaram muito, nos fez crescer no nosso desenvolvimento cognitivo, mesmo sem saber, sem compreender aqueles momentos, nos ajudou na nossa educação, nos tornaram mulheres mais fortes, decididas, foram momentos únicos. Ao contar as histórias, percebíamos que nossa mãe fazia com que a gente interagisse com o imaginário.<sup>10</sup> (Marinalva Sacramento)

Essas vozes que trago aqui ecoaram e ecoam por toda vida minha pessoal e intelectual são vozes de minha mãe, avó, irmãs e irmão, pessoas que viviam comigo desde meu nascimento, vozes sofridas pelas perdas de alguns entes queridos, pela ausência de nosso pai. São as memórias por muito guardadas e não esquecidas e agora ao escrever minha dissertação minhas irmãs trouxeram essas tão vivas que parece que estou vivendo tudo de novo. Parafraseando Conceição Evaristo em seu livro cujo título é Becos da Memória.

Trago essas vozes no texto a seguir que foram importantes para meu crescimento como mulher negra nascida e criada na zona rural, classe de pouco poder aquisitivo, vozes atravessadas por vários sofrimentos, vozes que ecoaram no trabalho diário, no trabalho braçal, na agricultura de onde tirávamos nosso alimento de pais separados e criadas pela vó, mãe e tias.

Vozes...  
 Vozes de quem?  
 Vozes de mina avó  
 Vozes de minha mãe  
 Que ecoavam na lida diária  
 Vozes que cantavam enquanto trabalhavam  
 Para amenizar o sofrimento  
 Vozes tristes,  
 Vozes alegres  
 Alegres porque tinham sua família  
 Tinham fé, tinha Deus  
 Vozes emaranhadas nas lágrimas  
 Ao pensar no amanhã  
 Ao pensar na comida do dia seguinte  
 Vozes fortes e resistentes  
 As vozes da resistência  
 Eu sou uma da voz da resistência

Fonte: pesquisadora

---

<sup>10</sup> Este relato minha irmã contou e fiz a transcrição em junho de 2023.

É importante salientar que esses momentos foram relevantes para minha formação como pessoa e para meu crescimento intelectual, pois me fizeram refletir o quanto foram valiosos aqueles momentos em família. Além disso, percebi que mesmo minha mãe e minha avó não sabendo ler a palavra escrita se envolviam no mundo da leitura e destaco ainda a diversidade de vozes presentes nos textos.

Diante dessa conjuntura, sentia necessidade de levar para a turma da EJA, a Literatura de Cordel e considerar a existência da heterogeneidade e das várias identidades presentes na turma da EJA. Comecei a rever meus conceitos e posicionamentos, considerando, de fato, quem são esses/as estudantes.

Desse modo, posso afirmar que esse estudo, atravessado pela Literatura de Cordel, fortaleceu os vínculos com os/as estudantes e contribuiu para permanência dos/as estudantes na escola. Para mim, é imprescindível pensar em uma prática pedagógica que envolva a integração da arte e das culturas nas práticas pedagógicas e que considerem o contexto dos/as participantes.

Para acrescentar à discussão, trago os/as estudiosos/as, Ferreira; Marques e Bulhões (2020, p.104), porque eles/as explicam que “o cordel se afigura, em mais de um sentido, como gênero literário apto para estabelecer comunicação imediata, inteligível e didática com o público, oferecendo-se como veículo popular de persuasão revolucionária pela atividade artística”.

Sendo que o cordel apresenta características próprias, possui marcas do cotidiano e linguagem que representa expressão do pensamento e criação, refletindo sobre várias dimensões que podem atravessar a vida dos/as estudantes e, dessa maneira, acaba por ecoar na proposta, aqui apresentada.

Nesse sentido, conforme Lírio (2020, p. 85), “compartilha e reafirma o pensamento de que todo processo criativo, se constituído como tal, é atravessado por um movimento pedagógico, da mesma forma que todo processo de ensino-aprendizagem é desdobrado e se configura, também, como um processo criativo”.

Nessa perspectiva, desenvolver atividades com a Literatura de Cordel, como pontua Souza; Lima e Penha, (2017, p.3), “é vivenciar a oportunidade que os textos literários oferecem ao leitor, de ver e compreender a realidade de maneira diferente, mudando a percepção dele sobre si e sobre aquilo que o cerca”. Assim é que esse gênero tem a potência de contribuir para a formação leitora e criativa.

Conforme Velloso (2017, p.149), “é plausível afirmar que a poesia cordelista se apresentou como um grande instrumento de leitura e letramento, permitindo aos sujeitos da EJA a reflexão sobre suas vidas, sobre seu cotidiano vivido ou imaginado, de maneira artística, criativa e prazerosa”. Diante do exposto, faz-se necessário desenvolver atividades em que a leitura seja crítica e possa criar diálogo com as várias identidades presentes na turma da EJA, permitindo aos/às estudantes desenvolverem interação e reflexão entre os pares.

Deste ponto de vista, Rildo Cosson (2021, p. 47), “é necessário que o ensino da literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, como objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno”.

Considerando esses aspectos, é importante refletir sobre a mudança da minha prática pedagógica e assim oportunizar os/as estudantes a vivenciar momentos distintos na aprendizagem. Compartilho, então, do que afirma Freire (1996, p. 47), “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Refletindo sobre esse pensamento é que criei e mapeie condições para que os/as estudantes da EJA pudessem expressar-se livremente, reconhecer a importância da leitura no seu cotidiano, constituir um diálogo entre o grupo, compreender e atuar em diversas situações ocorridas em sala de aula. Desta forma, desenvolvi várias práticas de leituras e de criação, a partir das experiências vivenciadas em sala de aula e fora dela. Essa abordagem faz eco ao que propõe Jorge Larrosa (2021, p. 30), quando ele aponta que “o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”.

Sequenciando esse pensamento, Larrosa (2021, p. 38), diz que “explorar o que a palavra experiência nos permite pensar, o que a palavra experiência nos permite dizer, e o que a palavra experiência nos permite fazer no campo pedagógico”. Experimentar, nesse caso, para minha ação, implica construção de uma prática motivadora, mobilizando experiências vividas pelos e pelas estudantes, criando oportunidades para que eles/as vivenciem outras e, assim, construindo novos saberes e novos significados para seu aprendizado.

Por conseguinte, (re)conheci a multiplicidades de estudantes presentes no âmbito escolar como, também, seu contexto sociocultural e, assim, considerei os saberes que

elas/eles já possuem e, deste modo, criei possibilidade para o desenvolvimento de suas atividades, em sala de aula, fazendo pontes com seu cotidiano.

É importante destacar que a professora e os/as estudantes se encontram em uma tarefa de se descobrirem leitores e que, assim, possam superar seus limites. E, logo, vivenciar práticas de leitura no processo de ensino e aprendizagem na turma da EJA. Diante disso, investiguei e mapiei todos os meus modos de criar e potencializar as atividades em sala de aula, conforme sugere Lírío (2020).

Assim, considerei que “tratar de leitura, especialmente na EJA, portanto, é referir-se a um processo de interação que exige intenso diálogo com as necessidades sociais dos sujeitos que abrigam essa modalidade educacional, sendo a leitura 'literária' um sugestivo caminho para o alcance de tal objetivo” (VELLOSO, 2017, p.139). Com essa abordagem em mente, no próximo capítulo apresento uma relação possível da Literatura de Cordel na Educação de Jovens e Adultos, esse espaço heterogêneo

## 2 A LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Neste capítulo, desenvolvi uma discussão sobre a Literatura de Cordel no contexto escolar com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), numa perspectiva artístico-cultural e pedagógica, considerando, sobretudo, as identificações das pessoas envolvidas nesta pesquisa. Isso porque, como Rosilene Alves de Melo (2020, p.153-154) afirma,

a arte nos acompanha, tanto para distrair quanto para inovar; discreta, elegante ou gritante; nos lixões, cafés, nas paredes do quarto ou do banheiro, até na galeria; formas, tamanhos, cores [...] palavras. Viver é uma arte e se comunicar também o é. À arte com as palavras damos o nome de literatura, transposta em livros, e com eles enchemos as prateleiras de lojas e bibliotecas.

Por isso e pela minha experiência como professora da EJA, afirmo ser importante levar para a sala de aula o gênero textual cordel, uma vez que o considero como uma das ferramentas potentes para o processo de formação de leitores dos/as alunos/as da EJA, pela afinidade com a realidade dos/as alunos/as que constituem essa sala de aula. Além disso, esse gênero, no processo de ensino-aprendizagem, estimula a participação dos/as estudantes.

Para tal propósito converso com o pensamento de Nascimento (2019, p.96-97), que explica que,

ao apresentar o gênero em questão, o aprendiz pode ser tocado por histórias interessantes que lhe permita sentir e viver a experiência literária. Pode ser atraído por essas narrativas em forma de verso ao ponto de querer ler outras obras sem imposição, mas pelo prazer e pela gratuidade, fatores que consequentemente auxiliarão no desenvolvimento do sujeito enquanto leitor.

Essas afirmações remeteram-me à lembrança afetiva da minha infância, quando eu aprendia a ler. Minha mãe comprava os folhetos de cordel na feira livre e pedia para eu ler, porque ela e minha avó gostavam de ouvir, pois não sabiam ler e nem escrever. Esse ato de ler contribuiu tanto na minha formação leitora, bem como, na minha vida profissional.

Nesse contexto, cresci e trouxe, para a vida profissional, vivências minhas que me faziam refletir a importância do ato de ler para as pessoas que não sabiam e para mim, também. Percebi a relevância daqueles momentos únicos, os quais deixavam felizes minha mãe e minha vó.



Junto a essa alusão de quando estava aprendendo a ler, tem a minha história de professora Língua Portuguesa (LP), quando, em 2010, assumi três turmas da EJA no Colégio Estadual Luiz Viana Filho, sem qualquer experiência docente com os/as alunos/as dessa modalidade de ensino.

Neste ponto começa a minha busca por caminhos para ensinar esse público a ler. No início da minha vida profissional, na sala de aula, observei que os livros didáticos não traziam textos de cordéis ou, quando apareciam, não havia muita divulgação. Passaram-se alguns anos e, ao me encontrar na sala de aula da EJA, constatei a importância de Literatura de Cordel para esse espaço, pois, em uma determinada aula, conversando com os/as estudantes sobre textos que gostariam de estudar, eles e elas citaram esse gênero textual. A partir desse momento todas essas lembranças do passado renasceram.

Diante do exposto, trago para estudo o diálogo que consigo estabelecer com o pensamento de Bakhtin (2003, p.17) quando define “a língua como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material”. Esse diálogo entre o “eu” e o “outro” fez com que seja valorizada o modo de pensar de cada sujeito presente na sala da EJA, que está ligada ao contexto social, nessa linha de pensamento desenvolvi as atividades.

Assim, fui para casa pensando: por que não levar, para o espaço escolar, essa Literatura tão rica em conhecimento e ensinamentos? Pensei por vários dias e, ao retornar à sala de aula, compartilhei com os/as estudantes que, diante das falas deles e delas, eu tinha uma proposta. Todos/as ficaram alvoroçados, querendo saber o que era e pediam para eu falar logo. Mas, eu disse que só no final da aula, falaria.

Ao término da aula, expus a ideia de trabalhar a Literatura de Cordel. Nesse momento, me chamaram de louca, disseram que não eram capazes, que não tinham condições, que aqueles não eram escritores, entre outros dizeres. Depois que ouvi tudo, simplesmente, disse: "*vamos escrever, sim! Vão para casa e pensem como será, o que podemos escrever, pensem tudo!*".

Na aula seguinte, alguns e algumas alunos/as perguntaram se eu havia desistido da escrita. Respondi que não, pois não estava brincando e que iríamos fazer, pois eu considerava que eles /as eram competentes e tinham capacidade para isso, como qualquer escritor.

Enfatizo que esses momentos de incentivo não foram fáceis, já que os/as estudantes relataram muitas dificuldades para iniciar o processo de produção dos cordéis. Destaco o

quanto é importante estimular os/as educandos para se valorizarem e reconhecerem que também têm potencial para escrever, ler, apresentar, enfim, fazer o que quiserem.

Nesse cenário de ressignificação, foram elaboradas e planejadas oficinas de leitura, produção de textual e, também, apresentações. O primeiro passo dado foi a mobilização dos conhecimentos prévios para a preparação das atividades referentes ao cordel. Primeiro, trouxe o contexto do cordel, sua história; no segundo dia, uma palestra sobre o cordel com a professora Joselita da Encarnação<sup>11</sup>, e o pátio da escola onde essa conversa foi realizada foi arrumado com os livretos de cordel pendurados no cordão. A professora contou um pouco a história do cordel e abordou a sua importância para a cultura brasileira e para todo o povo.

Em outra ocasião, na sala de aula, foram feitas reflexões pelos alunos/as sobre o escutado no pátio. E, nessa mesma noite, eles/as pegaram os livros de cordéis que estavam expostos na minha mesa para lerem, folhearem, observaram a capa. Após essa análise, aqueles/as que quiseram apresentaram o livro do qual haviam feito a apreciação. Depois dessa escuta e análise dos livros, a turma foi dividida em grupos, escolhidos por eles/as mesmos/as, para começar a pensar no tema e na escrita dos seus próprios cordéis.

As aulas seguintes foram de organizações da escrita, de leituras e de discussões, pois tinham grupos que apresentavam dificuldades no entendimento. Eu sempre estive ali, fazendo as mediações necessárias para que construíssem um ambiente harmonioso de reflexões e de tomadas de decisões.

Após algumas aulas de criações, os cordéis ficaram prontos. Então, começou uma nova etapa, que foi a de se preparar para apresentação no pátio do colégio para comunidade escolar. Mas, primeiro, as produções textuais dos cordéis foram compartilhados em sala de aula e, só depois, em um dia previamente estipulado, houve a preparação para que o trabalho fosse compartilhado na unidade escolar com os/as demais estudantes. Chegado o dia da performance, eles/as estavam ansiosos, nervosos, preocupados com sua desenvoltura perante os/as colegas, pois estavam presentes, ali, toda comunidade escolar.

Essa experiência foi realizada com três turmas da EJA, em 2010, com estudantes de idade entre 18 e 60 anos. Lembro que os mais velhos conheciam a Literatura de Cordel e eles/as contavam para os/as colegas suas memórias e suas leituras sobre esse gênero

---

<sup>11</sup>Joselita da Encarnação: professora e Vice-diretora do Colégio Luiz Viana Filho.

textual. Isso reflete bem o pensamento de Freire (2011, p. 29) de que "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele". Destaco que, essa primeira experiência com a Literatura de Cordel em sala de aula das turmas EJA foi orientada pela Professora Dr<sup>a</sup> Laureci Ferreira da Silva.

Nesse processo, os/as estudantes da EJA se apresentaram, ainda, em um projeto da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, o Projeto Estrutural *Tal – Tempo de Arte Literária*, e ficaram em terceiro lugar. O cordel dos/as alunos/as da EJA foi selecionado como o melhor texto literário para representar o Colégio Luiz Viana Filho, em Salvador-BA. Esse reconhecimento, eu considero uma vitória, um momento único e de muito aprendizado.

Esse trabalho foi muito próspero, principalmente, ao ver os/as estudantes felizes pela sua produção. No dia da apresentação, no evento da Secretaria de Educação, levei 20 alunos/as e a expressão dele/as era de felicidade. Alguns disseram que só em estar ali já se sentiam vitoriosos e premiados, pois nunca haviam imaginado que poderiam estar em um lugar como aquele, com outras pessoas, alunos/as, professores/as e membros de comunidades diferentes. Então, lembrei-me desta minha experiência e pensei: é isso! Incluirei o cordel nas aulas de LP, em especial nas aulas de leitura.

Apesar de ter conhecimento de que esse gênero literário ainda vive às margens da maioria das escolas públicas e privadas, em 2020, decidi aprofundar meus estudos sobre a inclusão do cordel na sala de aula, agora, entendendo a Literatura como a arte das/com as palavras (NASCIMENTO, 2019).

Figura 2-Minha primeira experiência com a Literatura de Cordel na EJA, em 2010.



Fonte: a autora, 2010.

O fato de a Literatura de Cordel ainda viver às margens de grande parte das instituições de ensino da Educação Básica, considero importante mencionar o surgimento desse gênero textual. Márcia Abreu (2011, p.11) explica que o “cordel teve origem em Portugal, na Idade Média e, desde aquela época, esses folhetos eram vendidos pendurados em um cordão ou barbantes nas feiras livres e os vendedores declamavam algumas estrofes dos poemas”.

Conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (s.d., online.)

o termo cordel era principalmente associado à forma editorial dos textos, veiculados em pequenas brochuras impressas em papel barato e vendidas suspensas em cordões de lojas de feiras e mercados com vistas à ampla difusão dos livros. Nos dias de hoje, poetas cordelistas também definem o cordel como gênero literário constituído obrigatoriamente de três elementos principais, a saber: métrica, rima e oração. Tais componentes, associados às ilustrações das histórias estampadas nas capas dos livretos, tradicionalmente em xilogravura, são partes da cultura encantadora da Literatura de Cordel.

Após ampla divulgação dos estudos acerca do cordel, como os de Leoné Astride Barzotto (2017), Gilles Villeneuve Souza Nascimento (2019) e Rosilene Alves de Melo (2020), dentre outros, em 2018, houve o registro da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto de Patrimônio e Artístico Nacional (IPHAN).

Para Melo (2020, p. 17),

é certo que o cordel é elemento constituinte da diversidade cultural brasileira, com contribuições das culturas africana, indígena, europeia e árabe. Conjugando tradições da oralidade, da poesia e das narrativas em prosa, o bem cultural se constituiu como uma relevante forma de expressão da nossa sociedade. Seu desenvolvimento associado às narrativas orais, à cantoria, ao repente, à embolada, à glosa e à declamação ensejou a grande popularidade do gênero, devido à estruturação dos poemas que possibilita uma fácil memorização dos versos.

Desdobrando esse pensamento, Barzotto (2017, p. 54) ressalta que

a Literatura de Cordel é uma modalidade artística integrante do patrimônio cultural da humanidade, mantenedora da tradição, cuja preservação contribui de forma significativa para a formação da identidade de uma nação. Além disso, a literatura, por sua característica reflexiva, atua em dimensões afetiva, cognitiva e social.

Diante do exposto, é possível inferir que a Literatura de Cordel possui característica marcante na abordagem dos temas de forma simples, são textos compostos por narrativas em versos, que divulgam valores culturais e regionais. Barzotto (2017, p. 55) afirma ainda que, “a maior contribuição da leitura literária é ensinar a pensar, pois é pelo pensamento

reflexivo que o ser humano se aperfeiçoa, tornando-se mais apto a enfrentar as dificuldades da vida”.

Deste modo, é importante e oportuno afirmar que o gênero textual cordel foi incluso nas aulas de LP na EJA do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, porque, assim como Velloso (2017, p. 155) acredito que, “possibilitará aos educandos dessa modalidade educacional o contato com temas sociais relacionados ao seu cotidiano, favorece a percepção como diferentes textos tratam de um mesmo tema; como os textos se organizam de modos diversos a depender do propósito estabelecido”.

Dialogando com esta concepção, Nascimento (2019, p.101), que defende que

é fundamental que a escola promova experiências significativas de leitura, tanto de cordel quanto de outras formas literárias. Não se trata de impor a leitura e a realização de tarefas, tampouco é deixar o ato de ler à deriva, sem direcionamento. Mas se trata de pensar em estratégias atrativas de vivenciar a literatura (tornando a experiência de cada leitura única e especial), tendo em vista a formação do sujeito que perceba o exercício da leitura como prática importante na sua vida.

Isso posto, trago para essa discussão minha prática pedagógica de professora da EJA, desde 2009, considerando que este estudo surge da minha história de vida, quando ainda estava aprendendo a ler, como já mencionei, e da minha vivência profissional. Foi nessa minha trajetória, em sala de aula, diante as dificuldades apresentadas por esse público, no processo de ensino-aprendizagem da leitura e criação literária, em busca de encontrar caminhos para auxiliar os/as estudantes, que encontrei os estudos de Antunes (2003, p. 66) que define a leitura como “parte da interação verbal escrita, porque implica na participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidos pelo autor”.

Corroborando com essa ideia trago Simone Bueno Borges da Silva (1999), que compreende a leitura como construção de sentidos. Entender a leitura nessa perspectiva, permite que nós, professores/as de LP, analisemos as práticas vivenciadas no espaço escolar, podendo, assim, observar que o diferem daquelas vividas pelos/as educandos/as fora deste ambiente. Sendo assim, devo pensar na leitura a partir das práticas sociais, considerando as práticas de leitura dos/as discentes, o seu contexto social.

Ainda de acordo com Silva (1999, p.61), “a leitura será atravessada pelas experiências e conhecimento de mundo do leitor. Assim, tanto as experiências já conhecidas do sujeito influenciarão a leitura, quanto a leitura influenciará as experiências vindouras, num movimento dialético”.

Ao ler as obras Silva (2010) e Antunes (2003) comecei a entender que cabia a mim, a professora da turma, criar condições para que houvesse, de fato, essa interação entre texto e leitor/a, uma vez que, nesse processo, o meu papel é de mediadora. Nesse lugar é que reconheci que, no que diz respeito ao ensino de leitura dos gêneros textuais literários na EJA, como afirma Silva (1999, p. 63), “o aluno adulto deve ter acesso à arte literária de qualidade e, pensamos que a escola deve apresentá-la ao leitor em formação”.

Destarte, a Literatura de Cordel será trabalhada pelo viés artístico-literário, considerando que a arte está presente nos versos dos cordéis. Essa arte de brincar com as palavras, da história contada em versos, reflete a imaginação dos criadores e inspira a dos leitores.

Outro aspecto a ser considerado é a importância dada à expressão artística, na articulação com o ensinar a ler, como potencializadora do conhecimento mediante ações diversas relacionadas à experiência estética, “de maneira que pode ser transposto, pedagogicamente, para o contexto da sala de aula, pensando-a como espaço coletivo de construção e compartilhamento de experiências, conhecimentos e, nesse caso, de arte”, como afirma Lírio (2020, p. 40).

Para tanto, é preciso considerar o público da EJA e pensar em atividades transdisciplinares, numa dinâmica que pode ser desenvolvida nas turmas dessa modalidade de ensino, a fim de superar as dificuldades apresentadas na expressão oral e artística. É por conhecer os jovens e adultos que constituem as salas de aula dessa modalidade de ensino, que trouxe, para essa discussão, Santos (2013, p. 24 e 25), que alega que

a linguagem da literatura de cordel é um instrumento para melhor compreensão da cultura popular e constitui forma de aprendizado acerca de vários temas por ela abordados: política, sociedade, mitos e lendas, denúncia social, humor, entre outros. Esse tipo de literatura pode conduzir a outros desmembramentos pedagógicos na escola de modo interdisciplinar, por ser ela muito imagética e musical, representar a visão histórica de um povo e ser veículo de condução da linguagem escrita e oral, refletindo aspectos sociais, culturais e históricos de uma região.

Considerando os estudantes apresentados no capítulo anterior, foi necessário pensar em momentos de leitura e criação que de fato estimulem as/os educandos/as vivenciarem práticas de leitura através dos versos e rimas. Junto a isso, Nascimento (2005, p. 7) diz que ao:

usar a literatura de cordel enquanto documento, o professor estará, de forma direta, evidenciando aos alunos que as visões e as representações contidas nos folhetos de cordel são condicionadas pela ideologia dos autores; ao mesmo tempo, oportuniza aos alunos o desenvolvimento da reflexão, da atividade crítica.

Assim sendo, ao ter contato com a Literatura de Cordel os/as discentes irão perceber e conhecer a sua estrutura, conhecer a linguagem artística presente no texto de cordel e, por conseguinte, reconhecê-lo como expressão artística e cultural. Esse contato gerará a experiência estética desses/as estudantes com o cordel.

Para ratificar esse pensamento e a potência de tal experiência no processo de formação leitura desses sujeitos da EJA, Velloso (2017, p.150), diz que

a experiência literária se dá por intermédio do contato efetivo com o texto. Quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será.

Essa ideia remeteu à minha experiência como professora da EJA, em 2011, quando desenvolvi o primeiro projeto didático usando a literatura de Cordel. E ainda estava em processo de autoformação como professora dessa modalidade de ensino. Naquele momento fiquei sem acreditar quando um dos alunos disse que ia escrever o cordel, a meu ver, o fato dele se sentar no fundo da sala e apenas ouvir as discussões que ocorriam em sala de aula não se interessava pelas atividades propostas. Nesse momento de estudo com gênero literário cordel conseguir mobilizar o aluno para participar da atividade, pois acredito que foi feita uma associação vivência da sala com sua realidade.

No entanto, em uma conversa com ele sobre o procedimento, durante as aulas, ele me desafiou: disse que escreveria e, assim aconteceu. Ele escreveu. Quando ele me entregou o texto e fez a leitura perante a comunidade escolar, eu me certifiquei de que o cordel e as estratégias de ensino que utilizei tinham a potência de transformar a realidade daqueles/as alunos/as.

Apesar desse resultado, com esse aluno e com os demais colegas dele percebi faltar alguma coisa, porque priorizei apenas a linguagem e os temas do cotidiano abordado nos textos. Essa inquietude desse sentimento de falta e as outras experiências mencionadas me trouxeram até esta pesquisa, a este estudo e ao PROMESTRE, em busca de compreender como ensinar a ler usando a Literatura de Cordel, no viés da arte, da criação de experiências estéticas.

Nessa época, foram trabalhados vários temas, entre eles alguns refletidos nesses títulos: *Satanás trabalhando no roçado de São Pedro e As quatro classes corajosas: vaqueiro, agricultor, soldado e pescador*. Esses títulos foram retirados de um livro e trabalhados com a turma da EJA.

Ao apresentar esses cordéis em uma turma da EJA, primeiro, foi feita análise do título e das imagens, para, depois, a leitura do texto escrito. Lembro que a xilogravura<sup>12</sup> chamou muito a atenção deles e delas. Durante a aula, houve muitos questionamentos sobre o título. Alguns disseram que não concordavam com o termo "Satanás", pois achavam muito pesado, pois o termo ficava chamando "o demônio". Outros discordavam, quanto ao outro título, sendo que a discussão foi em torno de quem era mais importante para eles. E, assim, foram trabalhados os primeiros cordéis na turma da EJA.

Nessa fase de estudo, estou compreendendo que as práticas de leitura devem ser desenvolvidas com ações integradoras. Além disso, pensar em uma proposta de ensino de leitura pautada nas experiências dos/as participantes, um estudo com ações interligadas, a fim de possibilitar condições de aprendizagens que atendam às demandas dos/as alunos/as.

Sendo assim, penso a minha prática pedagógica, de maneira ampla e, especialmente, nas oficinas que constituem o produto pedagógico deste estudo, na perspectiva dos Letramentos. Dessa maneira, é importante considerar seguinte afirmação:

o cordel pode ser considerado instrumento de letramento, especialmente de jovens e adultos, enquanto põe em evidência que, antes mesmo de ir à escola, as pessoas já leem e produzem textos. Nesse sentido, uma visão alargada sobre os processos de letramentos, que se desenvolvem dentro e fora do espaço escolar, diminuirá o distanciamento entre leitor-texto, valorizando, assim, o conhecimento que o estudante já traz. (VELLOSO, 2017, p 116).

Diante do exposto, o plano de intervenção desenvolvido em uma turma da EJA, no formato de oficinas, à luz dos Estudos dos Letramentos, atentando para o processo de construção de letramento literário dos/as estudantes, uma vez que os/as aprendizes compartilharam seus saberes, suas narrativas de vida, em relação aos usos da escrita no seu dia a dia, em um contexto social e cultural, porque esses são alguns dos fatores que determinaram os rumos deste estudo.

---

<sup>12</sup>A xilogravura é uma técnica de impressão muito antiga que consiste numa gravura na qual se utiliza uma madeira como matriz, possibilitando a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado.



## 2.1 O Cordel como disparador das práticas de leitura na EJA

Nesse item apresento os caminhos percorridos durante esta investigação que teve com objetivo de criar condições para os/as estudantes EJA se identificassem com o gênero textual cordel e conseguissem aprender a ler os gêneros literários e não literários e, além disso, pudessem apreciar a leitura literária e, nessa experiência, se formarem leitores autônomos.

Assim, baseado no que afirma Velloso (2017, p. 148), ao dizer que “o propósito de uma discussão sobre o ensino de leitura numa perspectiva humanizada, interativa, deve dialogar com os modos de vida dos sujeitos”, como defendo e tenho buscado colocar em prática, nesta pesquisa.

Além disso, neste tópico, discuto sobre os textos da tradição oral, especialmente, a poesia de cordel, como instrumento de leitura e letramentos, na EJA. A vista disso, é importante pontuar que eu, a professora-pesquisadora, levei para o espaço da sala de aula da EJA, os diversos textos de cordéis, trabalhei sua linguagem, os traços de oralidade, bem como, ela mesma, seu contexto de criação, os temas abordados nesse gênero textual, a expressão artística e manifestação cultural que ele compõe, possibilitando aos/as educandos/as desenvolveu suas leituras e criar seus conceitos, a partir delas.

Nesse sentido, como propõe Cosson (2021, p.16), reconheço que

o corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrito encontra na literatura seu mais perfeito exercício. A literatura não apenas tem palavra na sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da leitura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição do sujeito da escrita, em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita de textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos.

Ante o exposto, é oportuno mencionar que considerei a possibilidade de expandir as habilidades leitoras dos/as estudantes da EJA, optando pelo uso da Literatura de Cordel, neste processo investigativo, junto à percepção de que

salvo que a poesia de cordel se apresenta como importante recurso de trabalho pedagógico, de um modo especial na EJA, visto que, conforme já apontando, possibilita aos sujeitos um diálogo com suas vidas, a reflexão sobre seu lugar

social, num processo interativo que envolve, em suas infindas subjetividades, palavra e voz”. (VELLOSO, 2017, p. 137)

Em vista disso, no caso deste estudo, foi necessário pensar na prática de ensino da leitura e de que maneira incluir a Literatura de Cordel no espaço escolar, porque segundo a estudiosa Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012, p.11) é preciso “abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a Literatura de Cordel e a literatura popular na totalidade, é uma conquista da maior importância”.

Logo, acredito que esse tipo de literatura contribui para o processo de formação leitora dos/as educandos/as da EJA, uma vez que, em contato com esse gênero literário, articulam o conhecimento com práticas de leitura desenvolvidas no cotidiano escolar e, de modo mais amplo, fora da escola.

Entretanto, Velloso (2017, p.115) alerta que é importante compreender que

a inserção da Literatura de Cordel no espaço escolar, sobretudo na EJA, é objeto de grande relevância para o ensino de leitura. Todavia, é preciso deixar de tratá-la na perspectiva da folclorização, a qual reforça apenas características estereotipadas dos seus produtores e abordá-la em sala de aula como potencializador de leituras e tradutor de culturas, como já fora exposto.

Cabe destacar que o Cordel é um gênero textual que pode ser visto como elemento de expressão dos sujeitos da EJA e, ainda, proporciona uma variedade de informações que podem ser exploradas. Isso por meio de rimas, sons, imagens, musicalidades e temas variados, o que me permitiu preparar atividades que contemplem as expectativas e identificações dos/as estudantes quanto às experiências estéticas relacionadas às práticas de leitura.

Essa potência de rede é percebida à medida que se reconhece que, de acordo as estudiosas Maria Cristina Cardoso Ribas e Rosana da Silva Malafaia (2021, p.74),

a literatura de cordel (se) constitui (em) um entrecruzamento de fronteiras sociais e artísticas e, como tal, abre pressupostos para uma análise bem diversa, na qual um poema narrativo pode se inter-relacionar com outras artes e mídias, alimentando esta rede de conhecimento para além do seu circuito de produção. A compreensão das hibridizações de ordem intermediária, interartística e transcultural muito tem a fortalecer o modo como analisamos e reconhecemos esta literatura.

Perante a esse entendimento, é que considero ser importante, além de trazer esse gênero textual para o espaço da sala de aula, elaborar e desenvolver metodologias de ensino e investir em reflexões sobre o currículo formal, especialmente voltado para o

público da EJA. Esse caminho, junto às potencialidades já mencionadas, gerando aulas mais contextualizadas, interativas e, além disso, prazerosas.

Para impulsionar essa discussão, trago as palavras de Claudia Zilmar da Silva Conceição e Carlos Magno Gomes (2016, p. 98), porque, assim como elas, penso que este estudo e a prática pedagógica nele implicada podem “fomentar o prazer estético e a performance por meio do cordel, articulando com a formação crítica do leitor”.

Para tanto, minha pesquisa teve como um dos objetivos criar condições para os/as estudantes da EJA pudessem se familiarizar, ainda mais, com a Literatura de Cordel, pois acredito que um processo de formação de leitor/a na perspectiva da criação de experiência estética, ligada à expressão artística, a uma manifestação cultural e social, consegue potencializar o processo das pessoas envolvidas nesta investigação na sua (auto)formação enquanto leitores autônomos.

Nesse universo de construção de saberes, desenvolvi as oficinas de leitura e criação de cordéis, em uma turma da EJA. Primeiro, convidando os/as estudantes para participarem para embarcar “nesta viagem” comigo com o propósito de aprender a ler por meio dos textos orais, escritos e vídeos, criando um espaço de “leitura compartilhada com as turmas da EJA para que eles/as possam aprender a apreciar e construir sentidos nos textos utilizados em sala de aula e fora”, como sublinham Conceição e Gomes (2016, p.100).

É importante ressaltar que a Literatura de Cordel também é conhecida como um gênero de literatura popular, uma arte popular transmitida de geração a geração, sendo considerada um elemento forte da cultura nordestina. Esse traço, nas palavras de Joseph Luyten (1993, p. 43), leva-nos a reconhecer que “a Literatura de Cordel, como é popular, trata dos assuntos que interessam ao povo. E, quando o faz, refere-se a assuntos e pessoas do ponto de vista popular”. Assim, levar para uma turma da EJA a percepção de riqueza, a expressão artística e a valorização dessa cultura, que esses/as próprios/as estudantes compõem, apresenta várias identificações com/no espaço escolar.

Para complementar essa discussão, trago o pensamento de Marinho e Pinheiro (2012, p. 17), ao lembrarem que, no Brasil,

Cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de textos em versos denominados Literatura de Cordel. Como toda produção cultural, o Cordel vive períodos de fartura e de escassez. Hoje existem poetas populares

espalhados por todo país, vivendo em diferentes situações, compartilhando experiências distintas.

Assim sendo, posso considerar a presença do Cordel nas aulas de uma turma da EJA, como um meio de promover a inserção dos/as estudantes em um mergulho a literatura e, por conseguinte, no desenvolvimento do seu processo de formação leitora de forma autônoma. Nesse contexto é que, para os/as estudiosos/as Conceição e Gomes (2016, p. 99),

a literatura passa a ser vista como um fenômeno comunicativo, ou seja, a teoria da recepção nos diz que o texto não é o único elemento do fenômeno literário, mas temos também a reação do leitor e, por extensão, precisamos explicar o texto a partir dessa reação, proveniente da interação do texto e o leitor. Ou seja, a partir de uma imagem da realidade.

Na sala de aula da EJA, do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, espaço-tempo que compõe o universo desta pesquisa, estão presentes várias vozes, identificações de contextos diferentes. Considerando o contexto dos/as estudantes da EJA, é necessário discutir e pensar a respeito das práticas de leitura e criação desses/as alunas/os e com isso deve atravessar o papel da escola e o da professora pesquisadora.

Nesse sentido, ao considerar essas questões, a proposição da Literatura de Cordel se dá, também, em concordância com o que propõe Kleiman (2008, p.16), ao afirmar que “ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido [...]”. Considerando esse pensamento, reconheço, à luz do território no qual atuo como professora, que os/as estudantes vivenciam esse distanciamento na prática diária da leitura, pois o seu exercício se torna algo mecânico e sem sentido.

Nessa perspectiva, o ensino da leitura é pensado a partir de práticas sociais. No caso do universo desse estudo, isso implica considerar que os gêneros textuais ensinados na escola devem ser selecionados e abordados, considerando o que cada texto possui, seu estilo próprio, uso da linguagem mais expressiva e necessária para os/as estudantes da EJA.

Uma vez que se trata de leitores jovens e adultos, com experiência de vida e conhecimento de mundo específicos, advindos dos seus contextos socioeconômicos e culturais, o que, seguramente, vai interferir nas suas leituras. Por isso, a meu ver, é importante considerar a ideia de Paulo Freire (2011, p. 41) de que “o comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum”.

Dessa forma, cabe a mim, como professora, levar para esse espaço da sala de aula da EJA, uma pluralidade de textos e apresentá-los de forma dinâmica, de maneira que desperte no/a estudante o interesse para ler e, também, compreender e se identificar com o escrito. É certo que a sala de aula é um ambiente onde se encontra diversos saberes, entrelaçados de significados e identificações.

Com isso em mente, vale lembrar que, como afirma Silva (1999, p.62),

dentre a diversidade de textos que podem ser trabalhados em contexto escolar, interessa-nos o literário, pois, acreditamos que para formar leitores proficientes, se faz necessário iniciar o aluno na literatura, visto que o texto literário possui, particularmente, características capazes de atrair o leitor, cada vez mais, para a escrita.

Daí a escolha pela Literatura de Cordel como gênero literário possível de ir ao encontro dessas especificidades da EJA, em forma, temáticas, linguagem e narrativas.

Considerando este enquadramento, faz-se necessário pensar em um ensino de leitura que proporcione aos/as estudantes trocas de conhecimento e, assim, construir novos saberes. Como já foi dito aqui, a partir da concepção de Kleiman (2008), a abordagem que trago de leitura toma a mesma como prática social. Foi nessa prática diária que os/as educandos desenvolvem a leitura e tornam-se leitores e leitoras autônomas e autônomos.

Assim é que, como Freire (2011), acredito que os/as estudantes podem acessar informações, estabelecer diferentes interações, identificações, visões de mundo e, por fim, produzir conhecimento.

## **2.2 O processo de formação leitora com estudantes da EJA**

Neste ponto, a discussão é sobre como acontece o processo de formação leitora dos jovens e adultos que frequentam a sala de aula de uma turma da EJA, no Colégio Estadual Luiz Viana, em Candeias-BA, universo desta pesquisa. Sendo que, alguns dos meus desafios, enquanto professora-pesquisadora, consistiu em compreender as múltiplas identidades dos/as educandos/as e perceber como eles/as atuam em meio ao seu contexto e diante das suas condições.

Conforme a minha experiência em sala de aula, afirmo ser primordial (re)conhecer as dificuldades apresentadas por esses e essas estudantes e, considerando isso, criar situações pedagógicas para que eles/as se tornem leitores autônomos dos gêneros textuais literários e dos não literários. Em razão desse (re)conhecimento é que, neste estudo, me

propus a desenvolver oficinas de leitura com uma turma da EJA, fazendo utilizando de uma prática pedagógica transdisciplinar, à luz dos estudos dos letramentos.

Portanto, no que diz respeito ao conceito de letramento, este estudo traça um diálogo com os estudos de Kleiman (2005, p.12), que o define “como um conjunto de práticas de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo numa determinada situação, associadas aos saberes, às tecnologias e às competências para a sua realização”.

Diante do exposto e através de minhas leituras e das leituras dos/as participantes desse estudo, tive em vista construir com eles/as novas práticas leitoras, por entender, assim como Antunes (2003, p. 70), que

a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da que possibilitem os/as aprendizes ampliarem o processo de ensino e aprendizagem da leitura, visto que é uma atividade interativa, na qual o leitor utiliza os seus conhecimentos linguísticos e sua experiência para alcançar novos caminhos.

Isto posto, a minha proposta de trabalhar a Literatura de Cordel, como já citado diversas vezes aqui, vai ao encontro do pensamento de Antunes (2003, p. 70), que reconhece, ainda, que a prática da leitura tem a potencialidade de favorecer a expansão dos repertórios de informação e saberes do/a leitora. Nesse sentido, ela acrescenta que, “na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos conhecimentos, do mundo em geral”. Considerando essa abordagem, levei para o espaço escolar, em especial em uma turma da EJA, os textos de cordéis e apresentei essa diversidade e suas complexidades nas palavras, como disse um aluno da EJA, em discussão na sala de aula. Isso porque, segundo Cosson (2021, p. 17),

a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. Sendo assim, ao pensar em estratégias de ensino para formar leitores/as, torna-se imprescindível a escolha de textos que favoreçam, aos estudantes, um processo de leitura interativo.

Portanto, como já foi dito, este estudo transcorreu na perspectiva dos estudos dos letramentos e dos multiletramentos. Logo, para atender à questão da complexidade e no processo de formação leitora desses e dessas estudantes, as atividades foram realizadas segundo esta abordagem, porque, de acordo com Casson (2021, p. 47), nela,

é tão importante a leitura do texto literário quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a meras leituras das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários.

Sendo assim, eu, a professora-pesquisadora, exercendo o papel de mediadora do conhecimento com os/as estudantes da EJA, tive em vista contribuir para uma prática constante de leitura, a partir de um trabalho com experiências voltadas para um ato de ler que tenha significado, que faça sentido e tenha valor agregado para os/as educandos/as.

Segundo Maria Cecília Mollica e Marisa Leal (2009, p. 7-8), “os jovens e adultos possuem saberes prévios, inatos e intuitivos, nos contextos em que estão inseridos e na cultura marcadamente letrada, antes mesmo de ingressar no sistema escolar informal”. Pensando assim, cabe a mim, docente, analisar os traços que atravessam a turma da EJA, para compreender quem são esses e essas estudantes, considerando o contexto e as práticas sociais do letramento.

Esses encaminhamentos pedagógicos, quanto à formação leitora, reflete o pensamento de Nascimento (2019, p.89), que reconhece que, “no ato da leitura, também é imprescindível abrir espaço para o leitor se apropriar da literatura e construir seus próprios sentidos para a produção – proposta do letramento literário”. Nesse percurso, a prática pedagógica deve ser voltada para uma construção de leitura crítica, na qual os/as educandos/as possam se envolver em atividades que ampliem seu repertório oral, bem como, que estes se apropriem de novos conceitos do que é leitura.

Isso porque, como explícito nas palavras de Djalma Barboza Enes Filho (2018, p.34),

na perspectiva do letramento literário, não basta apenas o aluno ser um simples leitor, pois a simples leitura contribui pouco para a formação de um leitor proficiente e crítico. A leitura literária, numa proposta de letramento, tem a função de ajudar o aluno a ler melhor a si, aos outros e ao mundo, por meio da relação leitor-texto. Uma leitura que fornece, como nenhuma outra, os instrumentos necessários para conhecer e interagir com competência no mundo da linguagem.

Assim, o ensino da leitura e escrita é de suma importância para integração do sujeito nas práticas sociais do letramento, as quais variam de acordo o contexto (MARINHO, 2012). Desta forma, nas aulas, indiquei caminhos para que de fato os/as estudantes desenvolvessem o prazer pela leitura, de maneira que, ao ler, em sala de aula e fora dela, torne-se um hábito significativo, com sentido e valor agregado para essas pessoas.

Nesse sentido, é preciso conhecer esses e essas jovens e adultos, entender seu contexto social, cultural para, a partir disso, desenvolver práticas pedagógicas condizentes com a realidade dos/as educandos/as. Algo que implica ter uma escuta sensível, para, depois, desenvolver práticas pedagógicas condizentes com seus conhecimentos, identificações e processos formativos.

Para tanto, planejei, elaborei e desenvolvi aulas prazerosas, levando, para a sala de aula de uma turma da EJA, textos de cordéis, que fossem compreendidos da melhor forma possível. Que, ao lê-los, os/as aprendizes se sentissem envolvidos com o ato de ler e que mergulhem nessa leitura, de modo a extrair dela o que for de melhor para eles/as. Considerando, aqui, que ler é ir além do que o texto nos mostra. Ler é desconstruir e construir opiniões, é se identificar ou se distanciar e interagir com o texto, é criar significados e construir suas próprias narrativas acerca dessa experiência.

Eu queria fazer algo diferente, para que esses e esses/as alunos/as saíssem da sala de aula já pensando na próxima aula, imaginando como e o que eu levaria de novo, qual seria o texto estudado, a ser lido. Quero que eles/as se expressem da forma que desejarem, que vão a uma banca de revista comprar seus cordéis ou que passem em frente a uma livraria, entrem e escolham um livro para comprar e ler. Nesse sentido, tentei criar condições para que os/as estudantes desenvolvam tais práticas autônomas e participem efetivamente da transformação social.

A proposição desta pesquisa dialoga com uma abordagem segundo a qual reconhece, de acordo com Roxane Rojo (2009, p.108), que “será necessário ampliar e democratizar tanto as práticas e eventos de letramento, que têm lugar na escola, como no universo e a natureza dos textos que nela circulam”.

Pensar na Literatura de Cordel, nessa perspectiva, e levá-la para o espaço escolar significa motivar os/as estudantes a conhecer mais do desenvolvimento cultural de seu povo, suas questões e atravessamentos, uma vez que o Cordel representa o real, por meio da linguagem, da literatura. Sob esse ponto de vista é que reconhecemos o que Bakhtin (2003, p. 117) explica, ao pontuar que “a linguagem é uma criação coletiva, pois é integrante de um diálogo cumulativo entre o ‘eu’ e o ‘outro’, entre muitos ‘eus’ e muitos ‘outros’”.

Considerando os fundamentos e a abordagem contextual construída até aqui, no capítulo seguinte, trago para as discussões mais específicas acerca do trabalho com a Literatura de cordel, no viés da arte e da experiência estética a ser criada com ela, no



percurso desse estudo, que deve ser reconhecida pelo valor histórico e cultural e uma expressão artística formadora e potente diante das várias identificações possíveis na EJA, nesse caso, da turma que compõe o universo deste estudo.

### 3 ENTRE A LEITURA, O CORDEL E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Neste capítulo, abordo a relação da experiência estética com a Literatura de Cordel em uma turma da Educação de Jovens e Adultos, no qual apresento como esse tipo de experiência pode se articular com a vida e a cultura desses sujeitos que compõem a sala de aula e, assim, trazer suas contribuições para o aprendizado dos/as mesmos/as.

Para iniciar o desenvolvimento das oficinas, me reuni com a professora regente de Língua Portuguesa, de uma turma da EJA, Joana Silva<sup>13</sup>, e conversamos sobre minha pesquisa e como ela seria realizada na sala de aula. Com a professora, pensamos em meios práticos para atrair os/as participantes do estudo. Combinamos que as oficinas de leitura ocorreriam semanalmente, às quintas-feiras.

Após a realização de algumas Oficinas de Leitura e Criação, a docente deu continuidade a estas atividades em suas aulas. Ela fez a retomada do gênero literário, estudado, propôs que a turma escrevesse um cordel. Ao chegar em sua casa, às 21:30, ela ligou para mim e descreveu o seguinte relato: “Marilene, boa noite, estou muito feliz, eu pedi para os/as alunos/as escreverem um cordel e o participante Manuel Ferreira<sup>14</sup> escreveu um cordel intitulado *O mal e o sofrimento*”.

**Figura 3** - Leitura do cordel no pátio do colégio para toda comunidade escolar



Foto: Autora, 2023

<sup>13</sup> Nome fictício da professora de Língua Portuguesa da Etapa VI-EJA.

<sup>14</sup> Nome fictício do estudante.

A imagem acima é um registro de uma apresentação realizada durante o turno noturno, em um projeto intitulado *Brasilidades: identidades culturais em foco*. A atividade foi planejada e aplicada nas oficinas de leitura que são produtos dessa investigação. Esse foi o momento em que o estudante Manuel Ferreira fez a leitura de um cordel produzido por ele.

Esse é um dos estudantes visto por alguns colegas professores/as como: “preguiçoso, desatento, que ia para o colégio perturbar, tirar a paz dos/as educadores/as, em suma bagunceiro”. Nas duas primeiras oficinas<sup>15</sup>, ele ficava sentado no fundo da sala de aula, às vezes, em silêncio, outras conversando com os colegas ou procurando brincadeiras que atrapalhavam as aulas.

Esse comportamento foi recorrente até a terceira oficina, quando apresentei os livretos de cordel. Nesse dia, expus, em cima da mesa, os livros de cordel. Em seguida, orientei que todos/as fossem até o local e escolhessem um dos exemplares. Para minha surpresa, Manuel Ferreira foi e pegou um livro. Em posse da obra, ele disse que já conhecia esse gênero textual e que, na internet, também tinha. Além disso, mencionou o cordelista Bráulio Bessa<sup>16</sup>.

O estudante Manuel Ferreira era disperso, atrapalhava as aulas, ficava no fundo da sala, conversando com os colegas e saía, várias vezes, da sala aula para ficar no banco, no pátio do colégio, sentado e conversando. Percebi que, algumas vezes, ele chegava no colégio embriagado e não demonstrava interesse pelos estudos.

Lembro que, antes de ter contato com ele, na sala de aula, eu ficava observando sua chegada na escola e como ele se comportava durante a permanência no ambiente escolar. Algumas vezes, ia à sala dar alguns avisos para a turma e ele sempre se mostrava arredio, deixava transparecer raiva, parecia fazer as coisas de propósito ou para ofender as pessoas próximas a ele.

Após várias queixas sobre ele, vindas dos professores e funcionários, em uma oportunidade, quando eu estava no colégio, à noite, o chamei para conversar para saber o porquê de tanta rebeldia, comentando que a maioria das pessoas estava reclamando dele, falando do seu comportamento, que ele só atrapalhava aula. Perguntei, então, se ele não queria estudar? Qual o problema com a escola? O que ele queria?

---

<sup>15</sup>Essas oficinas de leitura e criação serão detalhadas no capítulo IV.

<sup>16</sup>É um cordelista, poeta e palestrante brasileiro. Duas de suas obras principais são: *poesia com rapadura* e *Poesia que transforma*.

Ele abaixou a cabeça e disse que não tinha raiva de ninguém e que queria estudar, mas que as pessoas ficavam falando coisas dele. Que era para eu observar se ele atrapalhava. Nesse momento, perguntei pela mãe dele, que queria conversar com ela. Ele respondeu que já era de maior e que respondia por si. Ele parou de falar e percebi que os olhos se encheram de lágrimas. Então, continuou dizendo que não conversava com a mãe: “*ela não liga pra mim*”, disse ele. Recuei um pouco, fiquei calada e, depois, percebi que, talvez, faltasse atenção da mãe e tudo que ele fazia era para chamar atenção.

A partir daquele dia, comecei a observá-lo mais, a conversar com ele, sempre procurava ouvir seus desabafos. Uma funcionária da escola, também, começou a dar mais atenção ao aluno e passou a ouvi-lo. Percebemos que deveríamos ter um olhar mais cuidadoso com ele, embora, às vezes, ele tratasse as pessoas com muita estupidez. Mas, procuramos não retribuir da mesma forma, mostrando o outro lado.

Ao chegar na sala de aula para realizar o estudo, nas duas primeiras oficinas, lá estava Manuel, sentado no fundo da sala com mais alguns colegas, conversando, rindo, com brincadeiras, durante as aulas, e, algumas vezes, gritos. Na terceira oficina, quando levei os livros de cordel para sala, ele ficou observando e, quando solicitado, pegou um livro para ler. Não foi tão fácil, houve resistência para realizar a leitura. Mas, após alguns momentos de orientações, ele parou e leu o livro.

Após a leitura, pedi para que os/as alunos/as falassem o que entenderam, o que foi relevante, significativo para eles/as. Naquele momento, os/as estudantes destacaram passagens importantes em suas leituras e fizeram um paralelo com a realidade, trouxeram suas vivências para a sala de aula, através da leitura do texto escolhido por eles/as.

Nesse contexto de discussões, uma aluna fez uma crítica sobre a leitura e a fala de Manuel e ele se expressou dizendo que “*os colegas pensassem antes de falar as coisas, porque ofende o outro. Que era por isso que ele não participava das atividades, ou seja, se recusava a falar, porque as pessoas criticavam e isso fere o outro e que todos têm o direito de falar do seu jeito, como sabe*”<sup>17</sup>. A aluna havia dado a entender que o pensamento dele não estava condizente com o texto e que ele não sabia falar, que “*era como se fosse burro*”.

Em consequência, fiz uma intervenção, chamando atenção para forma de cada um/a pensar, ressaltai que pensamos diferente e devemos respeitar o falar do outro, considerar

---

<sup>17</sup>Fala do aluno durante a aula após o vídeo de Bráulio Bessa.

todas as opiniões e, quando discordarmos, não era necessário xingar e nem humilhar, que isto pode criar cicatrizes que levamos para toda vida. Eu disse estarmos ali para adquirirmos mais conhecimentos e que, naquele momento, não tinha certo e errado, que, talvez, alguns/as soubessem algo a mais, mas que não dava o direito de desvalorizar ninguém.

Neste percurso de estudo, Manuel foi melhorando seu comportamento. Mesmo quando os colegas procuravam brincadeiras, ele demonstrava não querer e passou a participar das atividades propostas. Acredito que passou a confiar em si, porque ele foi convidado a participar das aulas, a ser ouvido do seu jeito. Ao ser desafiado a escrever o cordel, ele, de início, relutou, ao dizer que não sabia, que era difícil, não era escritor. Mas, a professora Joana o incentivou e ele fez do seu jeito, retratando a sua realidade.

No percurso deste estudo, o aprendiz Manuel Ferreira se envolveu nas atividades de leitura e, ali, eu percebi estar acontecendo uma transformação, tanto pelos professores da turma quanto pela professora pesquisadora, eu. Durante estas oficinas, alguns professores começaram a perceber que ele estava melhorando e surgiram os seguintes comentários: “Manuel está mais sossegado”, “quieto”, “participativo”, “assistindo às aulas” e tem demonstrado mais interesse pelas atividades propostas pelos professores e professoras.

Para John Dewey (2010, p. 88–89), “a experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação entre participação e comunicação”. Esse pensamento e a discussão sobre essa ideia vai ao encontro da situação que a foto anterior registra.

Durante o processo de investigação, como foi dito, a professora de Língua Portuguesa, Joana Silva, em uma de suas aulas, propôs que a turma escrevesse um texto de cordel. O participante Manuel Ferreira escreveu um cordel intitulado: “*O mal e o sofrimento*”.

A seguir o cordel escrito pelo aluno:

**O Mal e o Sofrimento**  
Manuel Ferreira

Se eu conversasse com deus iria lhe perguntar:  
 Por que é que sofremos tanto  
 Quando viemos pra cá?  
 Que vida é essa?  
 Que a gente tem que morrer pra pagar?  
 Perguntaria também  
 Como é que ele é feito  
 Que não dorme, que não come  
 E assim vive satisfeito.  
 Eu queria conhecer esse Deus, que mim protege mesmo sem merecer,  
 Apesar das minhas falhas, ele não desiste de mim.  
 Lhe perguntaria também,  
 Por que uns felizes  
 E outros que sofrem tanto  
 Por que existem uns saudáveis e outros doentes  
 Uns que queriam aproveitar a vida e não podem,  
 E uns que podem aproveitar, mas vive com o coração angustiado, por quê?

Ao receber o cordel do estudante Manuel Ferreira, fiquei muito feliz, percebi o quanto foi importante para ele aquele momento de construção de aprendizagem. Ele conseguiu se expressar na escrita, relatando seus sentimentos. Ele trouxe para o texto suas indagações que o deixava inquieto.

Ao dialogar com a professora Joana Silva, perguntei quais os procedimentos utilizados para chegar à produção textual efetuada por Manuel Ferreira. Ela informou que retomou as aulas de leitura do gênero literário, levou outro texto para sala, trabalhou leitura e compreensão, e pediu para os/as educandos se expressarem oralmente, do seu jeito, que não se preocupassem em “falar bonito”, no emprego da concordância, pois, ali, era o lugar para todos/as emitirem opiniões, sem medo de errar.

A experiência descrita é resultado de uma atividade desenvolvida no dia 09 de novembro do ano de 2022, uma quarta-feira, resultado de um trabalho coletivo sobre a produção de texto Cordel. Esta atividade foi elaborada e executada pela docente de Língua Portuguesa, em um momento de muita inquietação pela falta de atrativos nas aulas.

A professora arrumou a sala em semicírculo e convidou os/as alunos/as para um bate-papo, a fim de que eles/as se envolvessem na atividade, discutissem a importância do cordel e a relevância da participação de cada estudante neste trabalho, para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Foi apresentado para os alunos, então, o cordel de Bráulio Bessa<sup>18</sup>, intitulado *Fome de Educação*. No primeiro momento foi a escuta, os alunos assistiram o vídeo do cordelista<sup>19</sup> declamando o seu cordel. No segundo momento, os discentes fizeram a leitura coletiva do cordel.

### **Fome de Educação**

Bráulio Bessa

Até quando o Brasil vai suportar  
ver seu povo carente de saber,  
tanta gente sem ler, sem escrever,  
sem escola decente pra estudar,  
pois até a merenda escolar  
alimenta a tal corrupção.  
Num lugar em que tudo dá no chão  
na escola deveria ter fartura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.  
Se o Brasil começasse a dar valor  
a quem nunca se sentiu valorizado  
invertendo o que ganha um deputado  
pela esmola que ganha um professor.  
Pode até me chamar de sonhador  
por sonhar que um dia essa nação  
passará por uma transformação  
e os livros serão a nossa cura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.  
Sobra tanta coragem pra lutar,  
o que falta é oportunidade.  
Sobra o sonho de entrar na faculdade  
pela falta do dinheiro pra pagar.  
Falta tudo pra quem vê tudo faltar,  
sobra tudo pra quem tem tudo na mão.  
Só não falta em tempo de eleição  
blá-blá-blá, lenga-lenga e muita jura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.

A caneta é capaz de transformar  
e mudar o destino de um povo.  
Quem viveu só comendo o puro ovo  
pode um dia provar do caviar.  
Já vi gente que, por ter como estudar,  
se mudou do barraco pra mansão.  
Batalhando com total dedicação  
conseguiu ter a vida menos dura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.  
Esse povo que tem tanto pra dar  
não recebe o que tem pra receber.  
Não consigo aceitar ou entender,  
ninguém venha querer me explicar.  
Eu não posso e nem vou me conformar  
com a cruz que carrega o cidadão  
pelo peso dessa desinformação  
castigado pela falta de cultura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação  
A nação que investe em sua gente  
nunca tem desperdício ou prejuízo.  
Observo atento e analiso:  
só se muda agindo diferente.  
O poder de um povo está na mente,  
é a chave que abre essa prisão,  
é a luz que aponta a direção  
para seguir por qualquer estrada escura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.

<sup>18</sup>Bráulio Bessa, nasceu no município de Alto Santo, no Sertão do Ceará, no ano de 1986. Com 14 anos aprendeu a amar a poesia de seu conterrâneo Patativa do Assaré (1909-2002), depois que uma professora passou um trabalho escolar de pesquisa sobre o grande poeta de cordel. É um poeta, cordelista, declamador e palestrante brasileiro.

<sup>19</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FMDcc79PC4s>. Acesso em: 01 nov.2022.

Após a escuta e leitura coletiva do cordel, os/as alunos/as foram provocados a responder a algumas questões e socializar as respostas, em sala de aula. Abaixo, algumas das questões que foram trabalhadas:

1. Qual o tema abordado?
2. Qual a importância da educação para você?
3. Descreva as impressões que o texto lhe provocou?
4. Que outro nome você daria para o texto?

Os objetivos deste trabalho era: conhecer aqueles alunos, os seus sonhos e anseios; estimular a leitura; aprimorar a escrita; reconhecer a importância da literatura de cordel, promovendo aproximação da cultura popular, além de empregar o texto de cordel para promover discussões sobre a temática referente à escola. Os conteúdos trabalhados foram: a leitura; interpretação do texto; produção de textos; características dos textos de cordéis: versos, estrofes; rima; linguagem oral e escrita; variação linguística.

Após as discussões em sala de aula, os discentes foram organizados em equipes para a produção de um cordel. Cada grupo foi convidado a produzir seu próprio cordel a partir da palavra “ESCOLA”. Outras palavras poderiam ser usadas para poderem fazer associações de usar as rimas. A atividade teve uma duração de quatro aulas, os materiais utilizados foram textos impressos, data show, caixa de som, quadro branco entre outros.

Todos os/as alunos/as produziram e apresentaram. A partir das apresentações iniciamos outras discussões a respeito do contexto apresentado em cada produção. Por meio de um diálogo informal, verifiquei a compreensão deles no que se refere às questões educacionais, sobre a escola como espaço de aprendizagem. Além disso, a atividade não foi trabalhada apenas leitura, interpretação e produção. Trabalhamos, também, questões referentes às estruturas do texto, as questões ortográficas e o vocabulário, entre outras, como já foi abordado anteriormente.

E, assim, essa atividade possibilitou aos estudantes por meio da leitura do cordel seu crescimento enquanto leitores, desenvolvimento do pensamento crítico e estimular o gosto e o prazer pela leitura.

Vale ressaltar que essas atividades significaram muito, nos despertou um olhar diferenciado para um determinado aluno, Manuel Ferreira, que era bastante problemático na sala de aula. Através dessa atividade, esse estudante se percebeu nesse lugar, enquanto



pessoa importante para a professora, para a escola e para os colegas, quando ele, na sua produção, faz um questionamento a Deus e, o mais importante, quando ele descobre a sua potencialidade. É importante relatar que o trabalho com a leitura, na Educação de Jovens e Adultos, é uma prática que precisa ser desenvolvida na sala de aula constantemente, como compreendeu a professora Joana Silva.

Eu, a professora-pesquisadora, a docente Joana da Silva e a comunidade escolar, todos passamos a enxergá-lo de forma diferente, com mais atenção para esse ser, porque o distanciamento ficou menor, foram construídas novas relações e esse aluno pôde ser visto. No final da aula, o aluno pôde ler em voz alta o seu texto, sentindo-se mais apreciado e reconhecido pelo grupo. Os elogios serviram para fazer com que cada aluno se sentisse valorizado e, em especial, Manuel Ferreira. É importante deixar claro que, quando planejamos uma atividade, esta deve ser pensada no/a aluno/a, em sua experiência, e não, apenas, no conteúdo da matéria a ser trabalhado.

Dessa forma, os/as estudantes foram estimulados a participar das atividades, expondo suas impressões dos textos lidos e, assim, puderam, também, construir suas falas e seus textos. A docente disse que a tarefa não foi muito fácil, pois alguns estudantes insistiram em não participar das discussões mediadas por ela. Nas discussões falaram, eles/as sobre as dificuldades em ler em voz alta e entender o que leu, por terem palavras que são difíceis a compreensão; a dificuldade na escrita; e que não gostam de falar no meio de gente. Mesmo assim, foi um momento de muito aprendizado e de escuta.

É interessante saber que o estudante, após a escrita do cordel, não quis fazer a leitura do seu texto. Todo o tempo, ele dizia que não estava bom, que não sabia escrever, entre outros argumentos. A professora não insistiu, deixou a leitura para outro momento. Disse ao discente que quando ele se sentisse bem realizaria a leitura para os colegas. Ele concordou com a sugestão dela. Entendo que o aprendiz se sentia menosprezado, devido a seu comportamento no espaço escolar, sentindo-se desacreditado por alguns. De maneira que, quando escreve um texto e, são elogiados, ele nem acredita que o elogio é para ele.

Cabe salientar que esse fenômeno pode acontecer em qualquer situação do cotidiano. Para dialogar com essa ideia, trago Gilvânia Maurício Dias de Pontes (2015, p. 205), porque ela entende que

a atividade humana, direcionada pela reflexão, permite o enlace entre pensamento e experiência. Na experiência, ocorrem alterações simultâneas

entre o agente do conhecimento e o que foi conhecido, porque há modificações nas relações entre eles. Assim, agir e experimentar o conhecimento constitui o processo de aprendizagem e, nesse esforço, o sujeito passa por transformações. Transforma a si, o conhecimento e o meio em que atua.

Dessa forma, é possível pensar no espaço de sala de aula, onde há interação entre e nas vivências e experiências, entres os pares, com intuito de perceber as diferenças que nos cercam e, assim, ressignificamos os sentidos e conceitos, através desses experimentos. No contexto em que atuo, isso ocorre considerando que estudantes e professora diferem, vêm de classes sociais diferentes, com linguagens e culturas diversas.

Para conviver no ambiente de sala de aula, é preciso reconhecer e respeitar o modo de viver, as relações dialógicas, de troca e assimilação de conhecimentos, e as histórias de vida. Dessa forma, a aula realizada pela professora Joana da Silva possibilitou aos/as discentes refletirem sobre e expressarem suas vivências, relacionando-as com as leituras efetuadas em sala.

Assim sendo, a prática pedagógica com os/as discentes da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos deve proporcionar aos/as educandos/as viver as experiências, criando condições e oportunidades interativas e dialógicas. Isto é, um lugar para compartilhar saberes e, assim, expandir suas possibilidades de expressão e seu repertório cultural.

Essa compreensão vai ao encontro do que salienta Larrosa (2021, p. 68):

A experiência é o que nos acontece, não o que acontece, mas sim o que nos acontece. Mesmo que tenha a ver com a ação, mesmo que às vezes aconteça na ação, não se faz a experiência, mas sim se sofre, não é intencional, não está do lado da ação e sim do lado da paixão. Por isso, a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição.

Para dialogar com essa compreensão, trago outro momento de Manuel Ferreira, no qual o participante da pesquisa leu o Cordel escrito por ele em um dos dias do evento, no qual foram apresentados os resultados do projeto intitulado *Brasilidades: identidades, cultura em foco*.

Figura 4 – Reflexões sobre o EU

Identities, Aprendizado, Construção, Inovação!  
 Assim, vou vivendo este trânsito ilimitado  
 Entre lugares  
 novas ideias e vindas na escola, literatura,  
 na escola, com estudantes, na família, na  
 sociedade.  
 Assim, vou sendo provocada diariamente  
 Estas provocações me fazem planejar,  
 criar.  
 Assim, vou desmarcando pontos de partidas  
 e chegadas.  
 Vou construindo conceitos, transformando  
 minha vida e talvez a vida dos  
 outros.  
 Assim, vou criando, construindo, recon-  
 struindo meus pensamentos para alcançar  
 novos horizontes.  
 Assim, vou resenhando minhas ideias  
 para alcançar meus objetivos.  
 Assim, vou deixando partes da minha  
 construção, de meus estudos, de minhas lec-  
 turas.  
 Assim, vou construindo nova identidade  
 alcançada de novos saberes, conhecimentos  
 com novas culturas de ma-  
 tizes africanas, com novas religiões.  
 Assim, vou vivendo novas identidade pro-  
 movida, deslocadas, novas representações...

Assim, vou nova identidade, corpo em  
 movimento.  
 Assim, vou vivendo nesta dimensão  
 de conhecimentos fazendo as articulações  
 precisas.  
 Assim, vou vivendo com o meu corpo  
 forte, outras vezes frágil.  
 Assim, traço para minha vida estas  
 novas leituras, novas teorias, novos textos.  
 Novas Provocações.  
 Assim, vou trilhando novos caminhos  
 e construindo novas práticas.  
 Marilene

Fonte: Autora, 2022.

Como pode ser observado no texto acima, foi feita uma reflexão acerca dos vários momentos nos quais eu me encontrei, assim, expressando minha identidade com várias,

sendo construída na interação com o outro. O escrito apresenta minhas identidades coletiva e individual, podendo ser relacionada com o cotidiano da sala de aula, nas atividades com os/as educandos da EJA, público de várias identidades.

Neste percurso, planejar e desenvolver atividades considerando esse público, suas identidades e culturas, representadas pelos/as estudantes, foi fundamental para a valorização do "eu-estudante" e "eu-professora". Posto isso, levar a Literatura de Cordel proporcionou aos/às estudantes a expansão dos seus repertórios de leitura e criação, contribuiu na interação, no processo de criar e recriar, além disso, na constituição das identidades dos sujeitos da EJA. Deste modo, foi criado um diálogo entre a literatura e os/as discentes da EJA, construindo um processo interativo com os modos de vida e com suas identidades culturais.

Então, ao adentrar nesse lugar, me deparei com identidades em transformações. Porque se pensou, até um certo momento, como já foi apontando aqui, que a identidade era única e, hoje, vários estudos atestam que não temos uma única identidade e, sim, várias identificações. Isso porque, de acordo Hall (2014, p. 12),

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Diante disso, compreendo que a identidade é construída no nosso dia a dia, através das interações, da linguagem, da cultura e do meio social que estamos inseridos. E, no espaço escolar, isso não é diferente. Esta riqueza de diferenças presentes na Educação de Jovens e Adultos dizem respeito às várias identificações coletivas que estabelecem significações para os/as próprios/as estudantes e para a professora que compõem a sala de aula. Essas identificações vão se construindo nas representações destes sujeitos na sociedade, nas relações com o outro e a partir do contexto.

Essa compreensão é possível diante da leitura de que, conforme Tomaz Tadeu da Silva (2020, p. 96),

a identidade não é uma essência; não é dado ou fato, seja de natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada e permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer, que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas.

De acordo com esse entendimento, devo enxergar e refletir sobre quem são estes sujeitos que compõem a sala de aula da EJA, no caso os/as participantes e suas representações nos vários espaços sociais e culturais.

### **3.1 Literatura de Cordel e letramento literário na EJA**

Neste tópico, abordo o letramento literário, uma vez que planejei e desenvolvi práticas pedagógicas, nas quais os/as estudantes puderam perceber a importância dessas práticas no contexto de sua formação leitora e criativa. Entendi ser preciso que os/as discentes reconhecessem a importância do letramento literário na sua formação leitora. Desta forma, esse tipo de letramento se integra ao letramento, no sentido de compreender que as práticas sociais envolvem a leitura e escrita, deste jeito, inseparáveis.

Dessa maneira é que, nesse trabalho, conforme Laureci Ferreira da Silva (2017, p. 34), vejo como é importante considerar a perspectiva de se “vivenciar um estudo e uma prática pedagógica que possibilitasse estabelecer uma relação entre as culturas e letramentos locais, escolares, digitais, que nos circulam ou podem circular”.

No percurso desta pesquisa, pude observar o quanto os/as participantes deste estudo foram oportunizados o acesso a diversos livros de cordéis e notei que, assim como eu, minha mãe e avó, eles se encantaram ao ler os textos. Assim me fizeram revisitar as minhas lembranças, durante o meu processo de formação leitora, quando eu fazia a leitura dos cordéis. Como mencionado anteriormente, esse gênero era comprado na feira livre por Mainha e vovó. Assim como, minhas ancestrais, os/as estudantes leram as imagens das capas dos livros e daí em diante desertaram o interesse pela obra.

Em uma das oficinas, apresentei os livros de cordéis sobre uma mesa, na sala de aula, para serem apreciados nas oficinas de leitura e criação, tendo como objetivo analisar as imagens e o título que representam as histórias escritas. Como pode ser observado na imagem a seguir.

Figura 5 – Livros de Cordéis



Foto: a autora, 2023.

Com esse propósito, os/as estudantes tiveram oportunidades de manusear os livros. Ele/as observaram e folhearam, demonstrando interesse, primeiro, pelas capas, porque despertaram a curiosidade. Em seguida, julgaram se o texto escrito teria relação com as imagens e o título e iam assim se apropriando do material apresentado. Durante este momento eles conversaram entre si e percebi que trocaram os livros, após alguns minutos de análise.

Diante deles, fizeram muitas perguntas referentes às gravuras, como:

- (E<sup>20</sup>) Que tipo de imagem era aquela?
- (E) Por que era em preto e branco?
- (P) Por que o desenho diferia das outras capas?
- (P) Do ponto de vista vocês, por que você é preto e branco?
- (E) Por que era mais fácil de desenhar?
- (E) Por que a pessoa não sabia desenhar?

Após as perguntas feitas pelos/as aprendizes, cada um/a respondeu suas próprias interrogações, pois uma das estratégias desta atividade era a mobilização dos conhecimentos prévios sobre o gênero literário Cordel. Em seguida, os próprios/as estudantes confirmaram suas hipóteses sobre as imagens impressas que ilustravam as capas dos livros, de que essas já apresentavam uma ideia do que seria a história.

Estas atividades me reportaram as minhas vivências com a família, quando eu morava em minha terra natal, Pedrão-BA. As minhas memórias revisitaram, fizeram-me lembrar dos momentos que aconteciam, geralmente, às quartas-feiras e aos sábados, quando nos reuníamos à noite e eu lia um ou dois cordéis, principalmente, para minha mãe e avó.

---

<sup>20</sup> (E) = estudante e (P) professora



Era um momento prazeroso, descontraído, de muitas gargalhadas, muitas histórias engraçadas, de suspenses. Isso despertava ainda mais a curiosidade dos ouvintes e a minha, também, pois, a cada estrofe lida, surgia a vontade de querer saber o final, de saber o que iria acontecer com os personagens da história.

Durante estas leituras, minha mãe e minha avó conversavam sobre o título, sobre a capa do livro do Cordel, as xilogravuras que a ilustravam. Além disso, articulavam a história contada nos livros com fatos da realidade. É importante ressaltar que era minha mãe quem sempre escolhia o livro a ser lido e à escolha era pela capa, pois era o elemento que mais chamava a atenção, do ponto de vista dela.

Após a leitura, ficava evidente para os/as estudantes que as ilustrações estavam articuladas com a palavra escrita e que aquelas imagens davam vida aos personagens, representando suas narrativas. A seguir apresento outras capas de livros de cordéis, nas quais os/as discentes acharam importantes os desenhos que as representavam e fizeram a leitura destes textos.

Figura 6 – Exemplos dos cordéis lidos



Fonte: biblioteca particular da autora, 2023.

Diante dessas imagens, eles/as apontaram para como estavam de formas diferentes, os desenhos em preto e branco e o papel de várias cores: verde, rosa e amarelo. Outra observação feita foi quanto aos nomes dos autores, pois, às vezes, vinham na parte superior e, outras vezes, na parte inferior. Fizeram observações pertinentes para a compreensão da atividade.

Para dialogar com essas vivências trago Lourgeny Damasceno do Nascimento (2011, p. 22), que afirma que a Literatura de Cordel

está interligada com a arte da xilogravura, que é uma técnica de gravura e impressão mais popular para os poetas cordelistas, eles utilizavam a xilogravura para impressão das imagens de seus cordéis. No início, a xilogravura foi usada para ilustrar cartas de baralho, logo depois, esta técnica de gravura foi se expandindo por todo o território nordestino. É que a arte se tornou tão popular que os artistas ficaram conhecidos como xilogravuristas se destacaram e ficaram reconhecidos mundialmente.

A meu ver, esse foi um dos elementos que compõem o cordel e que representa a cultura nordestina, o que contribuiu para que os/as estudantes da EJA se interessassem em analisar e refletir sobre as xilogravuras que ilustram as capas dos livros de cordel.

Nesse cenário de descoberta, a estudante Evely disse que a capa do livro dela tem ilustrações, que representavam animais, a poluição e, que pelas imagens se percebia isso, lembra a seca no Nordeste, os lugares mais secos como o sertão. Nesta hora, observei um conflito de opiniões, talvez, dúvidas entre a imagem da capa, a xilogravura, o título do livro. Eles/as por alguns segundos se questionaram. Uma aluna falou: “*será que é isso mesmo que estou achando que a história vai narrar?*”. Foi um momento de experienciar o novo para eles e elas. Para Dewey (2010, p.140), “a experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação entre participação e comunicação.”

Ao ler as xilogravuras, algo novo para os participantes do estudo, o que, em alguns momentos, os deixou com dúvidas sobre suas leituras, chegando a pensar que tudo estava errado. Isso significa que é possível trabalhar tanto a leitura das palavras quanto das xilogravuras, porque essa é atraente e tem em vista representar a realidade, mediante descrições simples e criativas.

Dessa forma, diante de experiências assim, é que reconheço que os/as participantes deste estudo conseguem ler o mundo, bem como narrar e se relacionar consigo e com o outro (LÍRIO, 2020).

A Literatura de Cordel, primeiramente, foi utilizada para se reportar aos folhetos que eram vendidos nas feiras, expostos em um barbante, ou no chão forrado, geralmente, por um plástico, para serem vendidos. Isso acontecia, sobretudo, em pequenas localidades do interior do Nordeste, com alguma semelhança com o que ocorria em Portugal. Nesse país,



eram chamados de cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos em feiras, praças e mercados. Eram escritos e lidos por pessoas que pertenciam à classe média. (MARINHO; PINHEIRO, 2012).

Vale acrescentar que Literatura de Cordel oferece formas de aprendizagens e ensinamentos, possibilitando aos/as aprendizes maneiras diferentes de se envolver e explicar a vida, uma vez que os textos narram o sofrimento e as façanhas de um povo. E, aqui, na região Nordeste, isso tomou uma grande proporção.

Cabe salientar que essa literatura, para uma grande parte da população brasileira, é considerada desprestigiada, em comparação a literatura canônica. Mas, mesmo com esse fato, ela está adentrando as escolas, como o caso do Colégio Estadual Luiz Viana Filho (CELVF), nas turmas da EJA, nas atividades com a LC, nas aulas de leituras.

Outro aspecto importante para destacar em relação à Literatura de Cordel é que ela faz parte da literatura popular, já que é produzida pelo povo e para o povo, além de divulgada pelo próprio povo. As oficinas de leitura estimularam as/aos estudantes a lerem textos literários vivenciando as práticas do letramento. Uma vez que, o letramento literário envolve as cantigas de rodas, de ninar, romances, filmes, entre outros e continua presente em toda nossa vida.

Assim, ao trazer a Literatura de Cordel para escola, ela se tornou parte das nossas práticas de letramento. Isso reflete o que propõe Cosson (2021, p.23), ao dizer que é “a partir dessa apropriação que o letramento literário é compreendido como uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. Ou seja, é meu papel, como professora, criar condições para que os/as participantes da pesquisa vivenciassem essa prática de letramento nas aulas.

Nesse contexto, as oficinas de leitura e criação realizadas na sala de aula implicaram na formação leitora porque instigaram os/as estudantes a lerem de diversas maneiras: alguns leram reconhecendo as rimas, outros fizeram a leitura direta e perceberam que podem brincar com as palavras.

Para Djalma Barboza Enes Filho (2018, p. 35),

na perspectiva do letramento literário, o foco não está somente na aquisição de habilidades de leitura de textos literários, mas no aprendizado de compreensão e da ressignificação desses textos, por meio da relação leitor-texto, na qual o leitor faz um intercâmbio de conhecimentos e sentimentos com o autor da obra escrita.

Nesse sentido, o letramento literário tem uma relação distinta com a leitura de uma notícia de jornal, uma lista de compras, uma bula de remédio, entre outros, sendo que essa ação de ler os gêneros literários, em especial a Literatura de Cordel, pode transformar as vidas dos/as discentes.

Para corroborar com esse ponto de vista trago Marinho e Pinheiro (2021, p. 88), ao explicarem que

a Literatura de Cordel, ao longo de sua história, tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações de cunho social, realizadas, muitas vezes, sem uma intencionalidade clara. Podemos apontar no cordel uma acentuação do caráter de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes em nossa sociedade.

Esse foi um dos motivos, como já mencionado, pela opção de trabalhar esse gênero textual com uma turma da EJA.

Assim como minha família se envolvia com as histórias, os/as participantes desta pesquisa também se envolveram no momento que tiveram contato com os vários livros de cordéis. Esse momento foi feito da seguinte maneira: expus os cordéis, na sala de aula. Nessa etapa, surgiram comentários como: eram feias, tinham chifres “parecidos com o cão”.

Neste momento, alguns e algumas estudantes não resistiram aos comentários dos/as colegas e deram algumas risadas, se interessaram em pegar o livro para folhear, para ver se a imagem estava relacionada ao escrito. Durante esse tempo, observei as expressões, os diferentes olhares, ao pegar os cordéis. Um aluno chegou a dizer: "*um livro assim e tinha tanta coisa escrita*". Percebi o quanto é importante oportunizá-los a conhecer outros gêneros textuais, a ter acesso a uma cultura presente em nossa vida, que parece está distante.

Expor essa diversidade de livros na sala de aula foi uma das formas de chamar os/as estudantes para participarem e se envolverem nas oficinas conforme a compreensão de que

um ensino de literatura como prática social capaz de causar uma mudança de postura, visão e revisão de valores e de verdades passa pelo letramento literário, que permite que a leitura do texto literário seja sentida e vivenciada. Essa é uma prática que a escola e o professor não podem recuar, pois, a leitura literária tem a função de ajudar o indivíduo a compreender melhor o mundo, a desenvolver bons hábitos e a sentir prazer no que é lido. Portanto, a escola e professores devem se colocar como principais promotores desse processo. (FILHO, 2018, p.42)

Nesse sentido, compete a mim, professora, que realizo este estudo no CELVF, criar possibilidades para que, de fato, os/as educandos tenham acesso à literatura e, assim, possam desenvolver suas habilidades leitoras e criativas, respeitando as especificidades de cada estudante.

A Literatura de Cordel é um instrumento que permite uma leitura criativa e dinâmica que ao ler os/as estudantes utilizam o texto para realizar comparações das experiências vividas no cotidiano, favorecendo a compreensão dos sujeitos envolvidos e, assim, envolvendo diversas práticas de leitura.

Nessa trajetória de estudo, me propus a manter uma prática pedagógica vinculada ao contexto cultural e social, bem como, aos significados que as/os participantes atribuem à leitura e, junto a isso, “[...] às relações de poder que regem os seus usos, de modo que a junção desses fatores resulta no uso dos letramentos múltiplos que variam de comunidade para comunidade, por conta das condições socioeconômicas, culturais e políticas que as influenciam”, como propõe Laureci Ferreira da Silva (2012, p. 36).

Nessa conjectura de estudo, trago, ainda, os multiletramentos, porque observei que o livro de cordel evidencia as várias características deles. Segundo os estudos de Roxane Rojo e Eduardo Moura (2012, p.23), são características do multiletramentos:

são interativos; mais que isso colaborativos; b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]; c) eles são híbridos, fronteirizos, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Considerando essas características, foquei em novas formas de trabalhar, no espaço escolar, que mobilizem as práticas do letramento na EJA. Para tanto, tive um olhar diferenciado para as práticas de letramento que os/as estudantes já possuem e, assim, provocando-os para novas possibilidades de aprendizagem.

No que concerne letramento, trago para essa discussão a visão de Kleiman (2005, p.11) “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder”.

Esse conceito depende do contexto que os/as educandos estão inseridos, pois os/as estudantes da Educação de Jovens e Adultos é um público que apresenta uma longa história de vida, isso me fez pensar nos diversos eventos de letramento vividos por eles.

Com uma visão orientada por essas abordagens e pelo pensamento de Silva (2012), usei a usar meus conhecimentos e experiências, para vivenciar um estudo com os/as participantes desta pesquisa, utilizando e uma prática pedagógica que possibilitou estabelecer uma relação entre as culturas e letramentos locais, literários, escolares, digitais, que nos circulam ou podem circular.

Assim sendo, a opção pelos textos de cordéis, no contexto do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, se deu porque eles apresentam qualidades com as quais as pessoas se identificam e se encantam. O que leram, nas oficinas propostas, possibilitou o/a leitora/o viver as experiências estéticas e inserir os/as participantes deste estudo no mundo da literatura, proporcionando a construção de conhecimentos significativos, em práticas de letramentos literário e, assim, possibilitar maior interação entre leitor/a e texto, na sua formação leitora, por meio de procedimento de experiências estéticas e literárias, na EJA.

Para isso, é necessário que se transforme o ensino de literatura, na EJA, com vistas à leitura e o letramento literário, pois “é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos” (COSSON, 2009, p. 16).

Diante desse ponto de vista, os/as discentes puderam expandir a compreensão leitora e criativa, utilizando recursos para vivenciar novas possibilidades de ler, criar e trilhar novos caminhos, para além da sala de aula. Para tanto, foi preciso criar ações para que o letramento literário proporcionasse a eles e elas mudanças de realidade e transformações.

Posso afirmar que as atividades realizadas naquele momento com gênero literário Cordel, os/as discentes refletiram e buscaram sentido, por meio da leitura feita e, também, puderam observar o número de estrofes, o número de versos, quais palavras estavam rimando. Assim, foi oportunizado aos sujeitos conhecer outras leituras de mundo, outras leituras de si e, assim, criar opiniões e visões diferentes.

Ao trabalhar os livros de cordéis na sala de aula, percebi que tanto eu, quanto os/as discentes, expandimos nossos conhecimentos de mundo e percebemos realidades distintas, em diferentes ambientes, trazendo vastas experiências no campo da leitura. Isso se deu, entre outras razões, porque, nessas oficinas, construímos práticas pedagógicas que, conforme o que propõe Rojo (2009, p. 107), estão implicadas em “várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida da cidade, da escola e da comunidade de maneira ética, crítica e democrática”.

Em vista dessa percepção, ficou evidente, para nós, que os textos de cordéis aguçaram a nossa imaginação e a capacidade de ler e compreender o escrito e, assim, fazer uma viagem no mundo literário e, com ele, nos fantasiarmos. Para ilustrar essa ideia, apresento uma pergunta que uma das estudantes me fez, durante uma das aulas: “*Professora, posso fazer igual ao autor do texto, brincar, dar ritmo, sonoridade?*”, enfim, se era permitido a ler e escrever.

Respondi com outras perguntas: O que você acha? Como quer fazer? Além disso, disse, também, que todos poderíamos fazer nossas leituras. Nesse sentido, para ratificar essa ideia, volto a Cosson (2021, p. 39), por ele afirmar que “ler é bem mais do que seguir uma linha de letras e palavras”, isto é, não se restringe a uma decodificação, nem depende apenas do texto.

Considerando esse contexto, no próximo capítulo descreverei como as Oficinas de Leitura e Criação foram planejadas e realizadas e as reações dos/as participantes desta pesquisa. Levar a Literatura de Cordel para o espaço escolar é uma maneira de estimular as práticas de leitura e de trabalhar, interdisciplinarmente, trazer a arte para o contexto dos/as estudantes, pois, nesse caso, ela está interligada com a leitura.

#### **4 AS OFICINAS DE LEITURA E CRIAÇÃO: LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Neste capítulo, apresento as oficinas de leitura e criação, para as quais o ambiente escolar foi pensado como um espaço onde o/a aluno/a pode participar de práticas de letramento literário. Este estudo se realizou em uma turma da EJA, do noturno, em um processo pedagógico no qual os/as estudantes envolvidos tiveram oportunidades acessar diversos textos da Literatura de Cordel, expandindo sua competência leitora, por meio de experiências estéticas, em oficinas de leitura — produto pedagógico desta pesquisa.

Nesse contexto, foram consideradas as práticas realizadas pelos sujeitos, dentro e fora do ambiente escolar, a fim de abranger diversos usos da linguagem, por meio dos textos orais e escritos, que circulam na coletividade que compõe aquele agrupamento.

Primeiramente, foram organizadas e elaboradas as oficinas, o que chamo de *Sequências Cordelistas*, intituladas *Literatura de Cordel: Fonte de Inspiração na EJA*, para pensar as experiências estéticas com o cordel, na perspectiva do letramento literário. Neste estudo, estou chamado de “sequência cordelista” são as séries de atividades desenvolvidas, contendo: objetivos, mobilização, procedimentos metodológicos e avaliação, em cada uma das oficinas apresentadas, que, em conjunto, constituem o produto pedagógico deste estudo.

Para realizar as oficinas, conversei com a professora Joana Silva<sup>21</sup> sobre o meu projeto e partilhei que pretendia levar, para o contexto da sala de aula, a Literatura de Cordel. Neste momento, fiz um relato de como almejava desenvolver as oficinas na turma de EJA.

A meu ver, o gênero propôs aos/às estudantes uma viagem literária, com o enfoque, aqui, como já mencionado, no cordel, o qual é um gênero tipicamente nordestino, proporcionando para aos/as filhos/as da região uma oportunidade de identificação com as suas raízes. Dessa forma, foi assegurado aos/às participantes o acesso à Literatura de Cordel, por meio de ações no sentido de desenvolver as habilidades de ler, interpretar, compreender e argumentar.

Nesse sentido, as atividades foram pensadas considerando as várias identificações presentes no espaço escolar, assim como, o conhecimento de mundo de cada estudante,

---

<sup>21</sup> Nome fictício da professora regente

no sentido, ainda, de respeitar suas expectativas quanto à escola, de forma que esses elementos colaborem para a construção de um aprendizado que considere seus saberes. Nesse percurso, foram desenvolvidas oito oficinas de leitura e criação, com o intuito de promover a competência leitora e criativa dos/as participantes desta pesquisa.

Os/as estudantes manusearam e leram os cordéis, além disso, passaram a conhecer e se familiarizar mais com literatura de cordel, ademais, conheceram a relevância desse gênero textual no processo de letramento literário, visto que, estes são textos próximos da sua realidade. Esse aspecto despertou o desejo deles na busca de novas leituras, uma vez que utilizar esse tipo de literatura fez com que eles/as se percebessem como partícipes da história e não um mero espectador.

Nessa perspectiva, compartilho a seguir os procedimentos metodológicos utilizados, na realização das oficinas, os quais podem ser trabalhados com outros gêneros textuais.

É importante ressaltar que esse é apenas um dos caminhos para contribuir com a formação de alunos/as da EJA leitores autônomos, no sentido de poder decidir quais gêneros textuais querem ler, bem como, se desejam dar continuidade aos seus estudos.

Cabe salientar que as descrições das Oficinas de Leitura e Criação estão na Sequência *Literatura de Cordel: fonte de Inspiração na EJA*.<sup>22</sup>

#### **4.1 Primeira Oficina: Apresentação da proposta**

Para iniciar a realização das oficinas, me apresentei para a turma, fiz a exposição da proposta de trabalho, de que maneira as atividades estavam organizadas e como seriam desenvolvidas na sala de aula com os/as participantes da pesquisa. Em seguida, informei que a minha atuação na turma era devido ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa de Mestrado, no qual iria realizar algumas atividades com eles/as.

Nesta primeira oficina, estavam presentes 20 (vinte) alunos/as e teve como objetivos: sensibilizar os/as estudantes a fim de envolvê-los para participar ativamente do projeto, sendo assim, possibilitar os/as educandos vivenciarem essa experiência formativa por meio da Literatura de Cordel na sala de aula. Essa aula teve duração 01 (uma) hora.

---

<sup>22</sup> Anexo B – Sequência Cordelística, página 122.

Este primeiro contato com os/as estudantes foram para envolvê-los no sentido de que eles/as se tornassem protagonistas de seu processo de formação leitora, tanto de textos literários, quanto dos demais gêneros textuais que circulam na escola e socialmente.

Ao finalizar o primeiro momento de conversa, percebi que alguns esboçaram um semblante de curiosidade e outros estavam indiferentes. Naquele instante, começaram a surgir algumas indagações, tais como: por *que essa turma?* Respondi que foi devido à sua assiduidade, sua parceria com a professora titular da turma, das dificuldades apresentadas na leitura, conforme os relatos da docente Joana Silva.

Expliquei também que, nessas oficinas, seriam realizadas atividades de leituras e de criação de textos, usando uma metodologia de ensino que possibilitasse o desenvolvimento das competências de ler e de se expressar por escrito e oralmente, além de reconhecer os elementos dos textos de cordéis, dentre eles: os versos, estrutura, assunto e musicalidade.

Cabia a eles decidirem se gostariam de participar ou não, uma vez que eram livres neste quesito. No entanto, enfatizei que este momento seria para eles mais uma oportunidade de contato com outra forma de metodologia de ensino. E que, inspirados pelos diversos textos do gênero literário cordel, que seriam utilizados nas oficinas, teriam oportunidade de produzir seus próprios cordéis individuais ou coletivos para serem apresentados entre eles ou, quem sabe, para as outras turmas ou, até mesmo, em outros espaços.

Essas possibilidades foram exploradas durante todos os encontros com a turma e a decisão final da forma de como apresentar foi se delineando conforme a realização do trabalho.

Confesso que, logo que comecei a conversa com eles/as, me senti um pouco receosa com a recepção do grupo, mas durante o diálogo, com a participação de alguns, que faziam os questionamentos ou transmitiam algum interesse, fui me familiarizando. E, apesar de me sentir um pouco intrusa, por não ser a professora regente da matéria, comecei a ganhar confiança, ao perceber a atenção da maioria da turma, enquanto eu falava.

Como o meu trabalho será exposto e se tornará público, então, fez-se necessário informar essa situação para a turma e solicitar deles a assinatura de um documento, autorizando a divulgação de toda a produção feita durante a minha atuação com a turma.



## 4.2 Segunda Oficina: Um cordelista da atualidade

No segundo encontro, ao adentrar na sala, perguntei aos/as estudantes se eles/as haviam pensado na minha proposta de trabalho e o que acharam? Eles/as responderam que sim, haviam refletido sobre, e que poderiam participar do estudo, nesse momento, os informei que, na próxima aula, levaria o documento para eles/as assinarem.

Esta segunda oficina teve como objetivo conhecer e refletir sobre as tradições orais e do gênero textual Cordel, considerando as práticas de leitura de cada participante da pesquisa, bem como os sentidos que eles e elas atribuem ao que estão lendo. E, assim, provocar os/as estudantes a refletirem quanto a importância da leitura verbal e não verbal na Literatura de Cordel, bem como, a se posicionarem criticamente diante de questões relativas ao tema abordado nos textos. Essa aula teve a duração de 01 (uma) hora.

Nesse cenário, perguntei se eles/as tinham ideia do que iríamos estudar, ao que responderam que não, mas que, como eu era professora de Português, achavam que deveria ser texto.

Em seguida, para mobilizar os conhecimentos prévios dos/as educandos/as sobre a Literatura de Cordel, fiz a exposição de perguntas sobre este gênero, colando folhas de papel sulfite no quadro, contendo as seguintes questões:

1. Cordel, o que é?
2. Em algum espaço que você frequenta, comunidade, escola, já ouviu ou participou de algo relacionado a Literatura de Cordel?
3. O que lhe vem à mente, ao ouvir a palavra Literatura?

Alguns arriscaram respondendo que já haviam escutado falar; que literatura era algo que haviam estudado, quando estudavam durante o dia; ou que era um texto. Houve outras respostas neste mesmo estilo. Assim, entre uma resposta e outra, fui fazendo a mediação necessária para que eles/as se sentissem mais confortáveis e participassem daquele momento.

Durante esse tempo, percebi que quatro alunas não participaram da aula. Tentei algumas vezes, mas elas responderam que não queriam e que iriam ficar ouvindo os/as colegas. Diante dessas reações, nessa segunda oficina com as/os estudantes, percebi que eles/as ficaram na expectativa perante essa situação. Assim, foi necessário redimensionar as estratégias de ensino. Com essa mudança, no final das oficinas, percebi que os/as

estudantes já estavam se sentindo mais confortáveis e participaram ativamente das atividades seguintes.

Em seguida, exibi um vídeo de Bráulio Bessa, cujo título foi *Amizade*. Enquanto preparava o data show, alguns estudantes perguntaram sobre o que iriam assistir, mas permaneci em silêncio, até deixar tudo pronto, no intuito de aguçar a curiosidade deles/as e isso fizesse com que eles/as prestassem mais atenção. Em seguida, falei que iríamos assistir um vídeo e que, depois, conversaríamos sobre o conteúdo.

Ao terminar a apreciação, surgiram questionamentos e discussões sobre o que viram. Uma aluna falou que já conhecia o poeta, pois já tinha assistido no programa *Encontro com Fátima Bernardes* e que, toda semana, ele estava se apresentando, mas não sabia e nunca tinha se atentado, o que ele apresentava era texto de cordel.

Outro aluno disse que “*a maneira que ele falava diferia, pois tinha um jeito diferente de dizer as palavras*”. Nesse momento, houve várias falas dos alunos e alunas, pedindo para passar mais uma vez o vídeo, porque era interessante, bonito e expressava sentimentos de amor e de beleza.

Nesse instante percebi que, eles/as estavam vivenciando uma experiência nova porque era isso que as expressões faciais davam a entender. Era notável que eles/as se identificaram com a linguagem e o assunto do Cordel declamado por Bráulio Bessa, além disso, começaram a se envolver na proposta de estudo. É importante ressaltar que ler Cordel estava distante da realidade deles/as por ser, uma literatura considerada de menor valor em relação à literatura canônica.

Embora esse gênero textual, sempre esteve próximo desses sujeitos, mas eles ainda não haviam tido a oportunidade de vivenciar nada relacionado a literatura de cordel, com lhes estava sendo apresentado. Nesse momento, houve um pouco de contentamento e euforia. Isso me deixou mais empolgada com a minha escolha e com a continuidade do trabalho.

Então, aproveitei para lançar algumas perguntas referentes ao vídeo, que consta na sequência cordelista<sup>23</sup>:

*(P) O que vocês acharam do vídeo?*

*(E) Bom, interessante, importante para o nosso aprendizado.*

*(P) O que perceberam quando o poeta declamava?*

---

<sup>23</sup> Anexo B – Sequência Cordelística, página 122.

*(E) Texto rimado, uma forma de ler diferente, sentimento de amor, de tranquilidade, sereno.*

*(P) Como era o cenário?*

*(E) Colorido, alegre, de gente.*

*(P) Como as pessoas da plateia se comportaram?*

*(E) Pareciam que gostaram, caras alegres, outras tristes. Pareciam vivenciar as palavras ditas pelo poeta.*

*(P) E vocês, o que sentiram?*

*(E) Alegria! Que também podemos fazer. Orgulho de ser nordestino.<sup>24</sup>*

A discussão gerada pelo posicionamento dos/das participantes deste estudo me fez pensar em várias possibilidades de como desenvolver as oficinas de leitura e como elas deveriam ser planejadas e elaboradas, a partir deste momento. Isso, em consonância com o pensamento de Nascimento (2019, p.133), quando diz que

o educador que se propõe a formar o aluno-leitor deve promover encontros e atividades de literatura de forma e mediar o aprendizado, alimentando no aprendiz o despertar para a prática leitora, permitindo-o participar de situações que favoreçam a construção de sentidos para o texto.

Considerando esse pensamento, as Oficinas de Leitura e Criação foram elaboradas visando atender as demandas individuais e coletivas dos/as educandos/as. As situações didáticas de leitura com a Literatura de Cordel, foram elaboradas para que essas práticas fossem eficazes e permitissem aos/as estudantes da EJA enveredar pelo mundo da leitura, reconhecendo-se como participantes e autores/as da sua própria história e da história da sociedade em que vivem.

### **4.3 Terceira Oficina: O cordel tem seu lugar na EJA**

Nesta oficina quis trazer para eles outros nomes da literatura de cordel, estrutura e possibilidades deles e delas folhearem um cordel ou ainda quem sabe a declamação de um dos cordéis por algum aluno. Essa oficina teve como objetivo interpretar o texto de um cordel, buscando seus sentidos e a identificação com o texto, além de reconhecer as características dele.

---

<sup>24</sup> Essa discussão foi durante a segunda oficina de leitura sobre o vídeo de Bráulio Bessa.

Para esse fim, previamente arrumei e forrei uma mesa da sala de aula com um pano de chita, porque é uma das representações da nossa identidade nordestina, coloquei os livros de cordéis e, como parte da decoração, um cacto, como símbolo de resistência do Nordeste. Ao entrar na sala, os/as alunos/as perguntavam o que estava acontecendo: *É festa hoje?*

Figura 7 – Exposição dos cordéis



Foto: a autora, 2023.

Depois da diversidade de indagações, fui respondendo às perguntas com outras perguntas, seguida de algumas respostas:

*(P) Por que achavam que era festa?*

*(E) Porque tudo arrumado, a gente pensa em festa, mas vi os livros e nas festas não tem livros.*

*(P) E o que será que haverá na aula de hoje, já que não é festa?*

*(E) Ler. Óbvio, né?!*

*(P) E alguém entre vocês quer ler algum desses livros?*

*(E) Agora não, mais tarde! Deixa você dizer o que vai fazer.<sup>25</sup>*

Continuando a atividade, apresentei os livros de cordéis para os/as participantes do estudo e alguns lembraram que já tinha escutado os mais velhos falarem de Cordel; outros lembraram que os livros eram vendidos nas feiras livres e seus pais compravam e faziam a leitura; e alguns/algumas estudantes foram para internet pesquisar. Alguns/as alunos/as

---

<sup>25</sup> Essa discussão foi durante a terceira oficina, em sala de aula, intitulada **O cordel tem seu lugar na EJA.**

disseram que na banca de revista da praça tinha, mas nunca tiveram o interesse de comprar e nem de folhear.

Naquele momento, comecei a instigá-los, perguntando se ninguém lembrava de nada na televisão que recordasse o Cordel. Então alguém do grupo citou a telenovela *Cordel Encantado*, apresentada na Rede Globo, no ano de 2011, neste momento começou a conversação entre eles e elas, surgindo também mais um exemplo do cordel na dramaturgia, a telenovela *Mar do Sertão*, que está sendo exibida, na qual, no final de cada capítulo, uma dupla anuncia, em forma de versos, o que acontecerá no próximo capítulo da novela.

Foi nesse clima que solicitei que os/as estudantes se encaminhassem até a mesa e escolhessem o livro que lhe chamasse atenção. Durante essa escolha, eles e elas olharam vários livros, leram os títulos e cada um/a pegou um livro para ler. De posse dos cordéis, eles/as folhearam, perceberam a estrutura do texto, o título, a imagem da capa. Eles/as conversaram entre si, falavam da forma, da ilustração da capa, sobre a estrutura do livro de Cordel, o tamanho do livro. Após esse momento conversaram entre si sobre o escrito, como o texto é composto, alguns e algumas perceberam que o título e a ilustração da capa faziam referência ao texto. como pode ser observado na figura a seguir

Nesta discussão, uma aluna chamou atenção para o livro que pegou, com o título: *Os animais do Sertão; dos céus, das águas, do chão*. Ela ressaltou o cuidado que devemos ter com a natureza, pois o ser humano está invadindo o espaço dos animais e como eles estão ficando sem moradia, além disso, para a destruição do meio ambiente, devido às plantações, poluições

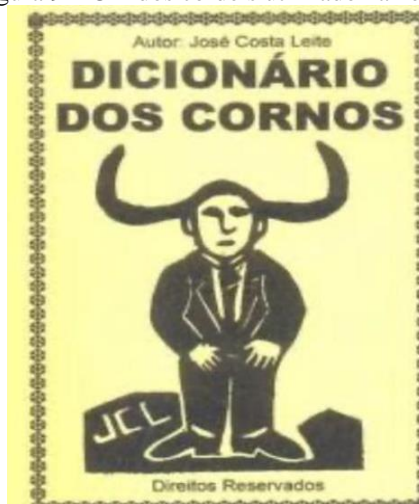
Figura 8 – Estudantes observando os cordéis



Foto: a autora, 2023

Uma das figuras que mais chamou atenção foi o *Dicionário dos Cornos*, de autoria de José Costa Leite, na qual havia um homem com chifres, conforme a imagem a seguir. Esse interesse se deu porque a imagem representada, na capa do livro, era engraçada e, nessa hora, eles/as se reportaram a alguns homens classificados de cornos e fizeram piadas entre eles, se referindo à imagem, chamando mutualmente de corno.

Figura 9 – Um dos cordéis utilizado na nessa oficina



Fonte: José Costa Leite, 2014

Neste cenário, um grupo de estudantes, leram algumas estrofes, riram um pouco, mas logo que retomei a conversa eles começaram a interagir com a turma. Aproveitei para explicar mais um pouco sobre a intencionalidade dos escritos de cordel que é de informar, ao mesmo tempo que divertir os/as leitores/as, fortalecendo as identidades e costumes regionais.

Ao realizar essa oficina, pude observar a interação entre os/as discentes, pois, ao ler os cordéis, faziam relação com o momento presente ou se referiam a alguma situação já vivenciada por eles/as. Ressalto que os/as educandos tiveram liberdade para expor suas percepções sobre o texto lido, teceram comentários sobre suas descobertas e, assim, expressaram-se do seu jeito, sem ter medo de errar.

Deste modo, os/as participantes indicaram suas dificuldades na compreensão, suas impressões em relação ao Cordel ou parte dele, as possíveis ligações com sua experiência real e pessoal, podendo construir sentidos ao que leram. (FILHO, 2018).

#### 4.4 Quarta Oficina: Patativa do Assaré, um renomado cordelista brasileiro

Esta oficina teve como título *Patativa do Assaré*<sup>26</sup>, um renomado cordelista brasileiro. Neste dia estavam presentes 05 (cinco) estudantes. O objetivo dessa oficina foi estabelecer relação entre fala e escrita, considerando o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem, as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão.

Iniciei a aula com a mobilização dos conhecimentos prévios com a imagem que representava o vídeo.

Em seguida, trouxe as seguintes perguntas:

(P) *Cante lá, que eu canto cá. Para vocês, esta frase quer dizer o quê?*

(E) *Algum título de poema.*

(E) *Chamando o outro para cantar.*

(E) *Que tem alguém cantando um de cada lado.*

(E) *Vai falar sobre o que faz o poeta.*<sup>27</sup>

Em seguida, falei que iria colocar um vídeo de um poeta brasileiro, nordestino, que se chamava Patativa do Assaré. Eles e elas assistiram ao vídeo e, depois, fizeram a comparação das ideias levantadas durante os questionamentos feitos antes de passar o vídeo para os/as estudantes assistirem e perceberam que o discurso do poeta brasileiro retratou a sua vida, dando ênfase ao fato de nunca desistir de suas ideias, por mais sofrida que tenha sido a sua vida.

A seguir segue o Cordel que o cordelista Patativa do Assaré declama no vídeo<sup>28</sup>, cujo título é *Cante de lá que canto cá*.

---

<sup>26</sup> Patativa do Assaré foi um poeta e repentista brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Com uma linguagem simples, porém poética, retratava a vida sofrida e árida do povo do sertão.

<sup>27</sup> Esse registro foi realizado, em sala de aula, através da quarta oficina: *Patativa do Assaré, um renomado cordelista brasileiro*.

<sup>28</sup> Fonte: <https://www.lettras.mus.br/patativa-do-assare/1072883>.

### Cante Lá Que Eu Canto Cá

Que na cidade nasceu  
 Cante a cidade que é sua  
 Que eu canto o sertão que é meu  
 Se aí você teve estudo  
 Aqui, Deus me ensinou tudo  
 Sem de livro precisá  
 Por favô, não mêxa aqui  
 Que eu também não mexo aí  
 Cante lá, que eu canto cá  
 Repare que a minha vida  
 É deferente da sua  
 A sua rima polida  
 Nasceu no salão da rua  
 Já eu sou bem deferente  
 Meu verso é como a semente  
 Que nasce enriba do chão  
 Não tenho estudo nem arte  
 A minha rima faz parte  
 Das obra da criação  
 Você teve educação  
 Aprendeu muita ciência  
 Mas das coisa do sertão  
 Não tem boa experiência  
 Nunca fez uma paçoca  
 Nunca trabalhou na roça  
 Não pode conhecê bem  
 Pois nesta penosa vida  
 Só quem provou da comida  
 Sabe o gosto que ela tem  
 Pra gente cantá o sertão  
 Precisa nele morar  
 Tê almoço de feijão  
 E a janta de mucunzá  
 Vivê pobre, sem dinheiro  
 Socado dentro do mato  
 De alpargata serelepe  
 Pisando enriba do estripe  
 Brocando a unha-de-gato  
 Você é muito ditoso  
 Sabe lê, sabe escrever E ninguém  
 pode nega  
 Que das coisa natural  
 Tem ela o que a sua tem  
 Aqui findo esta verdade  
 Pois vá cantando o seu gozo  
 Que eu canto meu aparece  
 Em quanto a felicidade  
 Você canta na cidade  
 Cá no sertão eu enfrento  
 A fome, a dor e a miséria

Bordada de prata e de ouro  
 Para a gente sertaneja  
 É perdido este tesouro  
 Com o seu verso bem-feito  
 Não canta o sertão direito  
 Porque você não conhece  
 Nossa vida apertada  
 E a dor só é bem cantada  
 Cantada por quem padece  
 Só canta o sertão direito  
 Com tudo quanto ele tem  
 Quem sempre correu estreito  
 Sem proteção de ninguém  
 Coberto de precisão  
 Suportando a privação  
 Com paciência de Jó  
 Puxando o cabo da enxada  
 Na quebrada e na chapada  
 Molhadinho de suor  
 Amigo, não tenha quêixa  
 Veja que eu tenho razão  
 Em lhe dizer que não mexa  
 Nas coisa do meu sertão  
 Pois, se não sabe o colega  
 De quá maneira se pega  
 Num ferro pra trabalha  
 Por favôr, não mêxa aqui  
 Que eu também não mêxo aí  
 Cante lá que eu canto cá  
 Mas porém, eu não invejo  
 O grande tesôro seu  
 Os livro do seu colejo  
 Onde você aprendeu  
 Pra gente aqui sê poeta  
 E fazê rima completa  
 Não precisa professô  
 Basta vê no mês de maio  
 Um poema em cada gaio  
 E um verso em cada fulô  
 Seu verso é uma mistura  
 É um tá sarapaté  
 Que quem tem pouca leitura  
 Lê, mais não sabe o que é  
 Tem tanta coisa encantada  
 Tanta deusa, tanta fada  
 Tanto mistério e condão  
 E outros negócio impossível  
 Eu canto as coisa visível  
 Do meu querido sertão  
 Canto as fulô e os abróio

Se as vezes andando no vale  
 Atrás de cure meus males  
 Quero repare pra serra  
 Assim que eu ólho pra cima  
 Vejo um divulgue de rima  
 Caindo em cima da terra  
 Mas tudo é rima rasteira  
 De fruta de jatobá  
 De fôlha de gameleira  
 E fulo de trapiá  
 De canto de passarinho  
 E da poeira do caminho  
 Quando a ventania vem  
 Pois você já tá ciente  
 Nossa vida é deferente  
 E nosso verso também  
 Repare que diferença  
 Existe na vida nossa  
 Enquanto eu tô na sentença  
 Trabalhando em minha roça  
 Você lá no seu descanso  
 Fuma o seu cigarro manso  
 Bem perfumado e sadio  
 Já eu, aqui tive a sorte  
 De fuma cigarro forte  
 Feito de paia de mio  
 Você, vaidoso e faceiro  
 Toda vez que qué fuma  
 Tira do bolso um isqueiro  
 Do mais bonito meta  
 Eu que não posso com isso  
 Puxo por meu artifício  
 Arranjado por aqui  
 Feito de chifre de gado  
 Cheio de algodão queimado  
 Boa pedra e bom fuzil  
 Sua vida é divertida  
 E a minha é grande pena  
 Só numa parte de vida  
 Nós dois samo bem igual  
 É no direito sagrado  
 Por Jesus abençoado  
 Pra consolar nosso pranto  
 Conheço e não me confundo  
 Da coisa melhor do mundo  
 Nós gozamos do mesmo tanto  
 Eu não posso lhe inveja  
 Nem você inveja eu  
 O que Deus lhe deu por lá  
 Aqui Deus também me deu



Pra sê poeta deveria  
Precisa tê sofrimento  
Sua rima, inda que seja

Com todas coisa daqui  
Pra toda parte que eu olho  
Vejo um verso se bule  
Toda cheia de razão  
Fique na sua cidade  
Que eu fico no meu sertão  
Já lhe mostrei um respeito  
Já lhe dei grande conselho

Pois minha boa muié  
Me estima com muita fé  
Me abraça, beja e que bem  
Que você deve toma  
Por favor, não mexa aqui  
Que eu também não mexo aí  
Cante lá que eu canto cá<sup>29</sup>

Nesse momento, disseram que a frase “Cante lá que eu canto cá” era o título do cordel. Então, pediram para passar o vídeo mais uma vez e, logo depois, falaram que o poeta retratava a realidade do sertão brasileiro, da vida que levava, enfrentando seca no lugar que vivia e mesmo assim não desistia de viver.

O aluno João se reportou para a realidade do povo brasileiro, que vive afastado dos grandes centros urbanos, ou seja, das pessoas que vivem na zona rural e, diariamente, saem cedo para enfrentar o sol e a chuva para trazer o alimento para casa. Ele falou, ainda, do sofrimento e que, embora vivendo com poucos recursos, são alegres.

Neste diálogo com os/as estudantes fizeram referência ao poeta Patativa do Assaré, quanto à escrita e recitação do seu cordel, por trazer a realidade do povo brasileiro, a qual é a sua, também. Disseram que, nos versos declamados por Patativa do Assaré, era nítida sua determinação em querer lutar por dias melhores, pois o autor deixou claro que ninguém deve se sentir inferior e nem incapaz.

Além disso, o seu jeito simples de ver a vida o fazia refletir sobre o lugar em que morava e sua imaginação era fantástica. Percebi, então, que declamar poesias considerando, aspectos extralinguísticos, como entonação, expressões faciais, corporais e gestuais, pausas, são recursos que estimulam a criatividade desses/as aprendizes. Essas informações auxiliaram na compreensão da diversidade cultural existente na sala de aula da EJA.

Durante esta discussão dos/as educandos, uma aluna pontuou sobre a simplicidade do poeta, o jeito de falar, de contar a realidade por ele vivida e que, também, é a realidade da maioria do povo candeense, do povo que mora na roça, da vida sofrida, batalhadora que todos os dias precisa levantar cedo e ir cuidar da terra. Ela concluiu seu pensamento, dizendo: “*essas pessoas que trabalham no interior não são valorizadas e é de lá que vêm,*

---

<sup>29</sup> ASSARÉ, Patativa. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/patativa-do-assare/1072883/>. Acesso 12 de set. 2022.

*para a cidade grande, os alimentos que passam por processo de transformação até chegar em nossas casas”.*

Neste contexto, reportaram-se à segunda oficina, na qual levei o vídeo do poeta Braúlio Bessa. Disseram que, apesar dos dois serem poetas, eles falavam de lugares diferentes, apresentavam condições de vida e cultura diferentes. Esta observação foi de grande relevância, por perceberem a diversidade de saberes que existe entre os povos e as culturas. Com essas observações finalizamos essa oficina.

#### **4.5 Quinta Oficina: Cordel e suas diversidades**

Para ativação dos conhecimentos prévios dos/as estudantes, utilizei o próprio título do cordel – *As quatro classes corajosas: vaqueiro, agricultor, soldado e pescador* – com as seguintes perguntas, ao que obtive as respostas a seguir:

*(P) Para vocês, por que será que o título é esse: As quatro classes corajosas: vaqueiro, agricultor, soldado e pescador?*

*(E) Porque vai falar de profissões.*

*(P) E só tem estas profissões importantes?*

*(E) O autor quis destacar as mais perigosas.*

*(P) Mais perigosas? Por quê?*

*(E) Se a senhora observar que são mais perigosas.<sup>30</sup>*

Nesse contexto de aprendizagem, a estudante Rita Moura fez esse relato, no término das discussões, expondo o que entendeu sobre o cordel: *As quatro classes corajosas: vaqueiro, agricultor, soldado e pescador*:

*Professora, entendi que o autor quis valorizar estes profissionais porque é uma das profissões mais perigosas: o vaqueiro cuida boiada; o agricultor das plantações que vem pra cidade pra alimentar a gente; o soldado cuida da segurança; e o pescador vai pra o mar buscar o peixe. Então, são todas perigosas. Isso não quer dizer que as outras são inferiores. Veja bem: a vida é sofrida! Quem mora na roça tem que levantar-se cedo, fazer o café e ir pra roça trabalhar. Já fui ao interior de meus parentes e é assim. É bom viver na roça, uma paz, tranquilidade, acordar ouvindo os cantos das galinhas, mas as pessoas lutam para sobreviver.*

Então, perguntei se alguém queria fazer a leitura do Cordel. Uma aluna se disponibilizou para ler alguns versos. Em seguida, outro aluno, também, leu. E, dessa

---

<sup>30</sup> Registro feito durante a quinta oficina, mediante gravação, o qual eu transcrevi.

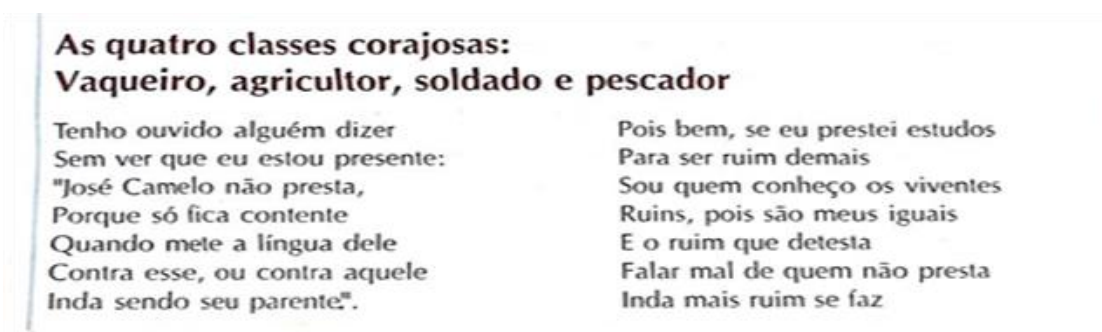
maneira, todos/as os/as estudantes presentes efetuaram a leitura. Ao terminar a leitura, os/as participantes comentaram que as leituras foram feitas de formas diferentes, com entonação de voz diferente. Os/as próprios estudantes pediram para repetir a leitura. Primeiro se organizaram entre eles e elas, ensaiaram e, depois, leram mais uma vez.

Após a leitura pela segunda vez, eles/as foram mais objetivos nas falas, se reportaram à valorização das classes trabalhadoras sem esquecer das outras, dando como exemplo: os garis, as domésticas, professores, merendeiras, enfatizando o valor que cada profissão tem na sociedade e o respeito que precisa ter.

Foi realizada uma sequência cordelista com duração de 04 (quatro) aulas, que apresentou como objetivo estabelecer relação entre o título e o texto, tendo como competência trabalhada o falar e o ouvir de forma crítica, clara e objetiva, interagindo com o seu cotidiano; e as habilidades exercidas foram as de argumentar e defender ideias, participar das discussões dos temas e apresentar posicionamento crítico.

Nesta oficina, o Cordel estudado foi: *As quatro classes corajosas: vaqueiro, agricultor, soldado e pescador*, de João Martins de Athayde<sup>31</sup>, retirado do livro de Língua Portuguesa do Gestar II, Programa Gestão da Aprendizagem Escolar, que apresento a seguir:

Figura 13 - Cordel trabalhado na quinta oficina



<sup>31</sup> Escritor, poeta, cordelista e editor, foi um dos autores que mais contribuiu para a divulgação da literatura de cordel produzida no Brasil no século XX.



De gente ruim eu falo  
Mas de gente boa não;  
Portanto vou nestes versos  
Fazer uma exaltação  
Às quatro classes que eu vejo  
Que merecem sem gracejo  
Honras pela profissão  
[...]  
São quatro classes, porém  
Vou falar primeiramente  
Sobre a classe dos vaqueiros  
Fazendo o mundo ciente  
O quanto são valorosos  
Ou por outra corajosos  
Honrando a sua patente  
O vaqueiro é um herói  
Que não tem amor à vida  
Pois inda encontrando a morte  
Na frente da foice erguida  
Antes a morte matá-lo  
Ele lhe atira o cavalo  
E ela fica estendida  
[...]  
Já falei sobre os vaqueiros  
Classe muito valorosa  
Agora posso falar  
Noutra classe corajosa  
Que são os agricultores  
Classe que merece flores  
Por ser muito proveitosa  
A classe de agricultores  
É quem traz o mundo em pé;  
Pois é quem tira da terra  
O açúcar e o café  
O trigo, o milho, o feijão

A farinha e o algodão  
E ninguém diz que não é  
Quem olhar para o serviço  
Que o pobre agricultor faz  
Achará que ele possui  
Força e coragem demais  
Pois vê que ele em seu trabalho  
Inda encontrando um engalho  
Já nunca dá para trás  
Já falei sobre o prestígio  
Do agricultor; agora  
Vou falar sobre o soldado  
Pois preciso nesta hora  
Dizer: que o soldado é  
Quem traz a justiça em pé  
Neste nosso mundo em fora



O soldado é um amigo  
Que não teme combater  
Defendendo a vida alheia  
Já sem pensar em morrer  
Pois entrando em luta forte  
Troca a vida pela morte  
Muitas vezes com prazer  
Inda um homem sendo fraco  
Mas se fazendo soldado  
Pela bandeira da pátria  
Não teme ser fuzilado  
Não é como cangaceiro  
Que além de ser desordeiro  
Só briga estando emboscado  
[...]  
Já falei sobre os vaqueiros  
Agricultores também;

Dos soldados já mostrei  
O valor que a classe tem  
Portanto vou dar louvores  
À classe dos pescadores  
Pois acho que me convém  
Alguém diz que o pescador  
Não tem classe, então por isto  
Devo dizer nestes versos  
Que alguns apóstolos de Cristo



Foram homens pescadores  
E mais tarde pregadores  
Isto está mais do que visto  
Em cima da terra o homem  
Pode saltar e correr  
Porém em cima das águas  
Isto não pode fazer  
Já portanto o pescador  
É o maior lutador  
Que se pode conhecer

Fonte: Barbato et al.(2008, p 44)<sup>32</sup>

<sup>32</sup> BARBATO, Silvane Bonaccorsi. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 4 - TP4: leitura e processos de escrita I. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

Certamente, para mim, foi um momento ímpar para os/as discentes por proporcionar um contato mais amplo e prazeroso com o texto e, além disso, contribuiu na aprendizagem por meio das reflexões com os/as colegas e comigo. Observei, com a leitura deste Cordel, que os/as alunos/as chamaram atenção para a maneira como o autor descreve cada classe, sem menosprezar as demais. Para eles/as, ao mesmo tempo que ele brincava com as palavras, escrevia de um jeito que encanta e ressalta cada trabalhador

#### **4.6 Sexta Oficina: Palestra-O Cordel e suas histórias**

Nesta oficina conversei com a professora regente, Joana Silva, sobre levar algumas convidadas: duas docentes para conversar e trazer para a turma sobre o surgimento do Cordel. A professora concordou e convidei as professoras Joselita de Jesus e Edna Santos<sup>33</sup>. Esta oficina teve como objetivo conhecer mais sobre a Literatura de Cordel e sua dimensão cultural e artística do ponto de vista de duas autoras de cordéis.

No contexto deste trabalho, as docentes convidadas conversaram com os/as estudantes sobre a Literatura de Cordel, partindo de algumas informações já dadas por mim para as professoras. Elas perguntaram para a turma se gostaram do último momento em que trabalharam com cordel, se conheciam algum dos diversos títulos dos cordéis mostrados em sala, se sabiam o nome de algum cordelista. Os/as aprendizes responderam que já haviam participado das aulas sobre o gênero literário e que haviam gostado.

Nesse momento, foi ótimo, pois percebi que as oficinas anteriores haviam surtido efeito, foram citados os nomes de Bráulio Bessa e Patativa do Assaré, como cordelistas. Quanto aos títulos, o *Dicionário dos cornos* foi logo lembrado. Após ouvi-los/as, as convidadas começaram a explicar sobre a origem do cordel, como ele chegou ao Brasil e se expandiu pelo nordeste brasileiro e, ainda, acrescentaram o reconhecimento do cordel em todo território nacional, atualmente.

Em seguida, falaram sobre a estrutura do cordel, dando ênfase que este é construído com base nos três elementos principais: a métrica, a rima e a oração. A métrica se apoia na quantidade de sílabas (medidas de um verso), a rima confere sonoridade ao texto, um ritmo; a oração é o encadeamento entre os versos, a coerência.

---

<sup>33</sup> Essas professoras são cordelistas e já trabalharam no CELVF.

Ainda na palestra, elas organizaram com os participantes, em grupos, entregando alguns cordéis e pediram que eles e elas lessem os versos do cordel. Neste momento, foi percebido pelos alunos/as que cada estrofe era composta por 6 (seis) versos. Foi aí que elas explicaram que, por isso, se diz que o cordel é construído a partir da sextilha.

Para finalizar, elas declamaram um cordel cujo título é *Cidrão e Helena*, o qual, inclusive, uma aluna já havia lido.

Cabe destacar que a atividade realizada colaborou na extensão dos conhecimentos dos/as participantes deste estudo, assim como, com os meus, professora-pesquisadora. Deste modo, os/as discentes foram motivadas a ler e criar os textos de cordéis, uma vez que as discussões sobre o gênero literário Cordel colabora com o processo de ensino da leitura e a criação dos/as aprendizes.

Cheguei a essa proposição concordando com o pensamento de Velloso (2017, p. 279), para quem

é necessário pensar em estratégias de ensino de leitura e escrita que contemplem a literatura popular, no intuito de possibilitar aos sujeitos da EJA a percepção do texto como espaço de práticas sociais, o que pode ser um caminho para o desenvolvimento de outras práticas de leitura e letramentos.

Sendo assim, a palestra constituiu uma estratégia para a formação do sujeito leitor.

#### **4.7 Sétima Oficina: Criação de Cordéis**

Esta oficina foi destinada para a produção de cordéis. Após a realização várias Oficinas de Leitura com os/as participantes deste estudo, chegou momento de oportunizar a criação de cordéis. Depois de algumas aulas de leitura, compreensão, interpretação textual e reflexões sobre textos de Cordel, eles/as foram convidados a criar seus cordéis tendo como referências os textos já lidos.

Assim, esta oficina teve como objetivo planejar e escrever textos do gênero textual Cordel. Para tanto, foi preciso planejar e elaborar a produção textual.

Ao serem convidados/as para escrever seus textos, os/as educandos demonstraram resistências como, afirmando, por exemplo: eu não sei; tenho dificuldades; some tudo da cabeça; entre outras justificativas, pois, quando se fala em produção, eles/as se consideram incapazes.

Nesta hora, ressaltar a importância dos momentos, que foram realizados durante as aulas na turma e que, agora, havia chegado o momento de se expressarem por escrito. Eles relutaram muito para não produzir, mas com muito diálogo, consegui que produzissem seus cordéis. Sei que escrever não é uma tarefa simples para eles/as, mas é uma prática que precisa ser encarada da melhor forma possível.

Para realização dessa oficina foram dadas as seguintes orientações: mobilização dos conhecimentos prévios:

- 1) escolha de um livro de cordel;
- 2) leitura do livro de cordel;
- 3) escrita de Cordel:
- 5) reescrita do cordel.

Por alguns instantes, eles/as ficaram em silêncio e, depois, concordaram em escrever do jeito que sabiam. Perguntaram se podiam olhar os livros dos Cordéis. Eu disse que sim, mas que não era para copiar. Eles/as me responderam ser apenas para ter uma ideia. De posse dos livros, folhearam, leram algumas estrofes, pensaram um pouco e perguntaram se poderiam dar o título de *Determinação* aos cordéis. Respondi que poderiam escolher o título que quisessem.

Mesmo assim perguntei: por que esse título, *Determinação*? Alguns responderam que o vídeo que assistiram de Patativa do Assaré e no cordel que leram – *As quatro classes corajosas: vaqueiro, agricultor, soldado e pescador* – os inspiraram a escrever o Cordel com esse título, pois, na vida, temos que ser determinados.

E, assim, começaram a escrever os textos. Nessa hora, lembraram das estrofes, das rimas e disseram ser importante ter isso nos textos deles/as, para ficar bonito igual aos que leram, mas não sabiam se iriam conseguir. Nesse momento de realização da escrita, fiquei observando suas ações e fui sanando algumas dúvidas que surgiam. Escreveram, escreveram, liam e diziam que não estava bom, arrancavam folhas do caderno, por fim, não consegui finalizar a atividade nestas duas aulas.

Na aula seguinte, a professora Joana Silva deu continuidade à criação dos textos de cordel e ela trouxe o seguinte relato:

*As atividades descritas foram desenvolvidas durante a Oficina de Leitura e Criação com os sujeitos da EJA. Esse momento foi marcado pela experiência deles e delas produzirem seus cordéis, nos quais se colocaram como protagonistas dessa produção no contexto de sala de aula.*

*Vale ressaltar que foi um momento muito importante e gratificante oportunizar aos/as alunos/as ao contato com a Literatura de Cordel, oferecendo condições para que eles percebessem a importância desse gênero literário para o fortalecimento*

*Vale ressaltar que foi um momento muito importante e gratificante oportunizar aos alunos o contato com a Literatura de Cordel, oferecendo condições para que eles percebessem a importância dessa literatura para cultura popular, para o fortalecimento das identidades regionais, além de desenvolver a potencialidade da leitura dos sujeitos da EJA.*

*É importante destacar que o momento da reescrita foi um pouco difícil, porque os discentes não tinham o costume de voltar a sua escrita, por isso esse procedimento foi um pouco demorado, mas valeu bastante a pena pelos resultados alcançados. Esse processo foi muito importante, porque me permitiu trabalhar com eles os erros de pontuação, acentuação, concordância, além do atendimento individual que possibilitou que cada estudante ampliasse o seu conhecimento em torno da escrita de texto. Eles estão mais cuidadosos, preocupados com a escrita, além disso, melhoram sua capacidade cognitiva.*

Nesse percurso das realizações das oficinas, os/as estudantes apresentaram dificuldades na compreensão e interpretação textual, na escrita dos cordéis quando lhes foi solicitado. O que observei, durante essas oficinas, é que eles/as apresentam dificuldades na compreensão textual e na escrita, além do medo de errar, de tentar. Diante desse contexto, sugeri, também, convidar um ex-aluno para apresentar o cordel escrito por ele, sob minha orientação, quando estudava no colégio.

#### **4.8 Oitava Oficina: Reescrita dos Cordéis**

Na aula seguinte foi o momento da leitura e reescrita dos cordéis produzidos pelos/as estudantes, teve como objetivo reescrever o texto escrito considerando as orientações dadas pela professora. Logo no início estavam com receio de fazer as leituras, pois estavam com medo errar, mas expliquei que estarem ali para aprender, adquirir mais conhecimentos e só aprendemos quando tentamos.

Após esse diálogo foram dados alguns direcionamentos para a realização da reescrita:

Mobilização:

- 1) Apresentação do título do Cordel
- 2) Leitura do Cordel
- 3) Observação nas leituras dos colegas
- 4) Anotar no caderno os pontos que poderiam ser modificados
- 5) Discussão com os /as estudantes sobre os pontos observados pelos/as colegas
- 6) Revisão coletiva dos textos
- 7) Reescrita do texto



Nesta oficina foram dadas as orientações de como seriam a reescrita do texto, também perguntei se todos estavam conforme as explicações dadas no início da aula. Depois deste momento iniciaram as leituras e perceberam o que não estavam concordando na escrita e eles/as começaram a fazer suas correções, às vezes dialogando entre si e, além disso, eu escrevia no quadro quando era necessário para leitura e se preciso trocar algumas palavras. Assim foram feitas revisões mediante diálogos com os/as colegas e comigo. Ressaltei que este momento não era para apontar erros e sim um ato criativo para tornar a escrita mais clara e criativa. Desta forma, considere as habilidades dos/as participantes deste estudo e o desenvolvimento das suas criações. Acredito que o conhecimento se transforma a partir que é dada oportunidade do sujeito pensar, produzir, apagar e produzir de novo, seja coletivo ou não.

Essa atividade desenvolvida possibilitou o confronto de ideias e suas relações internas e externas, estabelecendo assim uma elaboração efetiva do conhecimento, a partir de construções produtivas, tais como um texto de Cordel, cujo título foi escolhido por cada um e uma. Nesse contexto de ensino e aprendizagem os/as estudantes devem vivenciar vários momentos de leitura e criação durante o processo de construção do conhecimento, considerando o contexto cultural e suas identidades.

#### **4.9 Nona oficina: organização para apresentação**

Na nona oficina, organizei, com a professora regente, Joana Silva, e os /as estudantes, a apresentação e o ensaio para se apresentarem no último dia de oficina. Para tanto, foram distribuídos textos de cordéis escritos pelos participantes da pesquisa. Para mim, o mais importante foi perceber que, nesse pouco espaço de tempo, foram criadas várias possibilidades para que os/as discentes desenvolvessem suas capacidades leitoras e criativas, significativamente. Isso reflete o que pontua Dewey (2010, p.146), ao dizer que “é esse o resumo de toda experiência revestida de significado”.

Desta forma, esta oficina teve como objetivo planejar e organizar a apresentação dos cordéis escritos pelos participantes deste estudo, com colaboração dos/as colegas e com o auxílio da docente, para a última oficina. A seguir segue o roteiro da organização das apresentações.

- **O que aprendemos durante as oficinas de leitura e criação**

Figura 11 – Cordéis produzidos pelos/as estudantes da EJA

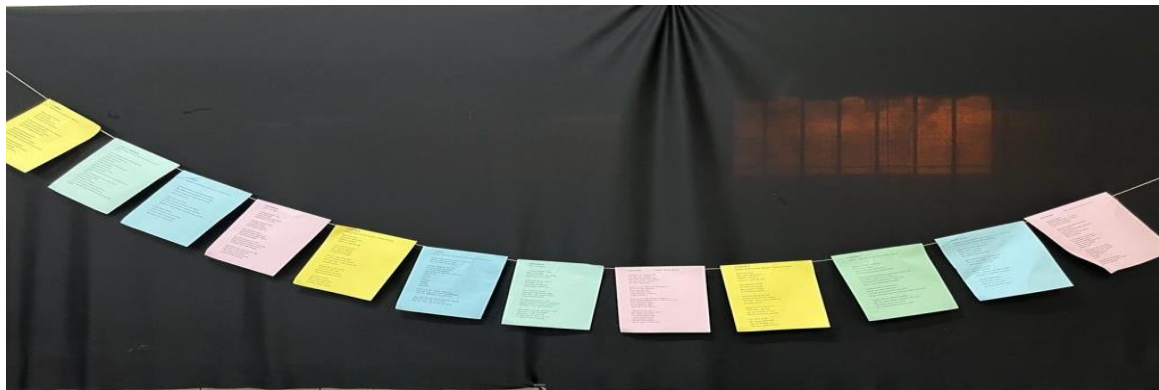


Foto: a autora, 2023.

### **Apresentação – etapa VII**

- **O Etapa VII apresentará para o Etapa VI - Turma B**

#### **Organização da sala**

- **Responsáveis:** Cristina; Edielia; Luciana; Wiliane

#### **Alimentação: pratos típicos**

#### *Doação da gestão escolar*

- Cuscuz c/ carne seca
- Mungunzá
- Lele
- Sucos

#### *Doação dos/das participantes da pesquisa*

- 2 Bolo de Milho
- 2 Bolo de Tapioca
- 2 Bolo de Carimã:
- Paçoca de Amendoim
- Pé de Moleque

- **Arrumação da sala**

**Materiais:** chitas, malha preta, peneira, esteira de palha, plantas, chapéus, os cordéis, entre outros

- **Apresentação - etapa VII**

- TEMA:** Literatura de Cordel, Fonte de Inspiração na EJA

□ **OBJETIVO:** Os/as estudantes apresentaram suas produções para seus/as colegas, tendo como objetivo possibilitar aos/as discentes experienciarem a leitura de Cordel no espaço da sala de aula, ampliando e/ou potencializando as habilidades de leitura dos/as participantes do estudo, valorizando suas culturas, os contextos dos/as estudantes.

## • **Abertura**

Horário: 19 horas

**1º Momento:** Fala da professora pesquisadora

Iniciei o momento agradecendo os/as participantes do estudo e a professora regente Joana pela permissão de realizar a pesquisa na sala deles/as. Foi perceptível nos olhares dos/as estudantes o quanto o estudo significou para eles/as. Assim para ratificar este momento trago a fala do educando Raziél *“Meu nome é Luis Raziél tenho 19 anos , atualmente trabalho como ajudante em uma oficina mecânica, pretendo cursa mecânica automotivo, eu sempre gostei de tudo que tinha haver com rimas e poesias e participar do projeto sobre os cordéis foi uma experiência incrível na qual pude aprender bastante, pude ver que através da arte dos cordéis podemos expressar nossa forma de pensar , podemos fazer críticas sociais sem precisar ofender ninguém e muitas outras coisas..., pra mim foi muito bom ter participado desse projeto e com certeza vou lembrar pro resto da vida”*.

A meu ver foi importante compreender que realizar as oficinas de leitura e criação possibilitou os/as educandos/as expandir seus horizontes e assim vivenciaram momentos de leituras, escritas e reescritas, nas quais tiveram contatos com textos de cordéis e abriram novas portas para o conhecimento. Diante do exposto foi preciso sensibilizar, estimular e despertar o interesse no gênero textual Cordel, pois de acordo Filho (2018, p.118)

Para se alcançar o melhor resultado possível é preciso ter a consciência de que o texto literário possibilita uma grande variedade de sentimentos, que levam a reflexões sobre as diversas áreas do conhecimento social e da cultura da humanidade. Ter a consciência que a literatura transporta o leitor a mundos diferentes, onde ele encontrará a liberdade de criação e expressão, de fantasia e imaginação

Seguindo essa linha de pensamento que o estudo foi realizado e na última oficina houve a apresentação dos cordéis com a participação dos demais estudantes e a comunidade escolar.

**2º Momento: O que aprendemos no processo deste estudo — Fala dos/das alunos/as participantes da pesquisa**

*Eveline*

1. O que é Literatura Cordel?
2. Importância do Cordel.
3. Principais Cordelistas
4. Onde encontramos os cordéis?

**2º Momento: Apresentação das produções dos/as estudantes.**

**Os/as estudantes a seguir leram alguns cordéis escritos pelos/as colegas , que estão posto no anexo desta dissertação.**

- Luiz Raziel
- Eveline
- Liriana
- Rafael dos Anjos, ex aluno
- Wiliane
- Adriele

Ao se depararem com os textos estudados em sala de aula e os escritos por eles/as os alunos/as foram desafiados a utilizar habilidades para a compreensão textual. Conforme Antunes (2003, p.77), “a leitura depende não apenas do contexto linguístico, mas, também, do contexto extralinguístico de sua produção e circulação”.

Desta forma, o aluno foi convidado a interagir com diversas formas de linguagens verbais e não verbais, pois as formas de comunicação exigem um leitor capaz de ser interlocutor, de modo que tenha condições de interpretar os mais variados textos e posicionar-se criticamente diante deles.

#### 4.10 Décima e última oficina: Senta aqui, que, agora, tem Cordel

Figura 16 – Apresentação do Cordel



Foto: a autora, 2023.

Nessa última Oficina de Leitura e Criação, no dia 31 de maio de 2023, às 19:30, foi realizada a última oficina, com o título: *Senta aqui, que, agora, tem Cordel*. Neste dia da culminância das oficinas estavam presentes a professora regente da turma Joana da Silva, a professora Glória Gomes, a secretária da escola Terezinha Paim, a vice-diretora Tatiane Francisco, a professora de Geografia, Glória Gomes, a funcionária da secretaria, eu, a professora, e os/as estudantes da EJA da Etapa VI, da Etapa VII e o ex-aluno convidado, Rafael dos Anjos.

Esta oficina teve como objetivo compartilhar com as pessoas presentes os textos literário de cordel escrito produzidos pelos/as participantes do estudo, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos, além de apreciar os cordéis escritos pelos/as estudantes, observando efeitos de sentido criados por esse formato do texto.

Diante desse contexto, trago, aqui, uma reflexão de Lírio (2020, p.135):

É necessário compreender, entretanto, que a leitura da experiência estética não diz respeito apenas à decodificação e à descrição de procedimentos do processo e traços do que foi criado, mas, além disso, refere-se a pensar estratégias que possibilitem a criação de (auto)narrativas acerca de como esses elementos

atravessaram a poética, como criamos, enfim, como nossa própria experiência se constituiu. Isso pode ocorrer de diversas maneiras, que vão do registro verbal, em diários de bordo, por exemplo, a mapas, criação de imagens, atividades práticas, rodas de conversa, entre outras possibilidades.

Esse pensamento vai ao encontro do processo, uma vez que as atividades realizadas foram organizadas, fazendo registro durante as oficinas e me avaliando, durante todo o processo do estudo. E, ainda, valorizando as contribuições de cada estudante que participou da pesquisa, bem como aos/as próprios/as, respeitando seus medos, anseios e os incentivando a não parar.

Iniciei cumprimentando os/as presentes, agradecendo os/as participantes da pesquisa e ressaltando o quanto foi importante a sua participação naquele percurso. Desejei sucesso na sua jornada de estudos e agradei a todos/as presentes. Em seguida, a professora Glória Gomes ressaltou sobre a relevância das oficinas de Literatura de Cordel para os/as estudantes e a professora Joana Silva apontou os momentos que vivenciou com os/as participantes da pesquisa e comigo, o quanto foi importante poder colaborar nesse momento especial de minha pesquisa.

Dando continuidade, a aluna Rita Moura<sup>34</sup> iniciou as atividades abordando sobretudo aprendido no decorrer das oficinas, na sala de aula, sobre a Literatura Cordel, a importância desse gênero textual, na escola, assim como, para o fortalecimento das identidades. Ela citou um dos mais importantes e admirados cordelistas da literatura brasileira que é Patativa do Assaré e trouxe informações sobre onde encontramos os seus cordéis. Além disso, ela finalizou relatando que gostou muito do trabalho, porque foi um trabalho diferente daquilo que eles/as estavam acostumados a estudar na sala de aula.

Em seguida, essa aluna convidou os/as estudantes da EJA e o ex-aluno para socializarem seus cordéis. Eles/as demonstraram estar ansiosos/as e nervosos/as, mas fizeram a leitura dos cordéis produzidos por eles/as. Desta forma, acredito que trabalhar com atividades que chamem atenção e envolva os/as aprendizes enriquecem a aprendizagem e possibilita aos/as mesmos/as adquirirem novos conhecimentos.

Nesse contexto de ensino e aprendizagem, foi propiciada uma prática de leitura na qual os/as educandos construíram conhecimentos através da interação leitor-texto-autor, resultando, assim, em um/a leitor/a crítico/a, pois a leitura deixou de ser vista como mera decodificação e passou a constituir um processo de construção sentido.

---

<sup>34</sup> Nome fictício da aluna da EJA

Figura 13 – Apresentação de Rita Moura



Foto: a autora, 2023.

Após a apresentação dos/as estudantes da EJA, o ex-aluno, Rafael dos Anjos, falou um pouco de como era na época que estudava e o quanto a literatura lhe proporcionou conhecer outros caminhos, a interagir com diversas formas de linguagens verbais e não verbais. Sua experiência traduziu que as formas de comunicação exigem um leitor capaz de ser interlocutor, de modo que tenha condições de interpretar os mais variados textos e posicionar-se criticamente diante deles.

Figura 14 – Apresentação do ex-aluno Rafael dos Anjos



Foto: a autora, 2023.

*Sempre gostei da cultura, da arte. Fui atraído por elas. Sempre me chamam para fazer rimas. Eu era visto como garoto da bagunça, ficava sentado no fundo, sempre tive professor que me incentivou. Desde o ginásio, sempre tive o gosto pela arte, a área que sempre me atraía. A galera sempre chamava para fazer rimas, a parte artística. Fui atraído pela parte*

*artística, gosto de fazer rimas, raps, hoje sou fotógrafo, o que também é ligado a artes. Sou grato por ter professores que sempre me incentivaram no meio artístico. Este Cordel que vou ler, escrevi após as aulas de Língua Portuguesa. A professora Marilene explicava o assunto e eu ficava no fundo da sala sentada, escutando-a. Não que eu gostasse de Cordel e sabia escrever. Ao ser desafiado, escrevi um e isso me levou para uma apresentação em Salvador, no Projeto Estruturante, o TAL<sup>35</sup>. Não fiquei em primeiro lugar, devido a um deslize. Mas foi importante para minha identidade pessoal e intelectual. Esse Cordel que escrevi, estava com dezoito anos. Há doze anos, foi escrito no período da revolta, era um pouco ácido, eu era jovem, subversivo, muito questionador. Com essa apresentação ganhei meu primeiro celular e tablet. Hoje, a visão mudou um pouco. Hoje, tenho trinta anos.<sup>36</sup>*

Durante o depoimento do ex-aluno, Rafael dos Anjos, os/as discentes ficaram em silêncio. Foi um silêncio total. Acredito que chamou atenção por ser um ex-aluno da escola, pela sua maneira de falar, o modo como declamou e o jeito simples de se expressar e dizer para todos/as que não tenham medo, provocando os/as estudantes, para eles/as sejam quem quiserem ser, que estudem e batalhe, pelos seus sonhos. Nesse sentido, diante daquela oficina, concordo com Lírio (2020, p. 89), ao apontar, a partir da sua experiência como professor-artista, que “precisávamos experienciar, experimentar, afetarmo-nos, atravessar e sermos atravessados com e pela arte”.

Para finalizar, a aluna Rita Moura declamou seu cordel, cujo título era *Determinação*. Antes, ela fez um relato sobre a escrita do seu Cordel e o porquê do título. Ela disse:

*não deixe seu sonho morrer, pois eu mesma barrei o meu sonho, fechando a porta dele, quando parei de estudar. Mas, no ano passado, determinei a voltar estudar e peguei essa palavra, "determinação". Seja determinado, porque sem ela você não chega a nenhum lugar, você encontra barreiras, você encontra dificuldades, mas não desista de seus sonhos, porque você é a/o único/a que faz seu sonho morrer. A única pessoa que pode impedir você de chegar aonde quer é você mesmo. Portanto, seja determinado/a, onde é que você quer chegar, alguém pode chegar para você dizer a menina.<sup>37</sup>*

Conforme Velloso (2017, p.116), “o ensino de cordel como instrumento de leitura talvez ainda não tenha se efetivado, pois exige a superação de uma cultura grafocêntrica, a qual é incapaz de considerar como objeto de leituras em suas amplas potencialidades os gêneros oriundos da oralidade”. Com firmeza e simplicidade, os/as participantes deste estudo se dedicaram nas leituras e apresentações, vencendo barreiras de se tornarem leitores/as e escritores/as de seus próprios textos.

Ao término das apresentações, um aluno fez um relato no qual sinalizou a importância do trabalho, porque ofereceu momentos de prazer, além de proporcionar a oportunidade

---

<sup>35</sup> Tempos de Artes Literárias

<sup>36</sup>Esse registro foi antes da apresentação do ex-aluno Rafael dos Anjos. Gravei o que ele falou e transcrevi.

<sup>37</sup>Esse registro foi da aluna Rita Moura, também antes da apresentação na sala de aula e transcrito.



para desenvolver não só a escrita, mas, também, a oralidade, por ele ser muito tímido. Ele conseguiu vencer a timidez e se apresentou em público, o que, segundo ele, com seu crescimento.

Houve, também, o relato da professora colaboradora Joana Silva: *“este trabalho foi desafiador, mas valeu muito a pena, uma vez que oportunizou os alunos conhecerem a Literatura de Cordel, mas também aprimorarem o processo da escrita e da leitura, a oralidade, além de fomentar os/as discentes a lerem e escreverem com mais frequência”*.

Durante a realização da pesquisa, realizei as Oficinas de Leitura e Criação e, como já foi explicado, nas criações dos cordéis a professora Joana Silva colaborou, dando continuidade às atividades desenvolvidas nas aulas anteriores, pois os/as participantes demonstraram interesse em continuar com as atividades iniciadas por mim. A docente tinha, com essa turma, três aulas, dois dias de suas aulas eu assumi, durante o estudo. Portanto, na única aula que ela esteve com a turma, ela continuou atividade iniciada por mim. Ressalto que todo encaminhamento era feito sobre minhas orientações, o que ela reforçava com os/as discentes.

Apresentei, aqui, as Oficinas de Leitura e Criação, que são frutos, compondo e sendo produto, junto a essa dissertação, da minha pesquisa, composta pela minha e por outras vozes, entre experiências pedagógicas e criativas. Compartilhei algumas vivências e provocações e, agora, sigo aprendendo continuamente e anseio por suas reverberações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrer uma trajetória de leituras, escritas e reescritas nesse estudo, sempre fiz o movimento sistemático de ação-reflexão-ação, em busca de entender o meu processo formativo de leitora e dos/as estudantes da EJA. Chego ao final deste percurso com o desejo de que as discussões e reflexões aqui expostas tenham apresentado caminhos para um processo de construção de aprendizagem. Fui provocada a mergulhar em caminhos diversos, talvez, nunca pensados ou imaginados. Assim, fui mapeando e rascunhando meus escritos.

Nesse processo de construção de conhecimento, início as minhas considerações finais embasadas no seguinte pensamento de Lírio (2020, p. 31):

[...] nas múltiplas dimensões a serem consideradas no que tenho chamado de poéticas de sala de aula: processos criativos e de aprendizagem entrecruzadas; abordagens pedagógicas na sala de aula que gerem interação, ação, reflexão e construção de conhecimentos, saberes e fazeres; percepção dos sujeitos desse ambiente de aprendizagem em suas múltiplas dimensões (cognitivas, emocional, sensorial, sócio-histórico-política e cultural); e, ainda, o entendimento desse lugar como espaço-tempo dialógico do fazer e do refletir.

Dialogando com esse pensamento, as atividades realizadas na turma EJA foram participativas, os/as estudantes dialogaram entre si, faziam perguntas a mim e aos/às colegas, buscando compreender o texto. Alguns/algumas alunos/as sanaram suas dúvidas com os/as próprios/as colegas no grupo de estudo, pois alguns/algumas preferiam realizar as atividades em duplas ou trios.

Nesse percurso, os/as participantes foram convidados/as a interagir com diversas formas de linguagens verbais e não verbais, pois, como venho apontando, considero que as formas de comunicação exigem um/a leitor/a capaz de ser interlocutor/a, de modo que tenha condições de interpretar os mais variados textos e posicionar-se criticamente diante deles.

Nesse contexto do estudo, inserir a Literatura de Cordel constitui um princípio de transformação na compreensão do que é ler no ambiente escolar, em um momento inusitado da linguagem plural, propiciando aos/às discentes, sujeitos ativos dessa aprendizagem, um novo saber.

Trouxe para meu estudo esse gênero textual, porque, desde a minha adolescência, realizava leituras dos textos de cordéis para minha mãe e avó, porque elas gostavam de ouvir e o ato de ler contribuiu para minha formação leitora. Minha mãe comprava esses

livros na feira livre na cidade, onde ia fazer compras e, no final de semana, eu fazia essas leituras.

Sendo assim, levar para o ambiente da sala de aula o gênero literário Cordel foi de grande relevância, uma vez que reconheci que dialoga com os contextos dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, contribuindo, dessa maneira, com o processo de formação leitora desses/as estudantes.

Para tanto, tive em vista pensar um ensino da leitura que considerasse as atividades concretizadas pelos sujeitos dentro e fora do ambiente escolar, com o propósito de possibilitar espaços de leitura, de debates e reflexões com os quais, antes de tudo, os/as estudantes pudessem se identificar, reconhecer-se e se expressar, a fim de possibilitar oportunidades de melhores usos da linguagem.

Logo, oportunizá-los/as uma aprendizagem diferenciada, no contato com diversos gêneros textuais, desenvolve com eles/as a competência leitora e criativa, sobretudo no sentido de se desprender de atividades de reprodução, que apontam tão somente ao/a estudante passar olhos sobre o texto, decifrando palavras, sendo um mero leitor/a, decodificador/a.

Para tanto, foi necessário conhecer o perfil dos/as estudantes e suas necessidades e interesses, para que a minha prática pedagógica fosse expressiva na vida deles/as, principalmente por reconhecer que a aprendizagem da leitura é essencial para a integração do sujeito nas práticas sociais do letramento em sociedade.

Nessa perspectiva, considere quem são esses/as jovens e adultos, os quais, a maioria das vezes, vão direto do trabalho para a escola, que saem de suas casas à noite, deixam suas famílias, moram distante do colégio e, mesmo cansados/as, estão lá, para estudar e concluir seus estudos.

Nesta trajetória de idas e vindas, de diversidade de vozes e identidades foi preciso criar possibilidades para que eles permanecessem no espaço da sala de aula. Junto a isso, um dos movimentos desse estudo foi o de mapear quais e como poderiam ser feitas ações coletivas para que os jovens e adultos pudessem vivenciar e construir um processo de ensino e aprendizagem de leitura voltado para autonomia.

Ao observar esses/essas estudantes surgiram algumas inquietações: O que fazer? Como fazer para que esses discentes se envolvessem nas atividades propostas? Quais práticas pedagógicas poderiam ser desenvolvidas no espaço da sala de aula? Nesse cenário, foram pensadas, planejadas, elaboradas e aplicadas as oficinas de leitura e criação

em um processo de interação dialógico, respeitando as diversidades de saberes presentes no contexto da sala de aula.

Nesse sentido, no percurso desse estudo, foi oportunizado aos/as estudantes ter acesso ao gênero textual Cordel, expandindo sua competência leitora nos diferentes espaços de vivências e experiências. Para tanto, acompanhei e avaliei, continuamente, o envolvimento dos/as aprendizes, as dificuldades expostas durante a aula, bem como, analisei e pensei quais ações poderiam ser feitas para preencher as lacunas identificadas, podendo, assim, contribuir para a formação daqueles/as estudantes da EJA, enquanto leitores/as autônomos/as dos diversos gêneros que circulam na sociedade.

Nesse sentido, eu, como professora, em minha prática na sala de aula, busquei oportunizar aos estudantes as diversas possibilidades de expressão, sejam elas corporais, orais, verbais e/ou não verbais. Trazendo, assim, a arte para o contexto escolar, dando espaço para as representações, criações e apreciações. Para chegar a essa abordagem, além da contextualização já citada, investiguei quais práticas pedagógicas seriam favoráveis para a eficácia do ensino da leitura. E, por último, como a Literatura era trabalhada em sala de aula, em especial a Literatura de Cordel.

Desta forma, foram desenhadas as Oficinas de Leitura e Criação, que possibilitaram, ao mesmo tempo, realizar a experiência e estudar o contexto escolar onde trabalhamos e, também, considera a história pessoal, cultural e social dos sujeitos que constituem a sala de aula e as condições específicas nas quais ocorre o ensino-aprendizagem. Assim, construí uma relação de interação com os/as educandos/as com a prática pedagógica realizada no cotidiano escolar, através dos textos de cordéis.

Nesse processo de descobertas e aprendizagens, trago as minhas considerações que ecoam as minhas escritas, reescritas, leituras, práticas pedagógicas, bem como meus anseios. Assim, fui provocada a rascunhar minha escrita nesta pesquisa e vivenciar as experiências estéticas no espaço da sala de aula, junto aos/às discentes, no pátio do colégio. Seguindo esse pensamento de Lírio (2020, p. 113): “A construir conhecimento, sem amarrar, sem encerrar, sem fechar respostas e possibilidades de outros arranjos”.

Nesses dois anos e meio de encontros e desencontros, tinha a certeza de que ia concluir a pesquisa, mas como faria isso, se logo no início da escrita paralisei? E o tempo passa rápido, muito rápido. O que fazer? E as dificuldades na escrita, na leitura? Qual caminho seguir? E as janelas que eu abria e não fechava. Mas vou fechar a janela, professor Vinícius! Parecia que ele falava grego. O que devo fazer? "Primeiro, você

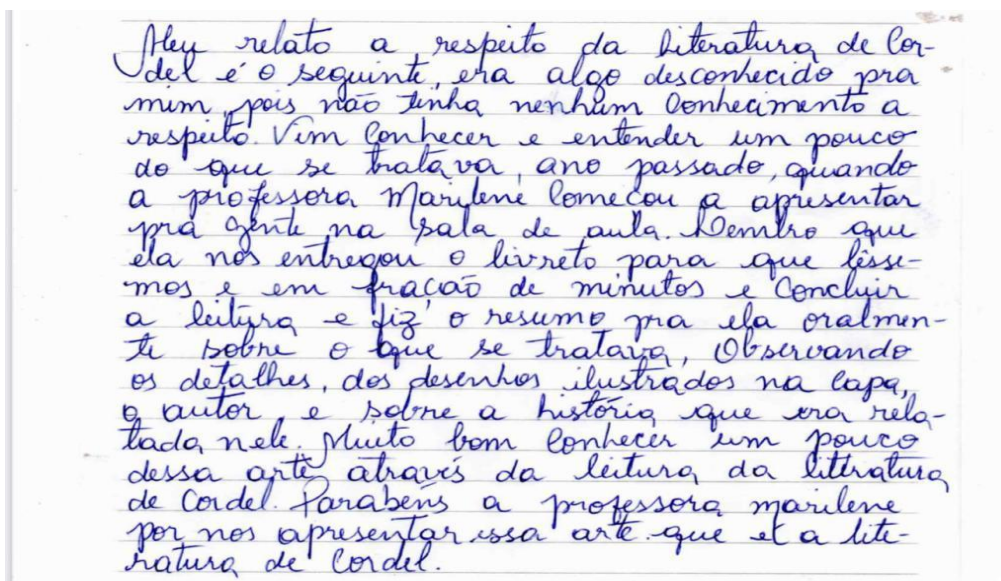
descreve a situação, depois, analisa a situação e, por último, interpreta”, dizia ele, meu orientador. E, assim o fiz, tentei.

Já finalizando, constato que consegui. O estudo realizado no colégio no qual atuo, há tantos anos, foi de grande importância para o meu crescimento intelectual, profissional e pessoal, por acrescentar novos conhecimentos e saberes para os/as estudantes e para mim. Nesta pesquisa, me reconheci como uma profissional que posso alcançar voos mais altos, que tenho capacidade para aprender mais.

Durante este processo, fui aperfeiçoando meu conhecimento, minha prática pedagógica, tive momentos de muito estresse, mas nunca pensei em desistir. Transitei nos entrelugares, me movimentei. Fui atravessada por diversos saberes, pela experiência estética, pelos acontecimentos inusitados da sala de aula, com os não dos/as estudantes.

Assim, retomo as atividades realizadas na sala de aula com a Literatura de Cordel, na última oficina, quando os/as participantes do estudo apresentaram seus cordéis e a aluna Rita Moura escreveu o relato a seguir.

Figura 15 – Relato da aluna Rita Moura



Meu relato a respeito da literatura de Cordel é o seguinte, era algo desconhecido pra mim, pois não tinha nenhum conhecimento a respeito. Vim conhecer e entender um pouco do que se tratava, ano passado, quando a professora Marilene começou a apresentar pra gente na sala de aula. Lembro que ela nos entregou o livrinho para que lessemos e em fração de minutos e concluir a leitura e fiz o resumo pra ela oralmente sobre o que se tratava, observando os detalhes, dos desenhos ilustrados na capa, o autor, e sobre a história que era relatada nele. Muito bom conhecer um pouco dessa arte através da leitura da literatura de Cordel. Parabéns a professora Marilene por nos apresentar essa arte que é a literatura de Cordel.

Autoria: Aluna Rita Moura, 2023.

Ao término das apresentações, ela escreveu esse relato que demonstra o quanto essas Oficinas de Leitura e Criação foram relevantes para ela, o quanto contribuíram no processo de construção da aprendizagem da aluna.

Outro aluno, João relatou: “essa atividade significou muito pra mim, eu gosto muito de rimas e de poemas. Eu não conhecia o cordel, mas estou gostando muito de conhecer. É uma arte muito bonita”. Esse aluno é muito calado, praticamente não participa e,

quando participa das aulas, fala muito baixo. É um aluno que falta muito, devido ao trabalho. Então, ler esses relatos me mostram que o caminho a ser trilhado é esse: oportunizar aos/as discentes a trilhar caminhos jamais imaginados.

A professora Joana Silva escreveu o seguinte relato:

*Esse momento foi marcado pela experiência da leitura dos cordéis produzidos pelos/as alunos(as), no qual os/as mesmos(as) se colocaram como protagonistas dessa produção no contexto de sala de aula. Através do convívio com suas produções os/as discente tiveram contato com as diferentes linguagens, a verbal (oral ou escrita), a visual (por meio da imagem), as rimas que, por sua vez, são essenciais e sem elas não se faz um cordel, além dos versos e das estrofes. Vale ressaltar que foi um momento muito importante e gratificante oportunizar aos alunos o contato com a literatura de cordel, oferecendo condições para que eles percebessem a importância dessa literatura para cultura popular, para o fortalecimento das identidades regionais, além de desenvolver a potencialidade da leitura dos alunos da EJA.*

Segue mais alguns relatos de outros/as estudantes sobre a leitura do gênero textual Cordel, os quais trago nesse momento de conclusão, por ser muito gratificante, para mim, lê-los. Então, os compartilho:

**Aluno 2**

*Sinalizou a importância do trabalho, porque ofereceu momentos de prazer, além de proporcionar a oportunidade para desenvolver não só a escrita, mas também a oralidade, por ele ser muito tímido, ele conseguiu vencer a timidez e se apresentou em público, contribuindo com seu crescimento.*

**Aluno 3**

*Conclui que este trabalho foi desafiador, mas valeu muito a pena, uma vez que oportunizou os alunos conhecerem a literatura popular, mas também aprimorarem o processo da escrita e da leitura, a oralidade, além de fomentar os discentes a lerem e escreverem com mais frequência.*

Desse modo, chego ao final desta pesquisa com a certeza de que as contribuições das leituras, dos estudos, das orientações, me fizeram trilhar novos caminhos. Essas novas vivências, maneiras diferentes de realizar atividades, em sala de aula, e experienciar o novo, provocou reflexões em mim, ressignificando o conceito de leitura e criação.

Para finalizar, apresento um cordel que retrata a minha identidade, esse Cordel foi escrito por minha amiga, Joselita da Encarnação:

Nascida em Pedrão  
Uma cidade da Bahia  
Sempre fui otimista  
Vivendo a cada dia  
Cativando a todos  
Com minha simpatia

Aos 17 anos de idade  
Em Candeias vim morar  
No Colégio Santa Lúcia  
Nessa minha trajetória

Muita dificuldade encontrei  
Enfrentando tudo e todos  
Eu nunca me amedrontei  
Por isso que eu pude chegar  
Aqui onde cheguei

Fui estudar  
Com empenho e dedicação  
Para no Magistério formar

Sou chamo Marilene Sacramento Miranda  
Defensora da educação  
Para jovens e adultos  
Dedico minha atenção  
Trazendo sempre à tona  
O respeito pelo cidadão.

Não foi tarefa fácil  
Difícil também sei, que não foi  
Pois sempre seguir a vida  
Conforme o meu coração  
As palavras de hoje  
São de fé e gratidão<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Joselita da Encarnação (2022)

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia Azevedo de. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

ALMEIDA, A. A EJA: uma educação para o trabalho ou para a classe trabalhadora? *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, Salvador, v. 4, n. 8, 2016.

ANDRÉ, Marli Eliza de Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

ANTUNES. Irandé. **Aula de Português: Encontro & Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**-Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**- Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ASSARÉ, Patativa. **Cante Lá Que eu Canto Cá**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoPc8wLORAK>. Acesso 11 mar. 2022.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BARCELOS, Valdo. **Currículo e práticas pedagógicas**. 3ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2012.

BARZOTTO, Leoné Astride (organizadora). **Literatura & Cultura: - fronteiras do saber**-Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

BESSA, Bráulio. **Sobre Amizade**. Youtube, 07/06/2019. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FMDcc79PC4s>. Acesso em: 01 de nov. 2022.

BÍBLIA, A. T. Eclesiastes. In BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar- GESTAR II. Formação Continuada de Professores dos anos/séries finais do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa: **Caderno de Teoria e Prática 3, Gêneros e tipos textuais.**, Brasília, 2008.



BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**/Carmen Brunel. – Porto Alegre: Mediação, 2004. 96p.

CARRANO, Paulo. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”**. In: Revista REVEJA (UFMG), 2007. Disponível em: [http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educa%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_jovens\\_e\\_adultos\\_e\\_juventude\\_-\\_carrano.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educa%C3%A7%C3%A3o_de_jovens_e_adultos_e_juventude_-_carrano.pdf). Acesso em :23 dez. 2021.

CHARLOT, Bernad. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

CONCEIÇÃO. Claudia Zilmar da Silva e GOMES Carlos Magno. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 16, n. 2, 2016 – ISSN 2358-5870.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON. Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 ed. 12ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo Martins Fontes, 2010.

DECLARAÇÃO DE HAMBURGO SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS (CONFINTEA), 5. Hamburgo, Alemanha, 1997.

FERREIRA, Eliane Ap. Galvão, MARQUES, Francisco Cláudio Alves e Bulhões, Ricardo Magalhães (orgs.). **Literatura de Cordel Contemporânea: voz, memória e formação de leitor**, Campinas, SP: Mercado das Letras, 2020.

FILHO, Djalma Barboza Enes. **Letramento literário na escola: a poesia na sala de aula**. 1ª ed.-Curitiba: Appris, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUERSON, Milena. **“Existência e Arte”** - Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei – Ano V – Número V – Janeiro a Dezembro de 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: Investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber livro Editora, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IPHAN. **Literatura de Cordel**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1943>. Acesso em 29 de set. 2022.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KLEIMAN, Ângela B. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas (SP): CEFIEL, 2005.

LARROSA, Jorge. **Tremores Escritos sobre experiência**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÍRIO, Vinícius da Silva. **CRIAR, PERFORMAR, CARTOGRAFIAR: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinadas do teatro e da arte**. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2020.

LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura Popular**. Editora Brasiliense B-1993.

MACHADO, Marina Marcondes. **O Diário de Bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em Artes Cênicas**. Sala Preta (USP), v.2, p.260-263, 2002.

MIRANDA, Marilene Sacramento, SANTANA, Bruna Vasconcelos de e SILVA, Laureci Ferreira da. Vivenciando o Letramento Científico na Educação de Jovens e Adultos (EJA) EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CANDEIAS-BA. ICCAL-International Congress of Critical Applied Linguistics Brasília, Brasil – 19-21 outubro 2015.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MELO, Rosilene Alves (org.). **Literatura de cordel: conceitos, pesquisas, abordagens**. 1.ed. – Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2020.

MOLL, Jaqueline (org.). **Projetos Práticas & Pedagógicas**. Editora Mediação. 2ª edição. Porto Alegre, 2005.

MOLLICA, Maria Cecília & LEAL, Marisa. **Letramento em EJA**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza. **Letramento Literário e cordel: o ensino de literatura por um novo olhar**. 1ed. – Curitiba: Appis, 2019.

NASCIMENTO, J. C. **A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas**. 2005. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206370\\_6308115ad68d5cd9d76c7e7560aeab43.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206370_6308115ad68d5cd9d76c7e7560aeab43.pdf). Acesso em: 30 ago. 2013.

NASCIMENTO. Lourgeny Damasceno do. **A Importância da Literatura de Cordel no cotidiano dos alunos da EJA Feijó** –Universidade Aberta do Brasil (UAB). Acre, 2011.

PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAULA, de Regina Cláudia e OLIVEIRA. Marcia Cristina de. **Educação de Jovens e Adultos: a educação ao longo da vida**. Curitiba: Ibpx, 2011.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. **Arte na educação da infância: saberes e práticas da dimensão estética**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Educação em Educação, Porto Alegre, 2013.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso; MALAFAIA, Rosana da Silva. **Literatura de cordel e educação: um mosaico interartístico**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 21, jan-abr. 2021 Disponível em <https://eba.ufmg.br/revistapos>. Acesso em 11 de jan. 2022.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, Escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Jair Cardoso. **Candeias: História da Terra do Petróleo**. 2ª edição revista e ampliada. Gráfica Salesiano, Salvador, 2008.

SANTOS, Veridiano Maia dos. **Literatura de cordel: uma possibilidade pedagógica na prática do cotidiano curricular e cultural da educação de jovens e adultos**. Revista Confluências. 2013.

SILVA, Laureci Ferreira da. **Letramentos Acadêmico-Científicos na Formação Continuada de Professoras de Língua Portuguesa**, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2017

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção da identidade e da diferença**. 2020. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5755767/mod\\_resource/content/1/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferen%C3%A7a%20-%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5755767/mod_resource/content/1/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferen%C3%A7a%20-%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf). Acesso em 20 de mar. 2022.

SILVA, Simone Bueno Borges da – Dissertação de Mestrado. **Leitura, Literatura e Alfabetização de Adultos**, Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. **O texto literário na formação de leitores jovens e adultos**. In: SERRANI, Silvana. **Letramento, discurso e trabalho docente**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010, p. 56-70.

SOUZA, Maria das Dores Melo de; LIMA, Célia M<sup>a</sup>. Barbosa de Moraes; PENHA, Gisela Maria de Lima Braga. **A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino da leitura na sala de aula**. Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 6, número 2, edição de dezembro de 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17<sup>a</sup> edição-Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Universidade de Murdoch. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VEIGA, Ilma Passos da. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35.

VELLOSO, Sílvia Gomes de Santana. **Poesia de Cordel: leitura e letramento na EJA**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2017.

## **ANEXOS**

### **ANEXO A – Apresentação das sequências cordelísticas**

A proposta de estudo pretende desenvolver oficinas de leitura com Literatura de Cordel com o objetivo ampliar as habilidades de leitura dos (as) participantes do estudo. Trazer para o espaço escolar as várias linguagens presentes no cotidiano dos/as aprendizes, valorizando a cultura, o contexto no qual dos (as) estudantes.

Acredito que a educação como prática da liberdade é aquela que, sobretudo, é engajada na valorização da expressão dos estudantes.

Para realização da proposta de estudo foi preciso buscar e identificar a natureza das intervenções que podem ser feitas para que o ensino e aprendizagem de leitura e atenda à diversidade dos/as discentes que constituem a sala de aula e dos usos sociais que esses devem fazer. Para tanto faz-se necessário elaborar oficinas de leitura ressignificando a prática da leitura de Cordel, O propósito é possibilitar espaços de leitura, de debates e reflexões.

O trabalho pedagógico será organizado para que as práticas pedagógicas estejam adequadas a proposta de forma criativa e produtiva. O projeto será desenvolvido em uma turma da EJA do noturno, os/as alunos/a envolvidos nesse processo terão oportunidades de ter acesso a diversos textos da literatura de cordel expandindo sua competência leitora. Para tanto, é aceitável pensar no ensino da leitura que considere as atividades concretizadas pelos sujeitos dentro e fora do ambiente escolar, a fim de permitir melhores usos da linguagem por meio dos textos orais e escritos que circulam na coletividade.

Nessa perspectiva, serão investigadas quais habilidades os alunos já desenvolveram, quais as suas necessidades e perspectivas em relação a sua formação leitora. Nesse contexto de ensino e aprendizagem faz-se necessário planejar, aplicar atividades de leitura e de escrita, acompanhar e avaliar o envolvimento dos aprendizes, as dificuldades expostas durante a aula, bem como, analisar e pensar quais intervenções poderiam ser feitas para formar os alunos da EJA em leitores e escritores competentes.

Nesse contexto de ensino e aprendizagem faz-se necessário planejar, aplicar atividades de leitura e de escrita, acompanhar e avaliar o envolvimento dos aprendizes, as dificuldades expostas durante a aula, bem como, analisar e pensar quais intervenções poderiam ser feitas para formar os alunos da EJA em leitores e escritores competentes.

Essas atividades estão descritas nas Sequências Cordelísticas apresentadas a seguir tendo como objetivo geral: Analisar como ocorre o processo de formação leitora dos/as alunos/as da EJA, de uma turma de um colégio Estadual do município de Candeias-BA, a partir da elaboração e desenvolvimento de atividades de leitura e criação, na sala de aula, com a Literatura de Cordel, buscando mapear quais ações podem ser criadas e desenvolvidas, em oficinas para que os jovens e adultos possam vivenciar e construir um processo de ensino e aprendizagem de leitura voltada para autonomia.

### **ANEXO B – Sequência Cordelística**

**Instituição:** Colégio Estadual Luiz Viana Filho

**Professora:** Marilene S. Miranda

**Modalidade de ensino:** Educação de Jovens e Adultos

**Professor Orientador:** Vinícius da Silva Lírio

### **SEQUÊNCIA CORDELÍSTICA-Literatura de Cordel, Fonte de Inspiração na EJA**

**Primeira Oficina:** Apresentação da proposta

<b>Literatura de Cordel, Fonte de Inspiração na EJA</b>
<p><b>OBJETIVO GERAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formar estudantes em leitores críticos que sejam capazes de ler os diversos gêneros textuais que circulam socialmente e contribuir para ampliar a competência leitora desses sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.</li> </ul>
<b>PRIMEIRA OFICINA – Apresentação da proposta</b>
<p><b>Atividade: apresentação das oficinas</b>  <b>Gênero textual oral:</b> Conversação dirigida</p>
<p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sensibilizar os/as estudantes a fim de envolvê-los para participar ativamente das oficinas.</li> <li>• Estimular os/as alunos para a prática da leitura além da sala de aula</li> <li>• Estimular os/as estudantes falarem de suas leituras.</li> </ul>

<p><b>COMPETÊNCIAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas tendo como referência o texto-</li> </ul>
<p><b>HABILIDADES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apreciar as distintas opiniões, como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo.</li> <li>- Relacionar fatos e informações.</li> <li>- Organizar, expressar ideias e comparar pontos de vista oral.</li> </ul>
<p><b>METODOLOGIA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Através das palavras: LITERATURA, CORDEL, POEMA, ORAL, ESTUDANTES, GÊNERO, RIMA, CRIAÇÃO, ESTÉTICA, LEITURA.</li> <li>• Através das perguntas</li> </ul> <p>(P) Você conhece as palavras expostas no quadro?</p> <p>(E) Sim. Já vi nos livros.</p> <p>(E) Poema tem nos livros, com rimas.</p> <p>(E) O que se faz, a gente precisa ler tudo o que está na nossa volta.</p> <p>(E) A gente pode criar qualquer coisa.</p> <p>(E) Somos nós.</p> <p>(P) E estética?</p> <p>(E) Lembra beleza.</p> <p>(P) Será que essas palavras têm a ver com nosso estudo?</p> <p>(E) Acho que sim.</p> <p>(E) Se faz isso.</p> <p>Logo após esse momento perguntei se gostariam que de conhecer alguns livros de cordéis responderam que eram bons. A aluna Rita Moura perguntou se podia pesquisar na internet sobre a Literatura de Cordel.</p>
<p>OBS: Os alunos/as só começaram expor suas opiniões depois que falei que já estive no lugar que eles estão hoje e perdi muitas oportunidades por me calar com medo de errar e das críticas. Depois desse momento alguns começaram a se expor.</p>
<p><b>RECURSO</b></p> <p>Fichas de palavras coladas no quadro.</p>
<p><b>AVALIAÇÃO</b></p> <p>Terminado esse momento solicitei que avaliassem esse primeiro contato com uma palavra e disseram: bom, importante, diferente.</p>

## Segunda Oficina: Um cordelista da atualidade

<p><b>Atividade:</b> Apresentação do vídeo de Braúlio Bessa</p> <p><b>Gênero textual oral:</b> Conversação dirigida</p> <p><b>Gênero textual:</b> vídeo</p>
<p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer e refletir sobre as tradições orais e do gênero textual Cordel</li> <li>• Analisar o vídeo de Braúlio Bessa</li> <li>• Provocar os/as estudantes para a importância da leitura verbal e não verbal na Literatura de Cordel;</li> </ul>
<p><b>COMPETÊNCIAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas tendo como referência o vídeo. <ul style="list-style-type: none"> <li>- Planejar o desenvolvimento oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores.</li> </ul> </li> <li>• Compreender a linguagem como expressão criadora e geradora de significação e de usos que se fazem dos seus elementos e de princípios em outras linguagens.</li> </ul>
<p><b>HABILIDADES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apreciar as distintas opiniões, como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo tendo como base o vídeo. <ul style="list-style-type: none"> <li>- Relacionar fatos e informações.</li> <li>- Organizar e expressar ideias e comparar pontos de vista oral e escrito</li> </ul> </li> </ul>
<p><b>METODOLOGIA</b></p> <p>Ativação dos conhecimentos prévios, através da imagem de Braúlio Bessa</p> <p>(P) Você conhece essa pessoa do vídeo?</p> <p>(E) Ele passa no programa de Fátima Bernardes.</p> <p>(P) Quem sabe o que ele faz?</p> <p>(E) Fala de poesia de um jeito diferente</p> <p>(P) O que será que ele vai falar? Será que é uma poesia?</p> <p>(P) Quais imagens aparecem no vídeo? As cores?</p>



(E) – Colorida.

Apresentação do vídeo de Braúlio Bessa

Após ouvir Braúlio Bessa

(P) O que acharam do vídeo? Gostaram?

(E) Sim. Ele tem um jeito diferente de falar.

(P) O texto que ele falou foi sobre o quê?

(E) Amizade

(P) E como ele descreve a amizade? Expliquem melhor.

(E) Respeito, valorização, ouvir o outro, respeitar as pessoas da maneira como são.

### **Momento de discussão sobre o vídeo**

-Vocês falaram sobre o poeta, disseram que gostaram, mas ele deixou alguma mensagem? Qual? (E)Que as pessoas devem respeitar o outro, valorizar as amizades, ouvir o que outro tem para dizer, porque isso é importante.

**OBS:** Um aluno falou que às vezes não fala nas aulas, porque os colegas não respeitam, ficam rindo das coisas e na maioria das vezes sabe, mas prefere se calar para não ser criticado.

### **Recursos**

Data show, notebook

### **Avaliação**

Participação dos/as estudantes

**Terceira Oficina: O cordel tem seu lugar na EJA**

<b>TERCEIRA OFICINA: O cordel tem seu lugar na EJA</b>
<p><b>Atividade:</b> Leitura</p> <p><b>Gênero textual oral:</b> Conversação dirigida</p> <p><b>Gênero textual escrito:</b> Cordel</p>
<p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as características do texto.</li> <li>• Utilizar estratégias de natureza linguística extralinguística na leitura.</li> <li>• Distinguir um gênero textual do outro.</li> <li>• Interessar-se pelas atividades desenvolvidas em sala de aula.</li> <li>• Incentivar a leitura dos textos literários.</li> <li>• Conhecer o livro de Cordel.</li> <li>• Interessar-se pelas atividades desenvolvidas em sala de aula.</li> <li>• Desenvolver a capacidade de concentrar-se, abstrair e refletir sobre o assunto abordado na sala de aula.</li> </ul> <p>- Interpretar o texto de um cordel buscando seus sentidos e a identificação com o texto</p>
<p><b>COMPETÊNCIAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas tendo como referência o texto-</li> </ul> <p>- Planejar o desenvolvimento oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ler e interpretar o texto.</li> <li>• Compreender a linguagem como expressão criadora e geradora de significação e de usos que se fazem dos seus elementos e de princípios em outras linguagens.</li> </ul>
<p><b>HABILIDADES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apreciar as distintas opiniões, como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo, tendo como base o texto- As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador de João Martins de Athayde.</li> </ul> <p>- Relacionar fatos e informações.</p>

- Organizar, expressar ideias e comparar pontos de vista oral e escrito.

## **METODOLOGIA**

### **ATIVIDADES PRÁTICAS**

1. Ativação de conhecimento prévios, através da própria imagem da capa dos livros

#### ***Pré-leitura***

- O que vocês podem dizer sobre o livro que pegou?
- Que assunto o texto que traz essa capa vai abordar?
- O que será que vai falar sobre esse texto?
- Nesta capa aparecem imagens, o que elas representam?

#### **Hora da leitura do texto**

- Leitura individual e silenciosa e oral pelos/as estudantes
- Ler em voz alta o texto do livro.

#### ***Pós- leitura***

Perguntas norteadoras para esta etapa da leitura do texto Salada cultural de Mara Figueira e Otávio Velho.

Os alunos devem responder estas questões e depois socializar as respostas com a turma e a professora:

Qual é a relação entre a capa e o texto?

Qual é o tema do texto?

Qual é a finalidade (expor, explicar, convencer, persuadir, defender um ponto de vista, propor uma ideia, apresentar uma pessoa, um evento, uma ideia, relatar um fato, descrever um evento, dar uma notícia, divulgar um resultado, informar, etc.)

Qual é a intenção do texto foi escrito?

A linguagem deste texto é formal ou informal?

Qual é o seu ponto de vista sobre o assunto?

Quais as influências que segundo texto nós recebemos dos índios e dos negros?

## **RECURSOS**

Livros de cordéis, mesa, planta e o pano de chita

### **AVALIAÇÃO**

Participação, produção e análise de leitura, interesse pelas atividades propostas, envolvimento com as atividades realizadas.

**Quarta Oficina:** Patativa do Assaré, um renomado cordelista brasileiro

<p><b>QUARTA OFICINA: PATATIVA DO ASSARÉ – O Renomado Cordelista Brasileiro</b></p>
<p><b>Atividade:</b> Leitura  <b>Vídeo</b> – Cante lá, que eu canto cá  <b>Gênero textual oral:</b> Conversação dirigida  <b>Gênero textual escrito:</b> Cordel</p>
<p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b></p> <p>- Apreciar o discurso do poeta através de sua fala, observando rimas, sonoridades, jogos de palavras, reconhecendo seu pertencimento no contexto em que está inserido e sua dimensão de encantamento.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as características do texto narrado.</li> <li>• Utilizar estratégias de natureza linguística extralinguística no vídeo</li> <li>• Distinguir um gênero textual do outro estudado na sala de aula anteriormente, como, por exemplo, texto jornalístico.</li> <li>• Desenvolver a capacidade de concentrar-se, abstrair e refletir sobre o assunto abordado na sala de aula.</li> </ul>
<p><b>COMPETÊNCIAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas tendo como referência o texto</li> </ul> <p>- Planejar o desenvolvimento oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir com atenção o vídeo: Cante de lá, que eu canto cá.</li> <li>• Compreender a linguagem como expressão criadora e geradora de significação e de usos que se fazem dos seus elementos e de princípios em outras linguagens.</li> </ul>

### **HABILIDADES**

- Appreciar as distintas opiniões, como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo, tendo como base o texto- As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador de João Martins de Athayde.

- Relacionar fatos e informações.
- Organizar, expressar ideias e comparar pontos de vista oral e escrito.

### **METODOLOGIA**

- Ativação dos conhecimentos prévios, através do título: Cante lá, que eu canto cá

Perguntas relacionadas ao título:

(P) Para você por que o autor do texto colocou este título?

(E) Para dizer que tinha duas pessoas, um de lá e outro de cá.

(E) Uma resposta ao poema.

(E) A imaginação dele

(P) Será que a intenção dele era essa?

(E) É o que a gente acha.

(P) Como você descreve as imagens do lugar?

(E) Simples, bem da roça.

(E) Do interior, gostoso de viver.

(E) Retrata as pessoas simples do interior, que plantam, que trabalham na roça.

(E) no vídeo mostra a casa de barro e a paisagem seca do sertão.

(P) E o autor do poema? Como ele é?

(E) Uma pessoa que fala do sofrimento.

(E) Pessoa simples, humilde, mas que tem conhecimento com seu jeito simples.

- **Apresentação do vídeo**

- Análise do vídeo após assistir.

- Comparação das hipóteses levantadas sobre o título do vídeo durante a ativação dos conhecimentos prévios.

- Discussão sobre a linguagem do poeta, como se pronuncia as palavras sem e com determinação, o jeito simples de um homem camponês.

<p><b>RECURSOS</b></p> <p>Vídeo, data show e notebook</p>
<p><b>AVALIAÇÃO</b></p> <p>Participação de todos /as estudantes.</p>

**Quinta Oficina:** Cordel e suas diversidades

<p><b>QUINTA OFICINA: PALESTRA – O Cordel e suas Histórias</b></p>
<p><b>Atividade:</b> Palestra-conversa com os a/as estudantes</p> <p><b>Gênero textual oral:</b> Conversação dirigida</p>
<p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.</li> <li>• Estimular os/as estudantes para a leitura de textos literários e conhecer a riqueza da Literatura de Cordel.</li> </ul>
<p><b>COMPETÊNCIAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas tendo como referência o Cordel.</li> </ul>
<p><b>HABILIDADES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apreciar as distintas opiniões, como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo, através da palestra.</li> <li>• Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros, imagens e sua relação com o texto verbal.</li> </ul>

<p><b>METODOLOGIA</b></p> <p>-Apresentação da professora Edna Santos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Exposição da professora sobre o Cordel</li> </ul>
<p><b>RECURSOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Livros de cordéis</li> </ul>
<p><b>AVALIAÇÃO</b></p> <p>Participação dos/as estudantes por meio de perguntas.</p>

**Sexta Oficina:** Palestra: O Cordel e suas histórias

<p>SEXTA OFICINA – Cordel e suas Diversidades</p>
<p><b>Atividade:</b> Leitura</p> <p><b>Texto-base:</b> As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador de João Martins de Athayde.</p> <p><b>Gênero textual oral:</b> Conversação dirigida</p> <p><b>Gênero textual escrito:</b> Cordel</p>
<p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as características do texto.</li> <li>- Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.</li> <li>• Utilizar estratégias de natureza linguística extralinguística na leitura.</li> <li>• Distinguir um gênero textual do outro.</li> <li>• Interessar-se pelas atividades desenvolvidas em sala de aula.</li> <li>• Desenvolver a capacidade de concentrar-se, abstrair e refletir sobre o assunto abordado na sala de aula.</li> </ul>

### **COMPETÊNCIAS**

- Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas tendo como referência o texto-
- Planejar o desenvolvimento oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores.
- Ler e interpretar o texto.
- Compreender a linguagem como expressão criadora e geradora de significação e de usos que se fazem dos seus elementos e de princípios em outras linguagens.

### **HABILIDADES**

- Apreciar as distintas opiniões, como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo tendo como base o texto- As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador de João Martins de Athayde.
- Relacionar fatos e informações.
  - Organizar expressar ideias e comparar pontos de vista oral e escrito.

### **METODOLOGIA**

- Ativação dos conhecimentos prévios, através do título -As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador de João Martins de Athayde.
1. Vocês conhecem ou já viu esse título em algum lugar?
  3. Por que será que o título são: As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador?
  4. Imagine um texto com esse título- As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador. Para você vai informar sobre o que assunto?

### **HORA DA LEITURA DO TEXTO**

- Distribuição do texto. As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador de João Martins de Athayde.
- Leitura individual e silenciosa pelos alunos e oral pela professora para verificação das hipóteses.

### **PÓS- LEITURA**

Perguntas norteadoras para esta etapa da leitura do texto



Os alunos devem responder estas questões e depois socializar as respostas com a turma e a professora:

1. Qual a relação entre o título e o texto?
2. A linguagem do texto é formal ou informal?
3. O que vocês falaram no início tem relação com o texto?
4. Como vocês sabem, o texto é dividido em estrofe e composto por versos. Então, quantas estrofes o texto é composto?
5. Em grupo, escolha uma estrofe do cordel, leia e explique o que entendeu

### **RECURSOS**

Texto de cordel xerocopiado

### **AVALIAÇÃO**

Participação, produção e análise de leitura, interesse pelas atividades propostas, envolvimento com as atividades realizadas

## **Sétima Oficina: Criação de Cordéis**

**SÉTIMA OFICINA** – Criação dos cordéis

**ATIVIDADE**- Produção dos cordéis

**Gênero textual escrito:** Cordel

### **OBJETIVO ESPECÍFICO**

- Produzir textos de cordéis tendo como base os textos lidos.

### **METODOLOGIA**

- Ativação de conhecimentos prévios
- Retomada da aula anterior sobre “As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador de João Martins de Athayde.
- Explicação sobre a produção dos cordéis.
- Solicitar que produzisse o Cordel tendo como referências os estudados em aula.
- Escrita dos cordéis.
- Revisão

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reescrita dos cordéis.</li> </ul>
<p><b>COMPETÊNCIAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.</li> <li>• Planejar o desenvolvimento oral e escrito, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores</li> </ul>
<p><b>HABILIDADES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Planejar e produzir textos de cordéis com a colaboração da professora.</li> <li>• Ampliar competência leitora e escritora</li> <li>• Criar textos de cordéis, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos.</li> </ul>
<p><b>RECURSOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Caderno do aluno, lápis, caneta, borracha e o próprio livro de Cordel.</li> </ul>
<p><b>AVALIAÇÃO</b></p> <p>Participação dos/as estudantes nas produções dos cordéis.</p>

### Oitava Oficina- Reescrita dos Cordéis

<p><b>GÊNERO TEXTUAL-</b> Cordel</p>
<p><b>OBJETIVO ESPECÍFICO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rescrever o texto levando em consideração as orientações da professora</li> <li>• Produzir atividades de revisão da escrita</li> <li>• Identificar os elementos necessários para a revisão dos textos.</li> </ul>

**METODOLOGIA**

- Ativação de conhecimentos prévios
- Leitura do Cordel pelo aluno
- Discussão sobre o Cordel
- Análise do Cordel feito pelo autor do Cordel
- Destaque do trecho que precisa de revisão
- Leitura oral do trecho destacado para correção
- Escrita no quadro do trecho destacado
- Reescrita do cordel

**COMPETÊNCIAS**

- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Planejar o desenvolvimento oral e escrito, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores

**HABILIDADES**

- Planejar e produzir textos de cordéis com a colaboração da professora.
- Ampliar competência leitora e escritora
- Criar textos de cordéis, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos

**RECURSOS**

Caderno do aluno, lápis, caneta, borracha e o próprio livro de Cordel.

**AValiação**

Avaliar o envolvimento dos/as estudantes na atividade realizada.

**Nona Oficina:** Organização para apresentação

<b>NONA OFICINA – ensaio para apresentação</b>
<b>ATIVIDADE:</b> Organização do roteiro das apresentações.
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Planejar e elaborar as apresentações.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas tendo como referência os textos de cordéis.</li> <li>- Planejar o desenvolvimento oral e escrito, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores.</li> </ul>
<b>HABILIDADES</b>
Produzir e organizar com a colaboração da professora e os/as colegas a apresentação dos cordéis.
<b>AValiação</b>
Participação dos/as estudantes.

**Décima e última oficina:** Senta aqui, que, agora, tem Cordel

<b>DÉCIMA OFICINA-</b> Senta que aqui, que agora tem Cordel
<b>Atividade:</b> Apresentação dos textos de cordéis
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas pelos/as colegas.</li> <li>• Apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido.</li> <li>• Recitar cordel e cantar repentes e emboladas, observando as rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia.</li> <li>- Inferir ou deduzir informações implícitas.</li> <li>• Reconhecer as características do texto.</li> <li>• Utilizar estratégias de natureza linguística extralinguística na leitura.</li> </ul>

- Distinguir um gênero textual do outro.

### **COMPETÊNCIAS**

- Compreender a linguagem como expressão criadora e geradora de significação e de usos que se fazem dos seus elementos e de princípios em outras linguagens.
- Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

### **HABILIDADES**

- Apreciar os cordéis declamados.

### **METODOLOGIA**

- Ativação dos conhecimentos prévios, através dos próprios cordéis.
- Apresentação dos cordéis

### **RECURSOS**

Texto de cordel

### **AVALIAÇÃO**

Participação, produção e análise de leitura, interesse pelas atividades propostas, envolvimento com as atividades realizadas

### **ANEXO C – Fotos Tiradas Durante As Oficinas**









#### ANEXO D – Cordéis produzidos pelos/as estudantes

.. Carinho ..

Uma moça muito bela  
 chega na janela  
 Passa um moço lindo  
 olhando para ela

Todos os dias acordo cedo  
 Minhas metas vou chegar  
 Passo as manhãs fazendo  
 Almoço para os netos almoçar

Um passarinho bateu asas e voou  
 Ele foi para bem longe busca uma fofoca

\*

## DETERMINAÇÃO

HOJE PELA MANHÃ  
ACORDEI DETERMINADO A TRABALHAR  
PARA O PÃO NA MINHA MESA LEVAR  
E MEU FILHO ALIMENTAR

ATRAVÉS DO MEU ESFORÇO ALCANÇAR  
E O MEU SONHO?

O CURSO DE EDIFICAÇÕES CONCRETIZAR  
E NÃO PARA POR AÍ  
ENGENHARIA QUE ME ESPERE  
QUE EU CHEGO LÁ.

NO MOMENTO VOU ESTUDAR,  
MAS BAMBEM QUERO TEMPO  
PARA ME ORGANIZAR  
PARA COM OS FILHOS BRINCAR,  
PARA COM A FAMÍLIA PODER VIAJAR

NÃO POSSO FALAR DE SONHOS  
SEM FALAR DE DETERMINAÇÃO  
HOMEM PARA SER COMPLETO  
TEM QUE TRABALHAR,  
ESTUDAR, LUTAR

TEM QUE TER PROFISSÃO  
DETERMINAÇÃO EXIGE DECISÃO  
ESSA É A SOLUÇÃO?



## Determinação

A determinação é algo  
sem utilidade

É como se fosse uma chama  
existindo no coração

Ainda que esteja apagada

Se mantiver de si

continuando a brilhar

Seis não acaba nunca de

Se o quanto é difícil

construir algo novo não

é mais com nenhum talento

E não determinação

mas a vontade de lutar até

seja feita ou não a determinação

individual e não a determinação

É só a vontade de lutar até

A chama da determinação

## Determinação

Temos que ser determinados  
 Em tudo que fazemos,  
 Não chegar em qualquer lugar  
 Temos que buscar conhecimento  
 Ter amor pelo que fazemos  
 faz toda diferença.

Desde criança sonhava em empreender,  
 Me tornar uma empresária.  
 É isso que quero ser....  
 Abrir minha loja física  
 É oportunidade de emprego  
 a outros oferecer.

E sei que com a ajuda de Deus conseguirei  
 passar pelos obstáculos que a frente encontra-  
 rei, pois sou determinada. E sei onde quero  
 chegar, E com a ajuda de Deus meu sonho  
 irá se realizar.

Todo dia acordo cedo, para das minhas obriga-  
 ções cuidar .... Pois tenho um objetivo e  
 sei onde quero chegar, a noite vou pra esco-  
 la conhecimento buscar, pois sem determina-  
 ção, não se chega a nenhum lugar.

O bagulho tá doido...  
 Violência no Brasil

O Brasil vive um momento,  
 Bem difícil de entender  
 As pessoas que antes passeavam,  
 Hoje vivem a se esconder.

O medo toma conta das pessoas,  
 De um modo assustador  
 A violência está aumentando,  
 E com ela traz muita dor.

Pais enterrando filhos,  
Irmão perdendo irmão  
Por causa de uma besteira,  
Você pode parar num caixão.

O bagulho tá doido,  
E a chapa tá quente  
A violência no Brasil,  
Tá frustrando muita gente.

No mundo hoje em dia,  
Se pararmos pra pensar,  
A violência é um vírus,  
Que está em todo o lugar.

A vida não vale mais de nada,  
Pessoas se jogam na lama  
Tiram a vida do seu irmão,  
Apenas para ganhar fama.

No meio dessa guerra,  
Eu sou apenas um sobrevivente  
Tentando buscar uma resposta,  
Para esses atos inconsequentes

Enquanto isso os políticos,  
Poucos estão a se preocupar  
Por que pra eles o mais importante,  
É sua conta engordar

Cercados por seus seguranças,  
E por suas cercas elétricas  
Eles mostram apenas,  
Sua carência de moral e ética

Estão pouco se importando  
Com quantas vidas se vão,  
Eles realmente se preocupam com o povo  
É na hora da eleição.

Cada um tem o poder  
De virar esse jogo  
Porque o futuro da nação,  
Está na mão do povo.

Rafael dos Anjos de Jesus, 2022